

M 2015



MANI-POLIS-ACÇÃO

AS MÃOS ACTIVAS DA CIDADE

MARIANA DUARTE GABRIEL MARQUES DA SILVA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA
À FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM
ARQUITECTURA

MANI-POLIS-ACÇÃO

AS MÃOS ACTIVAS DA CIDADE

MARIANA DUARTE GABRIEL MARQUES DA SILVA
DISSERTAÇÃO DE Mestrado APRESENTADA
À FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM
ARQUITECTURA

DISSERTAÇÃO SOB A ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR DOUTOR NUNO GRANDE

AGRADECIMENTOS

Reconheço a minha gratidão a tudo o que directa ou indirectamente me foi acontecendo até ao presente. Apenas com algum distanciamento no tempo, sou igualmente capaz de agradecer os momentos mais infelizes e desviantes que agora jazem ordeiramente por entre as páginas desta dissertação. Ela não é senão a expressão máxima desses momentos de desconcerto e dissipação transcritos em palavras. Por isso, resta-me senão agradecer a quem e àquilo que, de certo modo e à sua maneira, contribuiu para um resultado final menos desconcertante:

À Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto pela formação como futura arquitecta e à Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Darmstadt pela experiência pluridisciplinar.

Ao Professor Doutor Nuno Grande, por aceitar acompanhar de uma forma aproximada, compreensiva e paciente todo o processo desde a concepção à sua apresentação.

À Professora Graça Correia pela disponibilidade e amabilidade em acompanhar um momento de leitura.

À minha família pelo constante encorajamento.

Enquanto permanecer na memória será lembrada, como diria Charles Jencks, com um “significado enigmático” para os meus tempos caóticos e de desespero. Por isso “seja aquilo que lhe quiserem chamar. Não partirá de mim a condenação”¹.

¹ MILLER, H. (1981) *Ler na Retrete*. Trad. Aníbal Fernandes. & etc, contramargem

Considering the context of full re-emergence of the cities as strategic places² since the middle of the twentieth century, it is assumed that the city, more than a centre of development, is essentially a place for experimentation and transformation. Its existence is therefore determined by an irreversible process in which it is inevitably subject to a series of mutations, stages and experiments.

Each transformation undergone implies a special sequence of social, economic and environmental consequences and characteristics' regeneration. The prefixes *metro-*, *mega-*, *megalo-* and *meta-* allow the association of different qualities to the word *pólis* and identify four different stages of the city's evolution, distinct from one another when it comes to nature, prevalence and dimension. However, because a city means more than its size and a mere agglomeration of heterogeneous, and not necessarily contiguous, urban territories, it is considered, for the purpose of this study, a *metapólis*, in the sense used by François Ascher³ which implies a much more multifaceted dimension of the city.

Always bearing in mind the over-human dimensions of the city, the interventions in each of its fragments are only possible and should be made at the citizen's scale as well as at the architect's scale and their own hands. Their action plan and mobilization only takes place at this scale.

The combination of these components *where*, *who*, *how* and *what*, which mean *polis*, *hands* and *action*, respectively, aims to find a balanced and positive result from its association. Therefore one can infer the expression *mani-polis-action* which, once combined, can become homogeneous with the word in a homophony way, as well as metaphorically and implicitly, to the *manipulation* method.

² SASSEN, S. (1998) *Globalization and its Discontents*, Nova Iorque: New York Press

³ ASCHER, F. (1996) *Metapolis: acerca do futuro da cidade*, Oeiras: Celta.

RESUMO

Derivado de um contexto de plena re-emergência das cidades como lugares estratégicos⁴ desde meados do século XX, parte-se do pressuposto de que a cidade, além de um centro de desenvolvimento é, essencialmente, um local de experimentação e transformação. A sua existência está por isso determinada por um processo irreversível no qual é inevitavelmente sujeita a um acumular de mutações, estados e experiências.

A cada transformação sofrida há uma sequência própria de regeneração de características e de consequências sociais, económicas e ambientais. Através dos prefixos *metro-*, *mega-*, *megalo-* e *meta-* são associadas diferentes qualidades à palavra *pólis* e identificados quatro diferentes estados de evolução da cidade, distintos entre si quanto à sua natureza, prevalência e dimensão. Mas porque a cidade compreende mais do que a sua grandeza e que uma mera aglomeração de territórios urbanos heterogéneos e não necessariamente contíguos, considera-se, para efeito do presente estudo, a cidade como *metápolis*, enquanto termo utilizado por François Ascher⁵ e tão representativo de uma dimensão mais multifacetada da cidade.

Tendo sempre presente as dimensões sobre-humanas que a cidade adquire, é em cada um dos seus fragmentos que se deduz uma intervenção tanto à escala do cidadão, como do arquitecto e das suas próprias *mãos*. Apenas nela é feita uma mobilização e se desenrola o plano das suas acções.

Do somatório destes componentes *onde*, *quem*, *como* e *o quê*, que representam respectivamente a *pólis*, as *mãos* e a *acção*, procura-se encontrar um resultado equilibrado e benéfico da sua união. Assim da sua combinação se pode formar a expressão *mani-polis-acção* que, ao se aglutinar, tanto se homogeneíza de forma homófona à palavra, como se identifica metaforica e implicitamente a propósito, ao método da *manipulação*.

⁴ SASSEN, S. (1998) *Globalization and its Discontents*, Nova Iorque: New York Press

⁵ ASCHER, F. (1996) *Metapolis: acerca do futuro da cidade*, Oeiras: Celta.

AGRADECIMENTOS	3
ABSTRACT	4
RESUMO	5
ÍNDICE	7
INTRODUÇÃO	11
Objectivo	12
Método	13
Glossário	14
1 PÓLIS	19
1.1. Protótipo	19
1.2. Os prefixos de -pólis: metro-, mega-, megaló-, meta-	23
1.3. (R)evolução?	31
Tempo tridimensional e orgânico	31
A cidade como organismo	33
1.4. Problema de complexidade organizada	35
Interacções urbanas	36
Constantes urbanas	37
1.5. (Re)produção	39
Da escala da cidade à escala global	40
Combinação e reprodução	43
1.6. Redes	45

2	MÃOS	49
	2.1. Cívitas	49
	Fragmentação e individualização	49
	2.2. Direito à cidade: direito colectivo construído	53
	Direito à mudança	55
	2.3. Repercussões e movimentos urbanos sociais	57
	A cidade: epicentro da Revolução	57
	A defesa da cidade	58
	Partilha de escolhas	60
	Consciencialização popular	62
	Acção comunicativa do projecto	64
	2.4. Acção além do desenho urbano	65
	A técnica social do arquitecto	65
3	ACÇÃO	71
	3.1. Combinação de dicotomias	71
	3.2. Ordem natural de processos sintéticos	75
	Sequência-padrão	76
	3.3. Casos de Estudo	77
	Tom McCall Waterfront Park: Portland, EUA	79
	Promenade Plantée: Paris, FR	85
	Embarcadero: São Francisco, EUA	89
	Big Dig/Rose Fitzgerald Kennedy Greenway: Boston, EUA	93
	Cheonggyecheon: Seul, CS	97
	High Line: Nova Iorque, EUA	101
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
	BIBLIOGRAFIA	111
	ÍNDICE DE FIGURAS	117

A escolha por um estudo da cidade, partilha das mesmas motivações pelas quais no virar do milénio, a cidade é também opção para mais “meio mundo” que nela opta por se fixar. Paralelamente ao inexorável crescimento urbano, o interesse pelas cidades tem sido renovado, quer por parte das academias, quer pelos próprios governos. Pelas razões comuns que apenas se têm vindo a perpetuar, não seria frutuoso estar a enumerá-las. No entanto interessa referir que, à luz de uma perspectiva pessoal, a cidade continua a ser vista e contemplada como um laboratório espacial onde se testam inúmeras experiências e a ser, simultaneamente, um organismo vivo que sofre as sucessivas transformações que delas derivam.

Por ser ela a própria “laboratório” deste processo vital, irreversível e acumulativo, a sua escala atinge amplitude tal, que exige uma capacidade de intervenção sobre-humana que a torna, por isso, cada vez mais inacessível e incontrolável. Deste modo, é através dos seus fragmentos e descontinuidades que se manifesta a acção do arquitecto; pela sua proximidade quer à escala do homem quer à escala das suas próprias mãos. É na prática deliberada de acções que se faz e refaz para um desenvolvimento da cidade e se associam questões como *onde, quem, como e o quê*, sob as quais se divide a presente dissertação.

A primeira (pólis) visa a cidade enquanto local, cuja criação e organização se constituem desde sempre como um problema que contempla ser resolvido. À luz desse entendimento, procede-se mutuamente a uma experimentação em tempo e espaço reais, quer ao nível teórico através de ideologias, como prático identificado por tipologias. Por isso considera a cidade em diferentes fases de produção ávida de espaços desde a *metrópolis*, *megapólis* e *megalópolis*, cuja fragmentação e diferenciação de espaços próprias de cada uma, constituem posteriormente e no seu conjunto a *metápolis*. A forma de pensar a cidade como algo passível de ser transformado aproximam o seu tipo de problema às ciências biológicas através das quais se tentam aferir comparativamente métodos e processos de pensar e fazer cidade.

A segunda (mãos) recai sobre os sujeitos ou as *mãos* que fazem parte do campo das acções na cidade. O domínio de *quem* divide-se assim em três principais entidades: o cidadão, o arquitecto enquanto profissional e o Estado. É através das suas interacções que depende um sentido de intervir na cidade que, por sua vez, ao ser transformada altera e faz questionar simultaneamente o papel que desempenha cada um.

A terceira (acção) é explicada e realizada em prol de uma regeneração das discontinuidades espaciais. Reflecte sobretudo sobre formas de acção enquanto as assemelha ao que se processa na “manipulação genética”, através da qual ocorre uma intervenção num determinado curso de um sistema ou processo, com vista à alteração da sua evolução natural. Essa alteração é conseguida através da adicção de elementos que unificam fragmentos e discontinuidades para gerar novas características e realidades viscerais muito diferentes que unem forma à sociedade urbana. Tais acções podem assim materializar-se através de projectos construídos que não só unem fragmentos e discontinuidades da cidade, como introduzem novas características que revitalizam cada lugar.

OBJECTIVO

A partir das diferentes experiências realizadas ao longo da história, são apuradas diferentes maneiras de entender e intervir na cidade. Aceitá-la na sua totalidade e pluralidade requer um exercício mais cirúrgico na sua forma de intervir.

Uma assimilação entre as práticas arquitectónica e científica não parece constituir o objectivo primordial da presente investigação.

Interessa pois, a partir de ambas, apurar métodos de acção que na prática integram, unificam e qualificam espaços descontínuos.

MÉTODO

Considera-se para efeitos de estudo, a *pólis* como entidade abstracta e genérica, que deve ser entendida através da narrativa da sua evolução histórica e sócio-cultural a partir do século XIX, para se perceber as transformações que formaram a cidade actual, a *metápolis*. Além disso, considera-se o período pós-anos 60 de movimentação social motivada pelo questionar da prática arquitectónica na cidade. Por fim são considerados exemplos contemporâneos de projectos construídos, cuja existência reflecte as necessidades materiais de momentos específicos na história e o processo participativo da vontade das pessoas na sua transformação. São casos de acção colectiva e de transformação urbana, que visam alterar as características dos lugares adjacentes: *Tom McCall Waterfront Park* na cidade de Portland, *Promenade Plantée* em Paris, *Embarcadero* em São Francisco, *Rose Fitzgerald Kennedy Greenway* em Boston, *Cheonggyecheon* em Seul e, por fim, *High Line* em Nova Iorque.

Parte integrante da metodologia é igualmente o glossário. Este visa clarificar uma sequência de acções exposta por meio de uma enumeração de formas verbais. Sequência que, no seu conjunto, se assemelha ao processo científico da “manipulação genética” mas intenta, no entanto, descrever o processo transformativo da intervenção na cidade. Ambos transpõem para os termos enumerados as contradições e complexidades que lhe são inerentes. É possível fazer uma interpretação tripartida que coincide com as três fases do processo: *pesquisar* - correspondente aos verbos escolher ou isolar -, *manipular* - que implica alterar, associar e multiplicar presente no próprio acto de projectar e, por fim, *materializar* - com introduzir, integrar, expressar e transmitir.

GLOSSÁRIO

ALTERAR | AMPLIFICAR

Alterar

perturbar; falsificar;
inquietar; excitar; zangar;
modificar; desfigurar.

Amplificar

Dar amplificação a;
dilatar; ampliar; fazer maior.

Acção que implica uma mudança no formato original de um elemento ou uma adaptação em correspondência com os modos de vida correntes, entre os quais a exigência pela conquista de espaço. Consequência do anterior controlo das escalas através das dimensões do homem para uma escala feita à medida do homem e das suas máquinas: carro e avião. A alteração da escala nas cidades por outras várias escalas, das quais a humana é a mais pequena⁶, provoca aquilo que Raul Lino descreve ser a substituição da proporção digna da *Arquitectura* pela dimensão. Nesta amplificação, a sua grandiosidade é medida através da proporção, relação que o elemento estabelece com os outros subsistemas, e não a dimensão que este adquire isoladamente.

ASSOCIAR | COMBINAR

Associar

constituir em sociedade; tomar
para sócio; reunir; ligar.

Combinar

fazer combinação de
(várias coisas para que resulte um
todo ou composto); aliar; juntar;
unir; dispor; calcular; comparar.

Acção entre vários elementos que se torna tão enriquecedora quanto mais estes diferem entre si. É por isso um reprocesso de elementos pertencentes a diferentes genomas ou universos conceptuais⁷ como o urbano e o rural. Exemplo desta combinação é a concepção da *Garden-City* de Ebenezer Howard que, curiosamente, se posiciona no extremo oposto ao conceito de *diversidade* de Jane Jacobs na dicotomia de resultados, quiçá caleidoscópicos, deste tipo de combinações. A possibilidade de gerar diferentes variações de espaços urbanos segundo o mesmo método de composição, revela a sua capacidade máxima de interconexão e interacção na cidade actual, *Metápolis*: de “território com outros territórios; com o lugar e outros lugares. Com identidades... e entre identidades”⁸.

⁶ DOXIADIS, C. A. (1963) *Architecture in Transition*, Nova Iorque: Oxford University Press.

⁷ DOMINGUES, A. (2010) *Rua da Estrada*, Porto: Dafne

⁸ GAUSA, M. (2010) *OPEN – Espacio Tempo Información – Arquitectura, Vivienda e Ciudad Contemporánea – Teoría e Historia de un cambio*, Barcelona: Actar, p. 195.

ESCOLHER | IDENTIFICAR | SELECCIONAR

Acção reflexa de uma procura, que visa encontrar componentes e modelos, por vezes conduzida pela propensão natural e humana de ser indiferente à sua função e contexto, vendo-os como objectos anistóricos num sistema aberto, ignorando por exemplo elementos da história social que representam minorias⁹, e seguindo apenas a sua vontade de escolha em isolar e recombina minimizar as possíveis consequências. Uma selecção dos arquétipos correctos através de virtudes estéticas particulares e pela correspondência às expectativas e aos desejos individuais com vista a replicá-los¹⁰. No entanto, à semelhança dos sistemas ecológicos e biológicos - dos quais o homem é uma parte inseparável - todos os sistemas são parcialmente abertos e estão interrelacionados. Por isso apenas pode ser vista como uma escolha conjunta de várias condições.

Escolher

fazer escolha de; preferir; estreimar; separar; marcar; optar.

Identificar

Tornar idêntico; provar ou reconhecer a identidade de; absorver em si.

Seleccionar

fazer a selecção de; marcar as opções pretendidas.

EXPRESSAR

Uma introdução e integração de um elemento transgene não garante que se manifeste como a expressão uma cultura e de valores, interesses e capacidades no novo ambiente genético. Exemplo da expressão do ambiente construído é a forma como se vive. Por isso, a sua manipulação visa em última instância um posterior condicionamento. Assim, inerente à formação de um edifício está a sua capacidade de eles nos formarem a nós¹¹, facto que demonstra parte da sua expressividade.

Expressar

manifestar sentimentos ou expressões por palavras ou gestos; declarar; exprimir.

⁹ VEREGGE, N. (1997) *Traditional Environments and the New Urbanism: A Regional and Historical Critique*, Traditional Dwellings and Settlement Review, p. 49-62.

¹⁰ TURAN, B. (2004) 'Architecture and technê: the impossible project of Tendenza', *Architronic 7(1)* [Online] Disponível em <http://architronic.saed.kent.edu/v7n1/v7n104a.html>

¹¹ CHURCHILL, W. (1943) *House of Commons*. Meeting in the House of Lords, 28 Outubro, Londres: Hansard.

Integrar

Tornar inteiro ou cabal; completar; possuir na sua constituição ou formação; tornar(-se) parte de um conjunto ou de um grupo; incluir, incorporar; adaptar(-se); combinar(-se).

INTEGRAR

A acção de integração de um elemento estranho é responsável pelo seu funcionamento num determinado sistema. Consiste em integrar o conhecimento “vertical” da história anterior com o conhecimento “horizontal” das relações entre factores, enraizando a essência de um determinado elemento nas suas fundações gerais ou vice-versa. Apenas através da integração no património colectivo é possível continuar a inovar desenvolvendo o princípio de integração sob essas novas condições, para “criar um todo crescente na cidade”¹².

Introduzir

meter dentro; fazer entrar; importar; ser o primeiro vulgarizador de; estabelecer; causar; entrar; enraizar.

Transferir

mudar; deslocar de um lugar para outro; transportar; adiar; transmitir; ceder; passar.

INTRODUZIR | TRANSFERIR

Acção que implica a inserção de um ou mais elementos alheios mas sob a crença de serem necessários ao conjunto. Assume-se como a introdução de novas possibilidades de desenho, para as quais não há um conjunto de regras para transformações e para os seus objectos, nem qualquer conjunto polemicamente definido por precedentes históricos¹³. É por isso a introdução de um novo elemento ou a sua transferência para outra geografia que, independentemente, gera novas territorialidades, novos modos de experienciar as espacialidades e, sobretudo, a necessidade de se redesenhar continuamente a elas próprias¹⁴.

ISOLAR | REMOVER**Isolar**

separar (tirando do lado de outro); pôr só; pôr incomunicável; afastar-se da convivência.

Acção que prevê um isolamento físico, espacial e temporal, de um elemento. Este torna-se ausente de uma continuidade de conjunto, “extraído de um tempo histórico e divorciado do processo de mudança que o formou”¹⁵. A aplicação desta acção pode resultar em unidades socialmente segregadas que sofrem metamorfoses esporádicas e, para reduzir o impacto dessas transformações,

¹² ALEXANDER, C. (1987) *A New Theory of Urban Design*, Oxford: Oxford University Press.

¹³ VIDLER, A. (1976) ‘The Third Typology,’ em *Architectural Theory: An Anthology from 1871-2005*, Volume II, p. 417.

¹⁴ DONA, C. (1988) ‘Invisible Design’, em *Design After Modernism*, Nova Iorque: Thames and Hudson, p. 153.

¹⁵ VEREGGE, N. (1997) *Traditional Environments and the New Urbanism: A Regional and Historical Critique*, *Traditional Dwellings and Settlement Review*, 3: 49-62.

permanecem isoladas, organizadas por meio de redes de comunicação independentes. Prática que alude a filosofia radical de Descartes e de Le Corbusier na defesa do corte do excesso sintomático da cidade como uma cirurgia. No entanto contrário ao afirmado pela psicanálise lacaniana em que o sintoma não deve ser eliminado mas, em vez disso, preservado e valorizado¹⁶ ou, segundo Lewis Mumford, *isolated together*.

MULTIPLICAR

Acto de multiplicar como derivação de uma fragmentação e isolamento *à priori* de um determinado modelo. Segundo Devilliers, os seus valores intrínsecos servem de padrão, o qual deve ser copiado. É na sua repetição, à semelhança de uma produção industrial, que se difunde o tipo enquanto abstracção na qual se identificam as propriedades espaciais comuns a um conjunto de edificações. Uma condição epistemológica para Gabriel Tarde, é a ênfase ao desejo e à invenção, causada pela imitação e pela repetição. Tornando-se assim, à luz da interpretação de Deleuze, uma repetição ilimitada a “base de toda a acção”¹⁷ uma vez que “o que distingue fundamentalmente os humanos dos animais não é a linguagem mas a capacidade de imitar e a sua habilidade de imitar é inata”¹⁸.

Multiplicar

Fazer a multiplicação de; fazer aumentar o número de; amidiar; repetir.

TRANSMITIR

A acção póstuma de uma transmissão revela ser tão forte quanto mais exemplos se verificarem nas gerações seguintes. Apenas assim, se obtém a confirmação do funcionamento de todo este processo que é, no fundo, um círculo vicioso.

Transmitir

servir de transmissor a; fazer chegar a; ceder; fazer passar de um lugar a outro; comunicar; expedir; enviar; desempenhar-se de uma transmissão; comunicar por contágio; participar.

¹⁶ LACAN, J. (2005) *Le Séminaire. Livre XXIII: Le sinthome*, Paris: Seuil.

¹⁷ DELEUZE, G. (1994) *Difference and Repetition*, trad. P. Patton, Londres: The Athlone Press.

¹⁸ DELEUZE, G. (1986) *Foucault*, Paris: Les Éditions de Minuit.

*“Cidades (são) organismos vivos;
(elas) nascem e desenvolvem-se,
desintegram-se e morrem...*

*As cidades de hoje... exibem universalmente
os mesmos sintomas alarmantes. Estes põem
em perigo a sua própria existência.*

*No seu sentido tradicional e académico,
o planeamento urbano tornou-se obsoleto.
O seu lugar deve ser substituído
pela biologia urbana.”¹⁹*

¹⁹ SERT, J. L. (1942) 'Biology of cities', Revista Time, 30 November

1.1. Protótipo

1 “In the beginning was the city...” assim começa Wolfgang Nowak²⁰ de uma forma reticente, fatídica e intrigante o livro que curiosa e contrariamente se intitula de *The Endless City*. É sobre os entretantos omitidos nas suas entrelinhas que surge a questão: de como aquilo que inicialmente se dizia pertencente a um tempo perfeito se prolongaria continuamente no tempo e no espaço, para o futuro e para o infinito.

“O que aconteceu à cidade?”
“Chegou ao fim?”

Também Lefebvre²¹ se interrogou acerca das mesmas questões mas logo encontrara com ironia a resposta não menos inquietante à sua pergunta:

“Nada disso, antes pelo contrário.
Trata-se nada mais, nada menos,
do que o fim da cidade
– entre outros fins!...”

É neste intervalo de tempo no qual uma cidade começa por representar simbolicamente o mundo e desfecha com o mundo a tornar-se numa cidade²², que decorre um presente marcado pelo início da segunda
2 metade da era da urbanidade e pela sua manifestação enquanto condição inerente a que se destina toda a humanidade: de *homo sapiens* a *homo urbanus*. Estas evidências do presente, não são senão as consequências de uma série irreversível de acontecimentos que, em retrocesso, conduzem até ao momento da sua génese: instância que se pode traduzir hipoteticamente numa explosão de obsolescência, cujas forças operam ainda hoje na expansão de um universo de cidades. É através da sua extraordinária extensão, que lhes é aferida a capacidade de se adaptarem gradualmente a qualquer escala para, apenas assim, garantirem o seu funcionamento.

²⁰ NOWAK, W. (2007) Foreword, p.6 em: BURDETT, R. e SUDJIC, D. (2007) *The Endless City: The Urban Age Project*, London: Phaiison Press.

²¹ LEFEBVRE, H. (1972) *O Pensamento Marxista e a Cidade*, Póvoa de Varzim: Ulisseia, p.65.

²² MUMFORD, L. (1982) *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes.



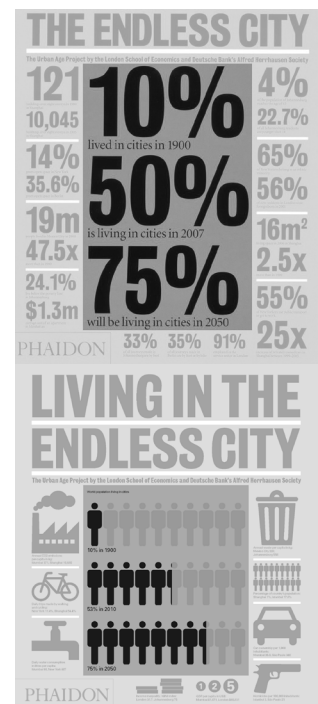
O início da cidade.

At the outset of the twentieth century, 10% of the population lived in cities

In 2000, around 50% of the world population lives in cities

In 2025, the number of city-dwellers could reach 5 billion individuals (two thirds of them in poor countries)

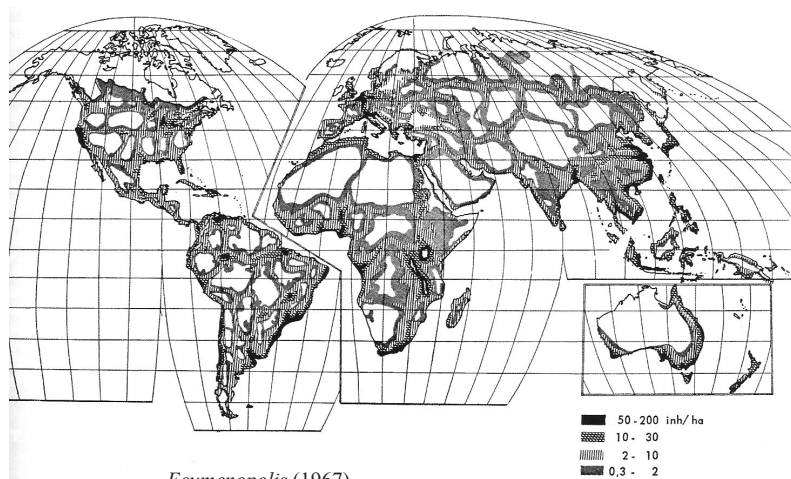
Source: Global Urban Observatory



Era da Urbanidade.

“Henceforth a one-way world.”²³

Um progresso unidireccional que tanto dita o presságio de Lewis Mumford, como os diferentes estados de crescimento pelos quais a cidade atravessa. A sua espacialização é traduzida etimologicamente através do uso de prefixos *metro-*, *mega-*, *megalo-* e *meta-*, por atribuírem *per si* um conjunto específico de características, quando associados ao invariável núcleo original: a *pólis*. Palavra de origem grega da qual derivam outras designações relacionadas com o exercício do poder, formas de instituição e de regulação da esfera pública, tais como *política* e *polícia*. Contudo, apesar das geografias dos lugares de organização das esferas pública e política já não encontrarem na cidade nem o lugar geográfico nem a organização social²⁴, não significa que a cidade, particularmente após finais do século XVIII, não disponha do seu espaço para fins económico-políticos, cujas forças se apoderem das próprias finalidades humanas²⁵. A ela são-lhe aglutinadas partes, fracções e elementos que demonstram a sua capacidade para sedimentar as diferentes camadas da história e a sua função de palimpsesto: pergaminho que não muda mas acolhe sucessivamente escritos diferentes²⁶.



Ecumenopolis (1967)
Constantinos Doxiadis

Ao exercício repetido desta operação de adição de elementos, conjuga-se um sentimento de alienação do pensamento sobre a cidade, incapaz de se manifestar activamente contra o que se prevê ser a fase final do primeiro processo de acumulação. Daqui resulta aquilo que fora outrora ilustrado por Constantino Doxiadis, em 1967, sob a designação de *Ecumenopolis*.

²³ Tradução: “Doravante, um mundo de uma só maneira”, em: MUMFORD, L. (1982) *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes.

²⁴ INNERARITY, D. (2002) *La Transformación de la Política*, Barcelona: Ediciones Península y Ayuntamiento de Bilbao.

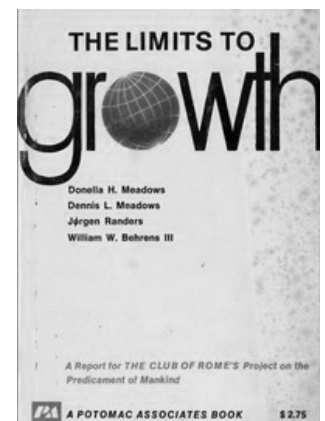
²⁵ MUMFORD, L. (1982) *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes.

²⁶ ASCHER, F. (2010) *Novos Princípios do Urbanismo e Novos Compromissos Urbanos: Um Léxico*, Lisboa: Livros Horizonte, p. 30.

Embora meramente fictícia, é uma tentativa de representação baseada nos indícios da realidade actual. Esta visão não só corrobora o anterior alerta feito por Georg Simmel (1858-1918) para a emergência de uma nova consciência metropolitana em inícios do século XX, como antecede aquele que, em 1972, foi o anúncio de The Club of Rome no seu livro *The Limits to Growth*, sobre a impossibilidade de existir um crescimento contínuo *ad artemum*, naturalmente condenado ao colapso por razões Malthusianas de esgotamento dos recursos. À semelhança de outras constantes na história da humanidade, também o espaço será, por sua vez, matéria susceptível de uma tensão entre expansão e escassez. Então nessa altura, quando se acabar algo de que se precisa, tudo abranda. Situação que ilustra o conceito cabálico de *Tzimtzum*²⁷, de uma contracção divina da infinitude.

Nesse momento, tomar-se-á consciência sobre o passo em vão e no vazio que a cidade deu, admitir “sem sentimentalismos o desaparecimento da cidade tradicional” e questionar “sobre o que a terá substituído, sobre a natureza da urbanização e sobre a não-cidade que parece ter-se tornado o alvo das sociedades ocidentais avançadas”²⁸.

Apenas uma mudança global de paradigma e um constante ciclo de inovação, que alteram o modo como as forças da cidade operam, podem sustentar o seu crescimento e evitar o colapso. No entanto, o seu ritmo está constantemente a ser acelerado e o resultado é que a cidade não aumenta apenas o ritmo de vida mas aumenta o ritmo no qual a vida muda. Uma vez começando a urbanizar, troca-se a estabilidade pelo crescimento e o crescimento exige mudança. Neste sentido, as cidades são, indubitavelmente, a única solução para as cidades²⁹.



The Limits to Growth,
The Club of Rome (1972)



Visão de Buckminster Fuller
de um “Mundo 4D unificado e
interconectado”

²⁷ Do Hebraico, “contracção” ou “constricção”. Termo usado nas doutrinas supra-rationais de Lurianic Kabbalac sobre as origens da Criação. Processo no qual Deus começa por contrair a sua infinitude num “espaço conceptual” e num espaço “vazio” independente onde a existência é finita.

²⁸ CHOAY, F. (1994) ‘El Regne de L’urbà i la Mort de la Ciutat’, em: “*Visions Urbanes, europea 1870-1993: la ciutat de l’artista: la ciutat de l’arquitecte*”, Madrid: C.C.C.B., p. 23.

²⁹ LEHRER, J. (2010) ‘A Physicist Solves the City’, em: The New York Times, Sunday Magazine, MM46.

O mundo reduz-se assim, a uma interminável tautológica repetição de causa e efeito³⁰, na qual retornam todas as coisas que se conhecem, ainda que numa ordem diferente. Antoine Saint-Exupery afirmou que:

“a cidade não é coisa que se acabe”



O fim da cidade.

Por esse motivo, será sempre imperfeita. Quiçá não haverá mais nada para adicionar, nem tampouco para ser retirado. E então aí, porque a perfeição é própria dos mortos, será o fim da cidade.

³⁰ KOOLHAAS, R. (2015) *The Smart Architecture: Intelligent Architecture*. [Online] Art Forum. Disponível em: <https://artforum.com/.../issue=201504&id=50735>.

1.2. Os prefixos de -pólis: *metro-*, *mega-*, *megalo-*, *meta-*

Partindo do pressuposto que é possível associar a cada um dos prefixos supracitados um contexto histórico e geográfico específicos, considere-se o radical *pólis* relacionado com o prefixo *metro-* e anule-se, respeitosamente, a sua denotação grega que expressa a relação dos territórios coloniais subordinada a uma cidade-mãe. O termo *metrópolis* identifica-se com uma outra circunstância que aqui interessa referir e remete para o ano de 1800, para uma população de cerca de um milhão de habitantes e para a cidade do século

7 XIX: Londres.

Epicentro da Revolução Industrial, torna-se automaticamente protagonista na transição entre o que François Ascher (1946-2009) considera ser a Primeira e a Segunda Fase de Modernização. São os ecos desta mudança que movem sucessivas vagas de população até à cidade sem, contudo, haver a

8 consciente noção de que este combustível humano era a energia para engendrar uma série de transformações³¹ marcando, por si só, o início da Revolução Urbana. Londres significava assim, aquilo que Henry James chamava o maior agregado de vida humana, o mais completo compêndio do mundo, no qual a raça humana se acha mais bem representada ali do que em qualquer outro lugar³².

O grau de desenvolvimento deste contexto ímpar e sem precedentes, ganhou ainda mais importância pelas respostas criadas às necessidades da vida em sociedade, até então nunca anteriormente atendidas em qualquer lugar com a mesma escala. Tal facto deu origem à afirmação do Urbanismo como disciplina direccionada para os interesses especiais, que cobriram todos os aspectos da vida humana³³. Frutos das mesmas necessidades, embora comparativa e significativamente mais influentes e utilitárias, foram as

9 inovações tecnológicas desenvolvidas ao longo de vinte anos, entre 1890 e 1910, que são ainda hoje inequívocas. Tais inovações partilham o mesmo propósito de serventia urbana em diferentes níveis: de desenvolvimento

³¹ WALSH, B. (2013) *Chapter 2: Extreme Resources in Timelapse: Landsat Satellite of Climate Change* [Online] Google Earth Engine. Disponível em <http://world.time.com/timelapse>.

³² JAMES, H. (1982) *An American as Modernist*, Londres: Vision Press, p. 604.

³³ MUMFORD, L. (1982) *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, p. 595.

metro-

elemento de composição (grego *métra*, -as, *matriz*):

Exprime a noção de útero e de mãe.

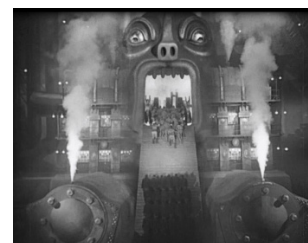


1850

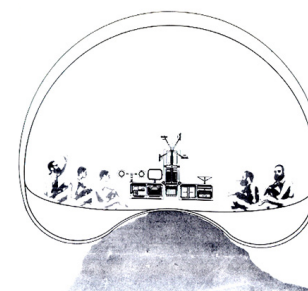
Mancha urbana de Londres (1850)



Modern Times (1936)
Charles Chaplin

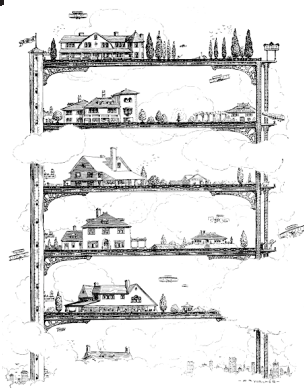


Metropolis (1927) Fritz Lang
Fredersen the Machine transformada em Moloch. Os trabalhadores alimentam a máquina com sacrifícios humanos.



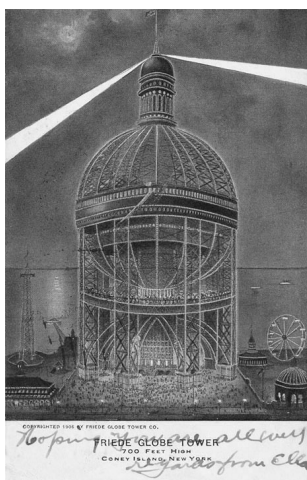
"The Environmental Bubble" (1965)
Reyner Banham e François Dallegret

10



Teorema (1909)
arranha-céus enquanto dispositivo
utópico para a produção ilimitada
de território vertical

11



Globe Tower em Coney Island
(1906) Samuel Friede

11



Feira Mundial de Nova Iorque
(1939-1940)

tecnológico, como é o caso da lâmpada eléctrica, elementos estruturais em aço para a construção de edifícios em altura, elevadores que os tornaram habitáveis, 10 canalização interna, aquecimento central e os electrodomésticos. Ao nível da mobilidade para o transporte de pessoas, bens e informações distingue-se o telefone, o automóvel e o metropolitano. Com o nascimento desses novos artefactos, assiste-se ao “nascimento de um pensamento sobre o espaço que já não é modelado sobre a urbanização do território, mas que vai muito além dos limites do urbanismo e da arquitectura”³⁴ e se guia pelos princípios da indústria para adaptar a cidade às suas exigências: produção, especialização, consumo de massa e racionalidade de zoneamentos monofuncionais.

Esta unicidade de Londres foi condição essencial para o desenvolvimento humano, embora não tardaria que, também Nova Iorque, 11 entre 1823 e cerca de 1860, crescesse igualmente de cidade para *metrópolis*³⁵. Seriam então as novas Romas e as novas civilizações, dois exemplos de transformação da cidade ocorridos entre os anos 1800 e 1850, que viriam a reflectir repercussões na situação urbana actual³⁶. A remoção dos seus limites tornou-se um dos principais feitos da economia da *metrópolis* que, involuntariamente, preparava a espécie humana para associações e unificações ainda maiores, que a moderna conquista do tempo e do espaço tornariam prováveis, senão inevitáveis³⁷.

³⁴ FOUCAULT, M. (1982) *The Subject and Power*, in *Critical Inquiry*, Vol. 8, N.º 4, Chicago: The University of Chicago Press.

³⁵ KOOLHAAS, R. (2001) *Delirious New York: un manifesto retroattivo per Manhattan*, Milano: Electa, p. 32.

³⁶ CHOAY, F. (1994) ‘El Regne de L’urbà i la Mort de la Ciutat’, in: “*Visions Urbanes, europea 1870-1993: la ciutat de l’artista: la ciutat de l’arquitecte*”, Madrid: C.C.C.B., pp. 23.

³⁷ MUMFORD, L. (1982) *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, pp. 605.

A explosão da *metrópolis* teve um efeito reverberante apenas da simples intenção de a tornar acessível. Com um distanciamento de sensivelmente um século, Londres adquiria a designação de *megapólis* perfazendo, em 1918, um total de cinco milhões de habitantes. Valor que logo seria duplicado por Nova Iorque para cerca dez milhões de habitantes em 1950.

A “progressiva afirmação do automóvel na estruturação do crescimento centrífugo das cidades”³⁸, resultou na expansão dos seus venenos tanto ideológicos quanto químicos a todas as partes³⁹. A sua combinação sinérgica com a televisão induziu um novo tipo de urbanização que possibilitou as conquistas originais do Urbanismo: a remoção dos limites

quantitativos, que mudara a sua corrente de um sistema orgânico para um sistema mecânico. Ideologia aliada a um crescimento propositado para uma expansão espacial sem propósito fomentada pelos “inimigos mais activos da cidade – programas de vias rodoviárias que crivaram as áreas metropolitanas com as suas vias rápidas (...) e transformaram os centros cívicos em parques de estacionamento”⁴⁰. Característico de um Urbanismo progressista e “Fordo-Keynesio-Corbusiano”⁴¹ de afirmação da racionalidade simplificadora e

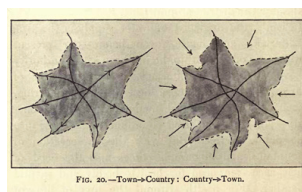
intervenção radical pela tendência de construir cidades e bairros em larga-escala. Uma crença que manifestou ser um ímpeto na prática de Arquitectura, cujos princípios se baseavam primeiramente na proporção e que fora então substituída pela crença errónea de uma grandiosidade alcançada através da dimensão. De acordo com Richard Sennett, esta mudança veio privar os homens das energias sociais e criativas da forma urbana tradicional⁴² que, Jane Jacobs descreve precisamente como sendo “vitais”⁴³.

mega-
elemento de composição
(grego *mégas*, *megále*, *méga*):

Exprime a noção de grande.



Mancha urbana de Londres (1958)



Cidade-Campo: Campo-Cidade
Patrick Geddes



Ville Contemporaine, Le Corbusier

³⁸ PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João – *Políticas Urbanas. Tendências, Estratégias, Oportunidades*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 77.

³⁹ MUMFORD, L. (1982) *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, p. 603.

⁴⁰ MUMFORD, L. (1962) *Mother Jacobs' Home Remedies for Urban Cancer*, The New Yorker, 1 Dezembro, p. 148.

⁴¹ Expressão de um processo de planeamento urbano caracterizado pela racionalidade simplificadora, zoneamentos monofuncionais, hierarquização das estruturas urbanas, com vista à produção e consumo em massa, através dos centros comerciais, zonas industriais, vias rápidas e equipamentos colectivos, serviços públicos e habitação social sob a tutela do Estado.

⁴² SENNETT, R. (2012) *Together: The Rituals, Pleasures and Politics of Cooperation*. Londres: Yale University Press.

⁴³ JACOBS, J. (2009) *Morte e vida de grandes cidades*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes.

Por sua vez, em relação à vida dos subúrbios, Lewis Mumford afirma que nos organismos não há tecido tão “vital” ou “dinâmico” quanto o cancro⁴⁴. Tal como observou Henry Lavedan, a história da cidade do século XIX foi a história de uma efermidade, que cresceu inorganicamente como que de forma cancerosa, num contínuo romper de velhos tecidos. Por outro lado, a cidade do século XX, foi considerada por ele a história de uma estranha espécie de tratamento e assistência médica que, procurou corrigir os sintomas, mas manteve ciosamente todas as condições agonizantes que provocaram a doença – produziu mesmo reacções paralelas como um exagerado crescimento de tecido novo e sem forma que revelaram ser tão graves quanto a própria doença.

Embora o congestionamento da *metrópolis* tenha suprimido e destruído o tecido orgânico das vizinhanças e comunidades menores, criou novos órgãos de uma natureza mais especializada e selectiva, dada a sua acessibilidade a uma população desumanamente grande. Um fenómeno de absorção do campo pela cidade, que se traduz simultaneamente na ruralização da *megapólis*⁴⁵.

Enquanto condição urbana, esta é variável e definida por cada país à sua própria maneira. Os limites administrativos de aglomerações humanas são usados para distinguir o urbano de rural. Quando as definições são baseadas em critérios quantitativos, a população mínima para um sítio ser considerado urbano varia consideravelmente. Em alternativa, segundo as Nações Unidas, a definição de uma população urbana pode ser muito complexa, envolvendo características sócio-económicas de uma população ou comunidade. Actualmente, um oitavo da população mundial vive inserida numa das 28 *megapólis* que a partir de 1950 adquiriram o estatuto de mais de dez milhões de habitantes. Isto significa exactamente o meio de um processo que se adivinha estar concluído quando a totalidade da população mundial estiver instalada nas cidades e começou sob a similaridade de uma estrutura económica em vigor e das relações sociais resultantes e comuns nos países industriais por volta de 1900. Apesar disso, está ainda por apurar como é que os seus resultados urbanos são absolutamente distintos.

⁴⁴ MUMFORD, L. (1962) *Mother Jacobs' Home Remedies for Urban Cancer*, The New Yorker, 1 Dezembro, p. 148.

⁴⁵ LEFEBVRE, H. (1972) *O Pensamento Marxista e a Cidade*, Póvoa de Varzim: Ulisseia.

Expressão helénica para noção de “grande” que, quando aglutinada ao radical *pólis* representa uma conurbação urbana: mancha contínua onde se incluem várias cidades situadas na proximidade umas das outras e sobre a qual Jean Gottmann⁴⁶ estimara uma população de cerca de vinte e cinco milhões de habitantes.

O termo *megalópolis* foi pela primeira vez utilizado em 1915 por Patrick Geddes em *Cities in Evolution* e descrito posteriormente por Lewis Mumford, em 1938, no seu livro *The Culture of Cities*, como sendo o primeiro estado do sobredesenvolvimento urbano e “o último estado no ciclo clássico da civilização” que terminaria em “completo rompimento e queda”. Também no seu capítulo intitulado *A Brief Outline of Hell* afirmou estar a tornar-se rapidamente numa necrópolis – cidade dos mortos – e, mais tarde em 1961, Mumford refere-se acerca da sua propagação disforme como sendo “cancerígena”.

Este prognóstico é aplicado a aglomerações como Blue, Golden e Green Banana, também possivelmente designadas de *Eperopolis* por Costantinos Doxiadis para distinguir as cidades contínuas europeias, como reflexos de mudanças produzidas a partir do ano de 1968. Não obstante, a urbanização do pós-guerra não se reduz apenas à Europa. Políticas de expansão da cidade, metropolização e megapolização são igualmente aplicadas em estruturas bipolares como Tóquio e Osaka no âmbito de uma concentração unidireccional em Tóquio. Deste modo, através do uso total de economias de aglomeração, permite-lhe que seja uma *megalópolis* capaz de competir geopoliticamente com outras cidades como Londres e Nova Iorque.

Da *megalópolis* universal, mecanizada, padronizada e vista como meta final da evolução urbana, é-lhe dada continuidade através da multiplicação da cidade. A desintegração física da *megalópolis* adapta-a a um artifício colectivo para desenvolver um sistema de poder concentrado com uma economia dominante e eficiente, sem que esteja firmemente relacionada com ela, dentro da escala maior da *megalópolis*. A isto, a que Lewis Mumford chama especialmente de impotência⁴⁷, a China considera uma oportunidade e início de novas experiências de vida em sociedade.

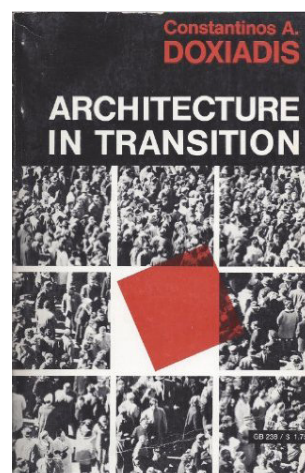
⁴⁶ GOTTMANN, J. (1989) *Since Megalopolis. The Urban Writings of Jean Gottmann*. Baltimore e Londres: The Johns Hopkins University Press, p.163.

⁴⁷ MUMFORD, L. (1982) *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, p. 587.

megalo-
elemento de composição

(grego *mégas*, *megále*, *méga*, exageradamente grande):

Exprime a noção de grande, quantidade, um tamanho exagerado.



Arquitetura em Transição (1963)
Constantinos Doxiadis

Não admira, por isso, que também tenha vindo a intensificar de forma intencional este fenómeno que pouco se relaciona com a necessidade dos cidadãos, mas com massivos deslocamentos e expropriações em massa da população⁴⁸. Mobilização cada vez mais directa e permanente de uma sociedade animada por um processo de individualização e socialização, que transforma o crescimento da urbanização dentro, à volta e a partir de aglomerações mais significativas⁴⁹.

O problema de complexidade da *megalópolis* não se resume fácil e racionalmente ao mero aumento do território, do número de habitantes ou de uma simples ampliação de infraestruturas⁵⁰. Isso por si só não faz com que a *megalópolis* ultrapasse as limitações originais da cidade, outrora impostas pelo monopólio das comunicações e do controle político, e passe a ser um método mais orgânico de criar e difundir os bens da cidade⁵¹.

meta-

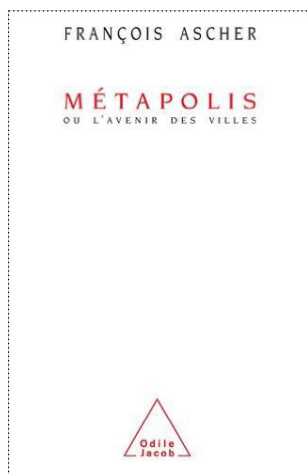
prefixo

(grego *méta*, no meio de, entre, com);

Exprime a noção de posição posterior; mudança; transcendência e reflexão sobre si.

O prefixo *meta-* indica um estado posterior à *metrópolis* tradicional e, também por isso, uma nova dimensão multifacetada da cidade contemporânea⁵².

Contrariamente à primeira noção de *metrópolis* que se identifica com uma “mecânica de produção (de objectos), nomeadamente a um crescimento físico e expansivo”, esta última fase é fruto da acumulação das sucessivas mutações que sofreu anteriormente. Estas acentuaram a sua transversalidade, extensividade, diversidade e complexidade a nível sociocultural e de governância, em vez da anterior uniformidade, densidade e unicidade das políticas e soluções. Passo a passo, as distinções entre a cidade e o campo foram sendo obliteradas através da produção de espaços integrados em todo o território nacional, se não além. Este longo processo de metropolização constitui a metapolização que François Ascher distingue da noção de “metaurbano” outrora entregue por Jacques Levy e da lógica espacial defendida por Walter



Metapolis: acerca do futuro da cidade, François Ascher

⁴⁸ HARVEY, D. (2014) ‘The Crisis of Planetary Urbanization’, em: BURDETT, R., CRUZ, T., HARVEY, D. e GADANHO, P. (2014) *Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities*, Nova Iorque: The Museum of Modern Art, p. 26.

⁴⁹ MUMFORD, L. (1982) *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, p. 587.

⁵⁰ JACOBS, J. (2009) *Morte e vida de grandes cidades*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, p. 488.

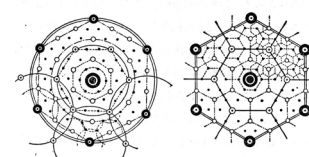
⁵¹ MUMFORD, L. (1982) *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes.

⁵² GAUSA, M., GUALLART, V. and MÜLLER, W. et al (2000) *Diccionario Metápolis de arquitectura avanzada. Ciudad y tecnología en la sociedad de la información*, Barcelona: Actar.

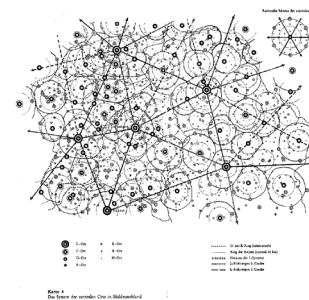
Christaller por ser, em vez disso, uma aglomeração ou combinação de territórios urbanos heterogêneos e não necessariamente contíguos⁵³. O resultado desta formação de novos tipos de territórios e da acção das inovações emergentes durante os últimos trinta anos, são as chamadas *metápolis*⁵⁴.

Para François Ascher demarcam a Terceira Fase de Modernização caracterizada por cinco grandes evoluções: a metapolização, a formação dos sistemas urbanos de mobilidade, a formação de espaços-tempo individuais, a redefinição das relações entre interesses individuais, colectivos e gerais e as novas relações com riscos⁵⁵. Características que se intersectam pontualmente com as quatro condições necessárias ao conceito de Saskia Sassen de cidade global: domínio de serviços avançados; função de comando interno que organiza o território, função de *hub*, comutador de fluxos com outras cidades globais e a economia global; função de concentração de um pólo de actividades⁵⁶.

A noção de *metápolis* remete assim para um “desenvolvimento mais poliédrico e matricial, mais diversificado e elástico, ‘mais além’ do físico ou meramente geográfico”⁵⁷. Propicia uma nova ideia de uma “nova espécie de aglomeração urbana feita de espaços e relações multiplicados, heterogêneos e descontínuos”⁵⁸ produzidos por entidades urbanas associadas a dinâmicas deslocalizadas e flutuantes. Quanto maior a área de comunicação, quanto maior o número de participantes, mais se faz necessário criar numerosos centros permanentes e acessíveis para o intercurso face a face e para frequentes encontros em todos os níveis humanos⁵⁹. Existe uma “estruturação por outras configurações da relação espaço-tempo que se traduzem também na maior autonomização do sujeito para gerir essa relação”⁶⁰.



中心地階級	その人口	影響圏の面積
Marktort	7m	800
Amtsamt	12	1500
Kreisstadt	21	3500
Bezirksamt	35	6000
Gaustadt	62	27000
Provinzhauptstadt	108	90000
Landeshauptstadt	185	300000



Teoria dos Lugares Centrais (1933) Walter Christaller

⁵³ ASCHER, F. (1996) *Metapolis: acerca do futuro da cidade*, Oeiras: Celta.

⁵⁴ ASCHER, F. (2010) *Novos Princípios do Urbanismo e Novos Compromissos Urbanos: um léxico*, Lisboa: Livros Horizonte, p. 61.

⁵⁵ Idem, p. 62.

⁵⁶ VELTZ, P. (1996) *Mondialisation, villes et territoires: l'économie d'archipel*, Paris : éd. PUF.

⁵⁷ GAUSA, M., GUALLART, V. and MÜLLER, W. et al (2000) *Diccionario Metápolis de arquitectura avanzada. Ciudad y tecnología en la sociedad de la información*, Barcelona: Actar, p. 406.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ MUMFORD, L. (1982) *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, p. 614.

⁶⁰ GUERRA, G. (2003) *Autonomy and Constructivism. European Journal of School Psychology*, p. 241.

Agora a cidade não se traduz apenas em crescimentos, senão, sobretudo, em combinações. Combinações estas que evidenciam um processo informativo, dinâmico e incerto, feito de interações, com o território e com outros territórios; com o lugar e com outros lugares. A cidade não é “um só lugar ou uma forma determinada, nem tampouco um estado evolutivo, mas a acumulação de múltiplos estados e experiências simultâneas”⁶¹. A *metápolis* define-se assim, por relações de movimentos e acontecimentos, entrelaçados e autônomos ao mesmo tempo como um “leque de cidades e de cidade dentro da cidade”⁶². Um lugar de lugares onde coexistem numerosos modelos urbanos “cada um com as suas qualidades próprias que o faz diferentes dos demais”⁶³.

A *metápolis* consiste, por isso, num metalugar de “situações singulares e relações que se alteram”⁶⁴ de futuros imprevisíveis e isentos de planificação e num estado de evolução de um processo irreversível.

⁶¹ GAUSA, M., GUALLART, V. and MÜLLER, W. et al (2000) *Diccionario Metápolis de arquitectura avanzada. Ciudad y tecnología en la sociedad de la información*, Barcelona: Actar, p. 406.

⁶² Idem.

⁶³ Idem.

⁶⁴ Idem.

1.3. (R)evolução?

Os vários afixos que se constituem elementos nas operações etimológicas atribuem diferentes sentidos, um pouco à semelhança do que acontece fisicamente na cidade. São os diferentes tipos de combinações e transformações entre as várias partes constituintes que vão construindo o campo lexical da cidade. A partir da sua observação, são-lhe associados

18 estados de evolução que corroboram a premissa das teorias de evolução serem validadas apenas pela ocorrência de mutações⁶⁵. Após uma breve exposição da *pólis*, *metrópolis*, *megapólis*, *megalópolis* e *metápolis*, parece existir uma tendência sequencial de crescimento e desenvolvimento. No entanto, surgem questões quanto à sua natureza e procedimento. Estará cada cidade determinada a atravessar qualquer um destes estados? Serão eles contíguos e complementares entre si? Será que existe, e qual a relação causal entre a *metápolis* e a *metrópolis* até à *megalópolis*?

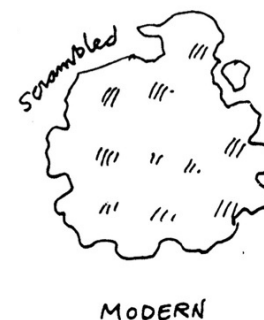
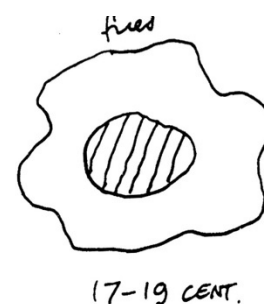
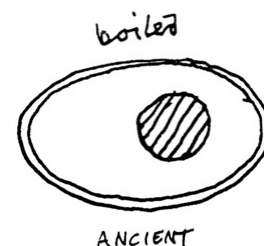
Tempo tridimensional e orgânico

As primeiras referências a um pensamento sobre a evolução da cidade terão surgido paralelamente à publicação original de Charles Darwin em 1859, sobre a evolução e selecção natural das espécies. A sua influência pontual no pensamento urbanístico manifestou-se por meio da visão sinóptica de Patrick

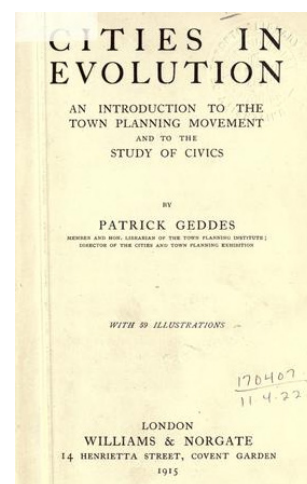
19 Geddes (1854-1932), que criou uma teoria de planeamento das cidades ao seu próprio estilo de evolução, revelando pouco de Darwin e muito dele próprio. Também Geddes seria posteriormente fonte de inspiração e de uma fé esmagadora de Lewis Mumford (1885-1990) pela vida da natureza e pelo orgânico, partilhada pelo grupo *Golden Day*, do qual fez parte, juntamente com outros escritores como Emerson, Thoreau, Whitman e Melville.

A sua crença baseava-se fundamentalmente naquilo a que chamavam de *Mundo Novo*, cujo domínio da natureza impede a possibilidade de se escapar ora à desintegração, desconstrução e desequilíbrio, ora aos efeitos acumulativos do tempo, como a história e a tradição. Essas são condições simultaneamente

THE CITY AS AN EGG

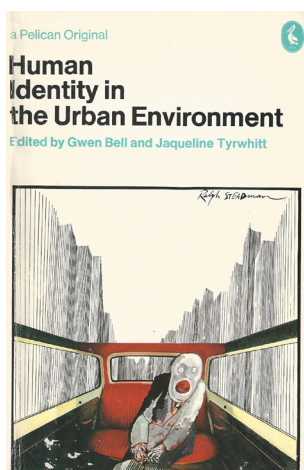


"A cidade como um ovo", analogia feita por Cedric Price que ilustra as etapas da evolução urbana.



"Cidades em Evolução" (1915) Patrick Geddes

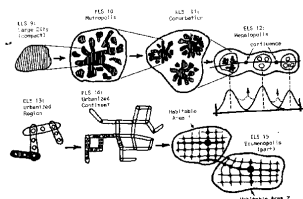
⁶⁵ FISHER, R. A. (1930) 'The Nature of Inheritance', *The Genetical Theory of Natural Selection*, Oxford: Oxford University Press, p.12



Human Identity in the Urban Environment (1972)
Gwen Bell, Jaqueline Tyrwhitt

aplicadas sob o homem e as cidades que, segundo Lewis Mumford, coabitam num presente simultâneo, num mundo de tempo tridimensional: passado e presente. Também a propósito, o socialista urbano Robert Park (1864-1944), descreve o determinismo e retroactividade da relação entre homem e cidade ao afirmar que, sendo a cidade o “mundo que o homem criou, é o mundo no qual ele está condenado a viver doravante. Assim, indirectamente e sem um claro sentido da natureza da sua tarefa, ao fazer a cidade o homem refez-se a ele próprio”⁶⁶. Ao integrarem juntos na dinâmica de um tempo orgânico, cuja leitura se faz através da natureza, estão sujeitos ao poder acumulativo dos seus efeitos. Isto porque o tempo orgânico é unidireccional, movendo-se num único sentido – através do ciclo de nascimento, crescimento, desenvolvimento, declínio e morte –, em que o passado permanece presente no futuro que ainda há-de vir. Assim, da observação de um organismo é possível deduzir que o seu futuro, será particularmente pré-determinado por tudo o que terá acontecido às suas espécies antecessoras, desde o início do seu tempo de vida.

A tal pressuposto de Lewis Mumford acerca de um tempo evolucionário, que reúne simultaneamente as três camadas do tempo - passado, presente e futuro, se pode subentender a *Metápolis* de François Ascher como um possível produto dessa acumulação temporal. Cada cidade representa isoladamente um paradigma de uma evolução, ao contrário da ideia redutora de um único modelo transversal aplicado a todas as cidades. A sua natureza comum, implica a semelhança de padrões entre cidades sem colocar em causa o exemplo sem precedentes de cada uma. Então, será legítimo deduzir-se que o seu processo evolutivo está entre as inúmeras semelhanças que tem com um organismo.



Identidade estrutural das unidades da cidade. Baseadas na teoria *Ekistics* formulada por Constantinos A. Doxiadis.

⁶⁶ PARK, R. (1967) *On Social Control and Collective Behavior*, Chicago:Chicago University Press, p. 3.

A cidade como organismo

De facto, por analogia, a cidade é a única aproximação de qualquer criação humana ao que se poderá considerar um “sistema vivo”⁶⁷, “organismo” ou “metabolismo urbano”. Ainda que por via de outras premissas, já Aristóteles descrevera outrora no seu texto filosófico *Política* uma visão metafórica da cidade ao vê-la como um organismo vivo. Metáfora para a qual Luis Bettencourt e Geoffrey West procuram providenciar uma base matemática com um “claro macroscópio de correlações para um número de características estruturais, sociais e económicas das cidades, (...) tal como os biólogos também demonstram isso ser verdade para funções metabólicas em seres vivos”⁶⁸. Quer a cidade, quer um organismo, caracterizam-se por índices de consumo de energia, de crescimento, do tamanho do corpo e ritmos de comportamento, com ciclos normais de vida e de morte, enquanto passagens rítmicas de um estado para outro, sem ignorar a incógnita irreduzível que representa os sistemas sociais.

Sob a mesma corrente ideológica encontra-se o trabalho de Christopher Alexander (1939) que, igualmente numa relação directa com a Biologia, estuda a “morfogénese” - crescimento da forma ao longo do tempo -, na natureza e na Arquitectura humana. Alexander demonstra que a vivacidade das configurações urbanas e arquitectónicas cria uma hierarquia estrutural e temporal nas mais distintas escalas e é gerada através de cálculos interactivos. A sua base em conhecimentos de Biologia acerca do modo como

22 os organismos crescem e se transformam em formas infinitamente variadas, tem recentemente outro intuito, o de se aplicar colectivamente no âmbito da arquitectura e do urbanismo.

Para Lewis Mumford, “a característica mais essencial de todo o crescimento orgânico – para manter a diversidade e o equilíbrio –, o organismo não deve exceder a norma da sua espécie”. Como é o exemplo de cidades como Nova Iorque, Londres e Tokio, que de uma forma contranatura têm a necessidade de expandir as suas operações num continente mais espaçoso – a



22 *The Fifteen Fundamental Properties of Wholeness*, Christopher Alexander

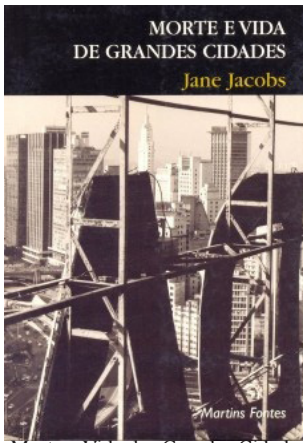
⁶⁷ MILLER, J. G. (1978) *Living Systems*, 1ª Ed., Nova Iorque: McGrawHill.

⁶⁸ BETTENCOURT, L. (2007) *Growth, innovation, scaling, and the pace of life in cities*, PNAS, Vol. 104.

região. As forças que haviam formado as nossas cidades no passado estão agora quase automaticamente, pelo seu dinamismo insensato, a destruí-las e ameaçando destruir países e continentes inteiros. Talvez num momento de lucidez sobre os seus limites, se poderá transformar a cidade no organismo que está na base das asserções, ou seja, num sistema que apenas se altera adicionando partes unicamente recorrendo à reorganização.

É em prol de um objectivo consciente, como relacionar forma e função nas diferentes partes da cidade para que esta funcione como um organismo homeostático, auto-reparador e regulador, que serve aquilo que chamam os gregos de *techné*, racionalidade prática. A “técnica está assimilada a propósitos da vida neste “novo modelo orgânico de associação e auto-organização ecológica”⁶⁹. No entanto, “qualquer associação ecológica atinge eventualmente o seu “estado de clímax”, onde existe sempre deterioração por detrás de um crescimento. O bem e o mal, as forças construtivistas e desconstrutivistas estão constantemente a trabalhar em simultâneo. O mal pode, na verdade, favorecer a base para o bem. As mesmas forças que, quando triunfantes, destroem a vida, serão necessárias para amadurecer a experiência e aprofundar o conhecimento. Também a Arquitectura, como prática política e prática de outras formas de organização social, é “considerada como uma *techné*, susceptível de usar elementos das ciências como a física, ou das estatísticas”⁷⁰.

E, assim, um número crescente de pessoas começou paulatinamente a reflectir sobre as cidades como problemas de complexidade organizada – organismos repletos de inter-relações não examinadas, mas obviamente intrincadas e relações sem dúvida inteligíveis. “A Morte e Vida das Grandes Cidades” de Jane Jacobs é a plena manifestação dessa ideia.



Morte e Vida das Grandes Cidades
Jane Jacobs

⁶⁹ FOUCAULT, M. (1982) *The Subject and Power*, in *Critical Inquiry*, Vol. 8, N.º 4, Chicago: The University of Chicago Press.

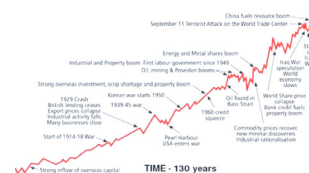
⁷⁰ Idem.

1.4. Problema de complexidade organizada

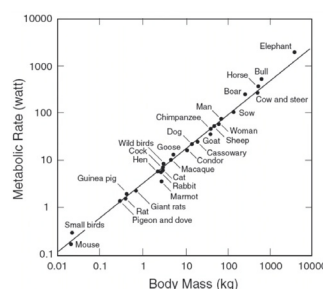
Tal como as ciências biológicas, “as cidades são problemas de complexidade organizada”⁷¹. O tipo de problema que representa a cidade está intrinsecamente ligado ao método de raciocínio que se usa para perscrutar o mundo e que, ao longo do tempo, se tem alterado entre as várias mudanças revolucionárias. Por outras palavras, é nas mutações e transformações que se operaram a partir do século XVII, que a espacialização do saber se constituiu como um dos factores da elaboração deste saber em ciência⁷². Por isso a forma como se lê a cidade altera-se de acordo com o raciocínio adoptado.

Ultimamente as novas estratégias de raciocínio evoluíram principalmente como métodos científicos. Reflexo disso, está a origem do Urbanismo enquanto designação de uma disciplina que se declara autónoma e, no entanto, considerada ciência da concepção das cidades⁷³. A propósito, já Geoffrey West (1940) colocara a teoria urbana em causa pela sua falta de princípios e por se basear apenas na colectânea amorfa de dados à semelhança do que era a física antes de Johannes Kepler⁷⁴. Consciente das limitações da teoria urbana, Geoffrey West pretendeu introduzir a ciência urbana: quantificável e preditiva, que envolvesse um número mensurável de factores inter-relacionados de um todo orgânico e que dependem de princípios genéricos que lhe são subjacentes. Ambas as ciências biológica e urbana enunciam o mesmo tipo de problemas embora não implique que sejam exactamente os mesmos⁷⁵. Mais importante do que o seu número de variáveis é o facto de elas

estarem inter-relacionadas. Durante dois anos de análise, West e Bettencourt pensaram a *metrópolis* em termos abstractos e procuraram as equações que descreviam todas essas variáveis urbanas ou as leis que regem a formação de um aglomerado de pessoas, isto é, as “constantes de cada cidade” uma que vez que os padrões urbanos se repetem.



Ritmo de acontecimentos ao longo de 130 anos.



Metabolismo versus massa corporal

⁷¹ JACOBS, J. (2009) *Morte e vida de grandes cidades*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, p. 492.

⁷² FOUCAULT, M. (1982) *The Subject and Power*, in *Critical Inquiry*, Vol. 8, N.º 4, Chicago: The University of Chicago Press.

⁷³ CHOAY, F. (1994) ‘El Regne de L’urbà i la Mort de la Ciutat’, in: “Visions Urbanes, europea 1870-1993: la ciutat de l’artista: la ciutat de l’arquitecte”, Madrid: C.C.C.B., p. 24.

⁷⁴ LEHRER, J. (2010) ‘A Physicist Solves the City’, *The New York Times Magazine*, Sunday Magazine, MM46

⁷⁵ JACOBS, J. (2009) *Morte e vida de grandes cidades*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, p. 458.

24

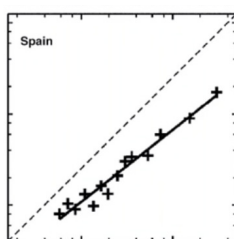
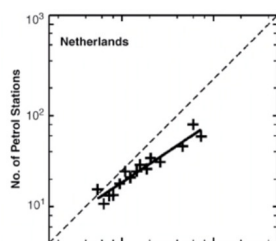
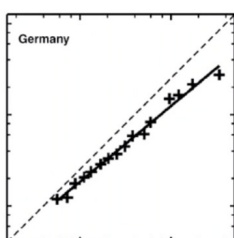
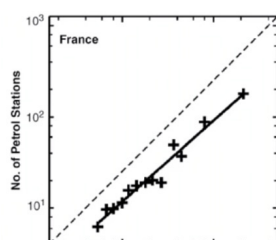
24

25

25

Interações urbanas

Todas as cidades são diferentes e diferem de alguns princípios comuns, que Geoffrey West acreditava ter encontrado, através de equações sublineares e leis fundamentais com exceções. Para West há uma correspondência entre a *metrópolis* e um organismo em extensão que o ajudara a entender a cidade, similarmemente definida pela sua estrutura, infraestrutura e padrões. Inerente ao crescimento da cidade existe um sistema integrado que evolui apesar de todo o planeamento e se traduz na sua habilidade de economia de escala. Depois de analisarem os primeiros conjuntos de dados, concluíram que relativamente às infraestruturas e aos consumos, os indicadores do “metabolismo” urbano se assemelham aos padrões biológicos que mostram que, quando uma cidade duplica de tamanho, requer apenas um aumento de 85% nos seus recursos. Esta observação directa, juntamente com a indicação de que cidades de alta densidade requerem menos energia e menos quilómetros de asfalto *per capita*, sugere que as cidades são centros de sustentabilidade. Seguindo este princípio, as cidades deveriam ser ainda maiores e seriam precisas ainda mais *megalópolis* mas, felizmente, são necessárias outras equações biológicas para além da eficiência energética e uso dos recursos para explicar o crescimento das áreas urbanas. As cidades valem pela facilidade que nelas existe de interações humanas; são, por isso, sobre as pessoas e não apenas sobre infraestrutura. É assim que Geoffrey West evoca o trabalho de Jane Jacobs (1916-2006) que fez a leitura da cidade não como uma massa de edifícios, mas antes como um reservatório de espaços vazios, nos quais as pessoas interagem umas com as outras⁷⁶.



Número de bombas de gasolina versus número de habitantes em diferentes países.

Ainda dentro do domínio das interações urbanas, West e Bettencourt analisaram inúmeras estatísticas de forma a poder quantificá-las. Neste caso e contrariamente à biologia, por se apresentar com uma relação superlinear e um índice superior a 1, se duplicarmos qualquer que seja o tamanho de uma cidade há um aumento sistemático de qualquer parâmetro de actividade económica e/ou social de cerca de 15% *per capita*. Apesar de haver divergências, quer no tamanho da cidade, quer no simples facto de evoluírem independentemente, os valores mantêm-se.

⁷⁶ JACOBS, J. (2009) Morte e vida de grandes cidades, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes.

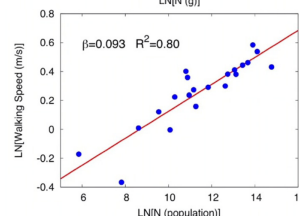
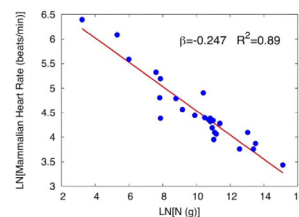
Enquanto Jane Jacobs apenas especulou sobre os valores das interacções urbanas, West acredita na possibilidade de “confirmar cientificamente” as suas conjecturas. O que a realidade nunca lhe conseguiu mostrar e os dados revelam, é que quando as pessoas se juntam, tornam-se muito mais produtivas.

De acordo com os pronunciamentos confiantes de Geoffrey West, estas meras correlações são suficientes para evidenciar o porquê de “as cidades serem uma das mais singulares invenções da história da humanidade”⁷⁷. Quando se começou a viver na cidade, fez-se algo que nunca tinha acontecido antes na história da vida. A cidade contraria todas as equações sublineares da biologia pois, à medida que cresce, tudo entra em aceleração. Para tal, não existe equivalência na natureza. As cidades emergentes têm níveis extremos de crescimento e, quanto maior se tornam, mais rápido é o seu ritmo de vida que culmina numa maior produtividade. Assim se circunscreve o *loop* da vida urbana e se traça através dos padrões superlineares uma linha de crescimento superexponencial. Independentemente das diferentes relações que estas variantes possam estabelecer e possam servir mais ou menos as necessidades humanas, Geoffrey West estuda-as no sentido de entender e prever problemas na cidade.

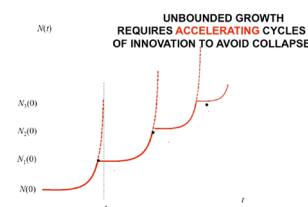
Constantes urbanas

A verdade é que, contrariamente num quadrante histórico anterior, também Ebenezer Howard (1850-1928) procurou encontrar, ainda que *à priori*, as fórmulas que poderiam gerar a cidade e a unidade habitável perfeita, e como exemplo da sua procura são as chamadas *New Towns*, ou, para citar o epíteto de Jane Jacobs, “Radiant Garden City Beautiful” expressando exatamente aquilo que uma cidade não é e não tem. A sua experimentação exaustiva tinha como principais objectivos a consolidação da forma e tamanho e do equilíbrio perfeito entre as necessidades e os propósitos quer urbanos, quer do ambiente rural. Assim estabeleceu duas leis fundamentais que se baseavam, quer na noção de que há um limite funcional entre a área e a população, quer na noção da fundação de mais cidades para providenciar um contínuo crescimento da população. Estas representariam funções mais complexas do

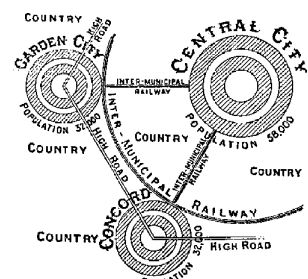
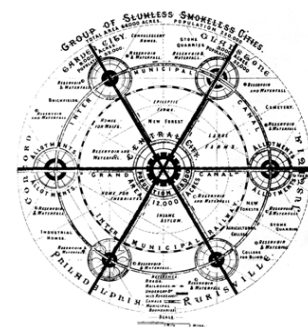
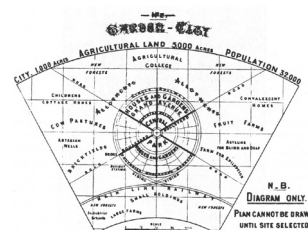
⁷⁷ WEST, G. (2011) *The Surprising Math of Cities and Corporations*, video, TEDx Talks Edinburgh, Julho, http://www.ted.com/talks/geoffrey_west_the_surprising_math_of_cities_and_corporations



Ritmo cardíaco *versus* tamanho do corpo e ritmo de vida *versus* população. Quanto maior, mais rápido o ritmo de vida.



Invenção e crescimento: *loop* dos ciclos de criação



Modelo *New Towns* de Ebenezer Howard.

27

28

29

27

28

29

29

29



30

que uma *metrópolis* na forma de “town clusters”. Aos olhos analíticos de Jane Jacobs, Howard abordou o problema da cidade como um cientista de ciências físicas: de duas variáveis inter-relacionadas de forma directa, simples e inter-dependente.



30

Este conhecimento gerado pela experiência, cria a sensação de controlo da cidade enquanto corpo de prova. Não se fazem apenas experiências pontuais *in loco* na cidade mas também ela própria pode ser uma amostra. Também a propósito, Christopher Alexander (1936) distingue essas cidades que foram produzidas, idealizadas e causadas, as quais foram deliberadamente criadas por designers e planeadores, como Levittown (1947), Chandigarh (1947) e as New Towns (1946), das cidades naturais, ou seja, aquelas que cresceram mais ou menos de forma espontânea durante muitos, muitos anos como Siena, Liverpool, Kyoto ou Manhattan. Hoje reconhece-se alguma falta de ingredientes especiais nas cidades artificiais⁷⁸.

30



30

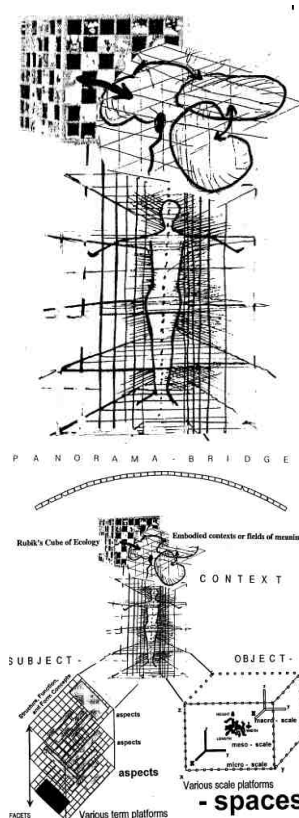
Levittown; Daly City e conjunto habitacional Villa Kennedy

⁷⁸ ALEXANDER, C. (1965) ‘A City is not a Tree’, em “*Design After Modernism: Beyond the Object*”, Londres: Thames and Hudson.

1.5. (Re)produção

A manifestação de um interesse pela cidade inicia-se no momento em que surge uma forma de literatura política singular, que se interroga sobre questões de *como deve ser a ordem de uma sociedade* e *o que deve ser uma cidade*, atribuindo um lugar de inequívoca importância ao Urbanismo, equipamentos colectivos e arquitectura privada, então vistos como meios de acção face às exigências de manutenção da ordem, salubridade e sanidade sociais⁷⁹. É nomeadamente a partir de finais do século XVIII, que a cidade se torna um foco de atenções e, a Arquitectura, o elemento base com o qual se construiu aquilo que as cidades se tornaram hoje.

A mesma similaridade de circunstâncias e situações comuns aos países industrializados da Europa, reproduz-se ao nível dos elementos arquitectónicos e urbanísticos que vão sendo “importados” e “exportados” para outras geografias e culturas em todo o mundo ao ritmo dos constantes ciclos de desenvolvimento ao longo do tempo. A grande questão prende-se, no entanto, aquando da utilização destes elementos das cidades sobre os efeitos que estes podem ter. Certamente serão inteiramente diferentes de acordo com as circunstâncias e o contexto em que existam⁸⁰. Assim se compreende que de princípios comuns, se passe a princípios semelhantes, e se gere resultados cada vez mais distintos de acordo com o contexto das cidades onde se inserem.



Panorama de transformação -
“global sharing and coping”,
Heiner Benking

⁷⁹ FOUCAULT, M. (1982) *The Subject and Power*, in *Critical Inquiry*, Vol. 8, N.º 4, Chicago: The University of Chicago Press.

⁸⁰ JACOBS, J. (2009) *Morte e vida de grandes cidades*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, p. 489.

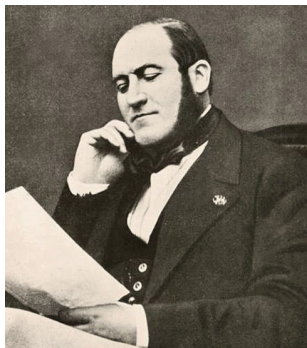
Da escala da cidade à escala global

Em análise retrospectiva desse momento de viragem, é necessário recuar até ao que mais se aproxima do ponto de ruptura entre a antiga organização do Estado e as formas do Estado moderno, das quais Napoleão III foi inventor⁸¹.

Aquando da crise de 1848, Napoleão III anunciou um vasto programa de investimento estrutural para ser aplicado nas várias escalas do império. Ao nível urbano, implicava a reconfiguração das estruturas urbanas de Paris que, por volta de 1853, foi entregue a Haussmann. Este compreendeu claramente que a sua missão era ajudar a resolver o capital excedente e o problema do desemprego através da urbanização. A reconstrução de Paris absorveu enormes quantidades de capital, através de um sistema proto-keynesiano⁸² de financiamento, e o trabalho foi o principal veículo de estabilização social.

As suas intenções aproximaram-se às de um urbanismo culturalista com objectivos humanistas, do qual lhe servem de inspiração planos utópicos Fourieristas⁸³ e Sansimonistas⁸⁴. Contudo, o seu plano de melhorias das infraestruturas urbanas serviu posteriormente de inspiração para modelos progressistas. Apesar da divergência entre ambos, qualquer um dos modelos é fundamentado por um ideal comum de “análise crítica da cidade existente e elaboração oposta de um modelo de cidade construída e reproduzida *ex nihilo*”⁸⁵. O expoente máximo dessa crítica é expresso pela irredutível sentença de Haussmann «*pas assez large... Votre boulevard fait 40 mètres et je voudrais qu'il en fasse 120*».

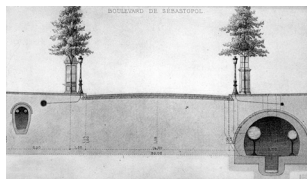
Apesar de se seguirem quinze anos de glória estes não bastaram para evitar a crise financeira de 1868, da mesma maneira que também esta não seria impedimento para que a sua obra fosse reconhecida como um dos



Georges-Eugène Haussmann
(1809-1891)



Avenida Champs-Élysées, Paris



Boulevard de Sebastopol, Paris

⁸¹ FOUCAULT, M. (1982) *The Subject and Power*, in *Critical Inquiry*, Vol. 8, N.º 4, Chicago: The University of Chicago Press.

⁸² Termo relacionado com a proposta do teórico e activista John Law de Lauriston (1671-1729) de “abastecer a nação” com uma suficiência de dinheiro para vivificar o comércio, aumentar o emprego e a produção. O seu mecanismo consistia no aumento da quantidade de dinheiro para baixar as taxas de juros, ampliando o investimento, acumulando capital e assegurando a prosperidade geral.

⁸³ Termo derivado do socialista francês, Charles Fourier (1772-1837). Adepto de uma alternativa cooperativista integral e auto-suficiente por meio de falanstérios. Crítico ferino do capitalismo, industrialização, liberalismo e da civilização urbana.

⁸⁴ Movimento ideológico ligado ao socialista utópico francês Henri de Saint-Simon (1760-1825).

⁸⁵ CHOAY, F. (1994) ‘El Regne de L’urbà i la Mort de la Ciutat’, em: *Visions Urbanes, europea 1870-1993: la ciutat de l’artista: la ciutat de l’arquitecte*, Madrid: C.C.C.B., p. 24.

episódios mais revolucionários na história urbana capitalista. As suas acções desencadeariam repetidas visões urbanísticas durante os séculos seguintes desde Charles Dickens e Friedrich Engels em Londres e Manchester, Ivan Leonidov em Moscovo, Antonio Sant'Elia em Milão e até mesmo Hugh Ferriss em Nova Iorque⁸⁶. No entanto, os ecos dos seus esforços fizeram-se ouvir em 1942 numa avaliação publicada na *Architectural Forum*, nos EUA. Foi documentado em detalhe as acções de Haussmann, atendendo a uma análise dos seus erros mas procurando sobretudo recuperar a sua reputação e ser reconhecido como um dos maiores urbanistas de todos os tempos. Aclamação redigida por aquele que viria a tornar-se o procedente das acções de Haussmann

³⁵ em Nova Iorque depois da Segunda Guerra Mundial: Robert Moses.



Robert Moses (1888-1981)
Em frente à Unisphere na Feira Mundial de Nova Iorque de 1964-65. ³⁵

Robert Moses mudou a escala do sistema de autoestradas e infraestruturas, a suburbanização e a total reestruturação não apenas da cidade mas de toda a zona metropolitana, ajudando a resolver o problema de absorção do capital excedente. Intervenções que liberaram o crédito para o financiamento da expansão urbana. Por outras palavras, um “negócio financeiro” de certas morfologias urbanas expansionistas e dispersas, tipologias arquitectónicas como arranha-céus e mecanismos neoliberais de gestão que favorecem ditos interesses.

³⁶

Desde o seu começo em Nova Iorque até à implementação a nível nacional, nos principais centros metropolitanos dos Estados Unidos da América, houve uma transformação de escala que atribuiu a este processo um papel crucial em estabilizar o capitalismo global depois de 1945⁸⁷. Exemplo disso, é o papel dos Estados Unidos da América na reconstrução do Japão como planeador de uma arquitectura multilateral desenhada para encorajar o comércio através do patrocínio das Nações Unidas, do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional e da actual Organização Mundial do Comércio. Os seus efeitos rapidamente avançaram até à nossa conjuntura.

Tal como foi referido por Manfredo Tafuri, as crises económicas coincidiram com a subversão completa da disciplina da Arquitectura,



1954, edifício Seagram em construção.
Fotografia de Phyllis Lambert ³⁶

⁸⁶ SASSEN, S. (2001) *The Global City: New York, London, Tokyo*. Nova Jersey: Princeton University Press, p. 5.

⁸⁷ HARVEY, D. (2003) *The Right to the City*, *International Journal of Urban and Regional Research*, Vol.27, No.4, p. 939-941.

mudando da sua tarefa passiva de representação simbólica para a sua completa subjacência sob o regime capitalista⁸⁸. Isto significa que o capitalismo está perpetuamente a produzir o produto excedente que a urbanização requer e vice-versa⁸⁹. A Arquitectura é, por isso mesmo, um simples e único objecto para o desenvolvimento capitalista, e não apenas o seu instrumento ideologicamente “utópico”. Quanto mais a cultura arquitectónica sobe a barra de experimentação radical, mais dos seus atributos culturais ela fornece para o ciclo seguinte de um desenvolvimento capitalista, delimitando um círculo vicioso⁹⁰. Esta volubilidade do capitalismo internacional, ora se manifesta estável, ora num estado de crises regionais como as verificadas no Este e Sudeste Asiático em 1997-1998; na Rússia em 1998 e Argentina em 2001. Perante essa instabilidade, qual o papel da urbanização em estabilizar esta situação?



37 Plano Voisin (1925) Paris, França
Le Corbusier



38 Nova Iorque (1990) G. Alessandrini



39 Tóquio (1990) Eiji Ina



39 Cidade fantasma de Kangbashi
China (2011)



39 Torres Ashok, Mumbai (2010)

De facto, talvez a essência real do Modernismo não resida no fascínio pela máquina ou por uma tecnologia eficiente, mas antes por se assumir como uma estratégia singular de absorção da crise, reconciliando o improvável através da certeza do Plano e sistematizando os desastres de forma a torná-los produtivos. Nos Estados Unidos da América, é sensato aceitar que o sector imobiliário foi um importante estabilizador da economia e de ter sido um componente activo de expansão na primeira parte da década de 90. No entanto, o processo urbano não se ficou por aí e foi objecto de mais uma transformação de escala. Tornou-se, resumidamente, global: *booms* no Japão, China, Índia, México e Brasil ajudaram paralelamente tal como aconteceu nos Estados Unidos, o que reduziu à semelhança a Nova Iorque outras cidades a gigantescas inutilidades de edifícios em altura e a novas histórias políticas associadas a tipos de edifícios que fazem da reprodução social um tema principal⁹¹.

⁸⁸ TAFURI, M. (1973) *Architecture and Utopia: Design and Capitalist Development*, trad. Barbara Luigia La Penta, Cambridge: MIT Press.

⁸⁹ HARVEY, D. (2013) *Rebel Cities: From the Right to the City to the Urban Revolution*, 1ª Ed., Londres: Verso.

⁹⁰ AURELI, P. V. (2011) *Intellectual Work and Capitalist Development: Origins and Contest of Manfredo Tafuri's Critique of Architectural Ideology* [Online] The City as a Project. Disponível em: <http://thecityasaproject.org/2011/03/pier-vittorio-aureli-manfredo-tafari/>

⁹¹ HAYDEN, D. (1996) *The Power of Place: Urban Landscape as Public History*, 2ª Ed., Cambridge: The MIT Press, p. 20.

A urbanização na China durante os últimos vinte anos tem tido um carácter distinto daquele da recessão de 1997 nos Estados Unidos, assumindo-se de maior importância e fortemente focado no puro desenvolvimento infraestrutural. Será, assim, a urbanização da China o principal estabilizador do actual capitalismo global? A resposta tem de ser um sim significativo⁹². Para a China é apenas o epicentro de um processo de urbanização que só agora se tornou genuinamente global, particularmente através da reforma de 1978 e da surpreendente integração dos mercados financeiros que têm usado a sua flexibilidade em financiar desenvolvimento urbano em todo o mundo. Esta escala global torna difícil de compreender que o que está a acontecer é, em princípio, proporcional às transformações que Haussmann supervisionou em Paris. A crise actual, com perversas repercussões locais nas infraestruturas e na vida urbana, também ameaça toda a Arquitectura do sistema financeiro global e pode desencadear uma recessão ainda maior.

Combinação e reprodução

Relativamente ao processo de urbanização atrás referido, Saskia Sassen levanta a questão de “como é que podem as cidades tão diversas na sua história, cultura, política e economia como Nova Iorque, Londres e Tóquio experienciar transformações similares concentradas num tão breve período de tempo?”⁹³. De acordo com o modelo de cidade global, as várias cidades globais em todo o mundo irão tornar-se idênticas, e em particular, semelhantes a Nova Iorque. Nesses termos, também Paris e Tóquio se tornam como Nova Iorque⁹⁴.

⁹² HARVEY, D. (2003) “*The Right to the City*”, *International Journal of Urban and Regional Research*, Vol.27, No.4, p. 939-941.

⁹³ SASSEN, S. (2001) *The Global City: New York, London, Tokyo*. Nova Jersey: Princeton University Press, p. 5.

⁹⁴ Idem.

A produção de espaço mostra-se inevitavelmente essencial aos trabalhos internos da política económica. É neste contexto que Henri Lefebvre nota acerca da qualidade do último espaço capitalista, que afirma estar na criação de muitas unidades idênticas – similares, mas não lugares “placeless”. Esta multiplicação do espaço entretanto fragmentado, ou de “células” da cidade, remonta ao conceito de *meme* de Richard Dawkins concebido como uma extensão do argumento de replicação de genes⁹⁵: referindo-se a um replicador de ideia(s), informação e comportamento(s). Apesar da sua imitação nem sempre ser perfeita, estes podem tornar-se refinados, combinados ou, de outro modo, modificados com outras ideias. Processo que resulta em novos *memes*, que se podem demonstrar replicadores mais ou menos eficientes que os seus precessores, proporcionando um sistema para uma hipótese de evolução cultural - noção que é análoga à teoria da evolução biológica baseada nos genes⁹⁶.

O caso das antigas colónias e países em desenvolvimento ao procurar adoptar a civilização ocidental, são exemplos metafóricos de uma reprodução genética com todas as consequências de uma selecção aleatória, mutação e posteriormente sobrevivência do mais forte. A respeito dessa influência, o cientista Samuel M. Berman do Lawrence Berkeley Laboratory diz que, em comparação com as cidades dos países industrializados, as áreas metropolitanas dos países em desenvolvimento terão mais situações críticas pois constituem um laboratório com potencial para as maiores inovações. Nestas circunstâncias, são encontradas um conjunto de condições prévias para uma nova explosão de invenções e inovações que irão substituir as inovações urbanas verificadas no século XIX. Muito provavelmente irá experienciar-se num futuro próximo outro período de 10-20 anos de invenções urbanas concebidas segundo um potencial tecnológico muito distinto da Revolução Industrial. As tecnologias de produção da Revolução Industrial estão a ser substituídas por processos de produção que podem realmente produzir “*diversity with unity*”⁹⁷.

⁹⁵ DAWKINS, R. (1989) *The Selfish Gene*. 2ª Ed. Reino Unido: Oxford University Press.

⁹⁶ KELLY, K. (1994) *Out of Control: The New Biology of Machines, Social Systems, and the Economic World*. Estados Unidos da América: Addison-Wesley, p. 360

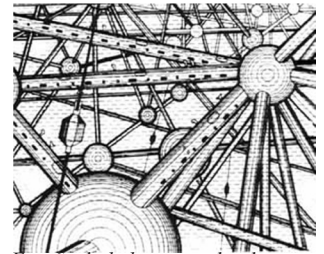
⁹⁷ BERMAN, P. (2001) *Terror and Liberalism*. The American Prospect, p. 12.

1.6. Redes

Este enredo de acontecimentos apenas é possível porque as cidades são uma manifestação física das interações e das aglomerações humanas⁹⁸.

Desde o intracelular ao multicelular, tudo na vida da cidade começou gradualmente a ser controlado por redes ao longo de todo o ecossistema. Tanto a regularidade como a imprevisibilidade características da cidade, são qualidades complementares que dependem na forma como essas subdivisões são distribuídas. Essa hierarquia é possivelmente reconhecida como uma distribuição hiperbólica de Vilfredo Pareto. O seu resultado implica que as escalas mais pequenas dentro de uma estrutura estejam intimamente relacionadas com as escalas maiores; uma não pode ser alterada sem mudar a outra. Essa relação e ordenação entre escalas, é indicativo da existência de uma reflexividade e diferentes velocidades a operarem na cidade⁹⁹. É no conjunto de redes que atravessam as diferentes escalas, que se evidenciam os tempos e ritmos de que são feitas estas dinâmicas deslocalizadas e nos quais decorrem as suas interações.

Deste modo, elas são o próprio “ADN” das cidades, os seus andaimes, a sua própria infraestrutura. Estas, talvez mais do que qualquer outra coisa, constituem o elemento histórico nas cidades e são proeminentemente os seus engenhos da mudança. Os próprios significados e papel da arquitectura no desenho urbano são destabilizados nas cidades marcadas pelas redes digitais, aceleração e por massivas estruturas para conectividade¹⁰⁰. Por isso, há que humildemente reconhecer que aqueles que pensaram o espaço não foram os arquitectos mas, sobretudo, os engenheiros, os construtores de pontes, de estradas, viadutos e caminhos-de-ferro¹⁰¹.



Função de *hub*, comutador de fluxos entre cidades globais

⁹⁸ WEST, G. (2011) *The Surprising Math of Cities and Corporations*, video, TEDx Talks Edinburgh, Julho, http://www.ted.com/talks/geoffrey_west_the_surprising_math_of_cities_and_corporations

⁹⁹ BECK, U, GIDDENS, A.; LASH, S. (1996) *Reflexive Modernisierung*. Eine Kontroverse. Frankfurt/M.

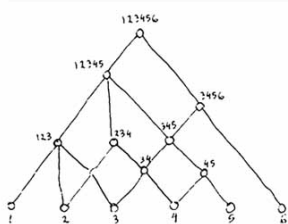
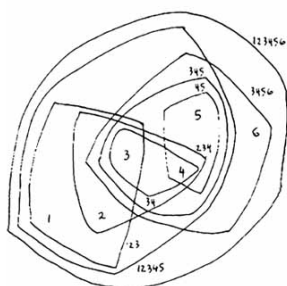
¹⁰⁰ SASSEN, S. (2006) ‘Why cities matter’, “*Cities, Architecture and Society*”, Vol.1, ed. La Biennale di Venezia, Venezia: Marsilio Editori, p. 39.

¹⁰¹ FOUCAULT, M. (1982) *The Subject and Power*, in *Critical Inquiry*, Vol. 8, N.º 4, Chicago: The University of Chicago Press.

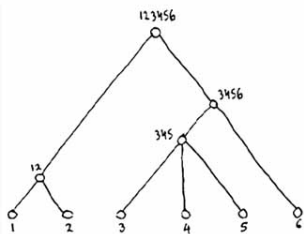
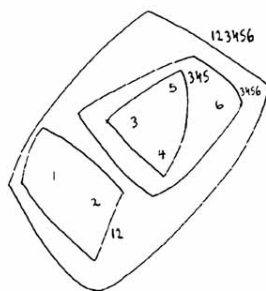
O factor mudança que decorre nas redes varia e pode ser provocado por factores internos da própria cidade ou por factores externos de outras cidades. No primeiro capítulo de *The Urban Revolution*, 'From the City to Urban Society', Henri Lefebvre argumenta que as cidades jamais voltarão a ser vistas como aglomerações urbanas independentes, porque os processos de urbanização se tornaram difusos e por isso globais, até ao ponto da problemática urbana se ter tornado “predominante”¹⁰². Por isso, actualmente as nossas vidas são moldadas por aquilo que Henri Lefebvre designa de processo global de uma “urbanização planetária”¹⁰³.

A rápida e maior interconexão entre as várias cidades permite que as suas influências permutem entre si. No entanto, considerando as facilidades actuais de mobilização e troca de informação os estímulos têm propensão de partirem de uma fonte externa. Parte-se assim para uma adopção das diferenças de outras cidades em vez de uma adaptação, ou seja, em vez de uma complementaridade há uma uniformização. A heterogeneidade de fragmentos que em tempos enriqueceu as cidades rapidamente se tornará doentio pela sua banalidade. Até lá, à luz das diferentes combinações dos seus fragmentos é posto em acção “um sistema complexo de relações e acontecimentos simultâneos” “que geram processos de acção e reacção entre as suas próprias redes de articulação”¹⁰⁴.

As discontinuidades destes fragmentos refletem-se nomeadamente nas relações sociais¹⁰⁵ dado que, o mais importante na rede das cidades são as pessoas. Pressuposto que vai de encontro às considerações de Christopher Alexander, em que as pessoas e as acções são os elementos fisicamente invariáveis e mutáveis que atribuem especial interesse às partes do sistema fisicamente inalterável – rede de infraestruturas e edificações – por torná-las coerentes como uma unidade da cidade e inclui-las nas suas dinâmicas alargadas do sistema de vida. No seu ensaio clássico *'A City is not a Tree'* 41 descreve matematicamente porque é que os novos planos da cidade da era do Modernismo eram estruturalmente deficientes de uma maneira fundamental.



Sistema semi-entrelaçado, que representa cidades orgânicas que cresceram através de ligações e diversidade ao longo dos anos.



Sistema em árvore, que representa a cidade moderna, onde falta a diversidade e sobreposição

Christopher Alexander (1965) *'A City is not a Tree'*

¹⁰² LEFEBVRE, H. (2003) *The Urban Revolution*, Minneapolis: University of Minnesota Press.

¹⁰³ Idem.

¹⁰⁴ GAUSA, M., GUALLART, V. and MÜLLER, W. et al (2000) *Diccionario Metápolis de arquitectura avanzada*. Ciudad y tecnología en la sociedad de la información, Barcelona: Actar, p. 406.

¹⁰⁵ LEFEBVRE, H. (2003) *From the City to Urban Society*, The Urban Revolution, Estados Unidos América: Minnesota Press, p. 1-22.

Os planos não eram suficientemente complexos, apresentando ser “árvores” geométricas em vez de “semi-redes”, tão natural quanto eram invariavelmente as cidades. Esta carência de complexidade impediu as novas cidades de terem um nível essencial de riqueza interactiva e robustez estrutural. Alexander notou que as raízes deste problema assentam na forma como uma única mente humana concebe, e depois gera, tipicamente, uma estrutura esquizoide: isolando, segregando, dividindo. Mas a morfogénese biológica – e a morfogénese de uma cidade complexa – trabalha de uma forma bastante diferente, por diferenciação, dobragem, sobreposição, inteligência colectiva, emergência. As estruturas que daí resultam tem muito maior densidade de conexões e uma forma evolutiva muito mais primorosamente adaptada. Como resultado, elas são mais robustas e mais bem sucedidas.

A dinâmica das redes tende a substituir, então, a estática dos locais construídos por condicionar mentalidades e comportamentos urbanos. A manipulação deste sistema de referência física e mental, constituída por redes materiais e imateriais, como também por objectos técnicos, dinamiza um conjunto de imagens, de informações e de pessoas num circuito que consiste nas relações que as nossas sociedades mantêm com o espaço, o tempo e os homens¹⁰⁶.

¹⁰⁶ GRAS, A. (1993) *Grandeur et dépendance*. Sociologie des macro-systèmes techniques, Paris, UPF, p. 30.

2.1. Cívitas

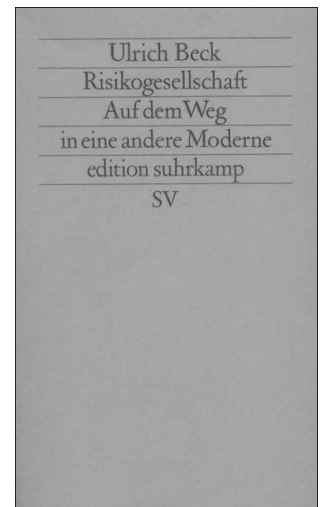
Em complemento às invenções da época de finais do século XVIII, outra das grandes elucidações do pensamento político relacionadas com a urbanidade foi a ideia de *sociedade*. Graças a ela, os resultados de uma governação excessiva seriam o oposto aos pretendidos e sinónimo de impotência governativa. Surgiu assim a consciência de que “o governo não apenas tem de lidar com um território, com um domínio e com os seus sujeitos, mas igualmente com uma realidade complexa e independente com leis próprias e mecanismos de reacção, regulamentações possíveis, e desordem possível”¹⁰⁷. Paralelamente a esta consciência, alia-se a estranha sensação de existir uma correlação negativa e antagónica entre o reforço da importância que se atribui à cidade e a capacidade colectiva de a captar, entender e transformar¹⁰⁸. Esta impressão é corroborada na publicação *The Limits to Growth* onde se pressupõe que a colectividade é tanto menor quanto maior é o espaço e o período de tempo associados a uma intervenção¹⁰⁹. Deste modo tem de se naturalmente reconhecer que sem uma interferência do Estado, nada de efectivo seria realizado em qualquer larga escala¹¹⁰.

Fragmentação e Individualização

É neste preciso momento que a questão do liberalismo e da urbanização aparecem, à qual a cidade serve de suporte social e de veículo¹¹¹ para visar as suas próprias formas de barbaridade e violência sobre toda a sociedade em prol de um sistema de acumulação de bens e de capital. Em *Risikogesellschaft*, Ulrich Beck alerta para a interdependência entre esta “produção social de



Lonely Metropolitan, Herbert Bayer



Sociedade de Risco: Rumo a outra Modernidade (1986)
Ulrich Beck

¹⁰⁷ FOUCAULT, M. (1982) *The Subject and Power*, in *Critical Inquiry*, Vol. 8, N.º 4, Chicago: The University of Chicago Press.

¹⁰⁸ PORTAS, N., DOMINGUES, Á. e CABRAL, J. (2011) *Políticas Urbanas II: transformações, regulação e projectos*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

¹⁰⁹ MEADOWS, D. (1974) *The Limits to growth: A report for the Club of Rome's Project on the Predicament of Mankind*, 2ª Ed., Nova Iorque: Universe Books.

¹¹⁰ MEARNS, A. (1883) *The Bitter Cry of Outcast London: An Inquiry into the Condition of the Abject Poor*.

¹¹¹ HARVEY, D. (2014) ‘The Crisis of Planetary Urbanization’, em *Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities*, Nova Iorque: The Museum of Modern Art.

riqueza” e a sua inseparável “produção social de riscos”¹¹².

A profunda alteração das estruturas tradicionais, que marcam os limites da desigualdade e da insegurança por processos de individualização e de fragmentação familiar social, vão “colocar de modo diferente o problema do sujeito”¹¹³. É mergulhado neste mundo de ética neo-liberal dominante que o indivíduo é submetido a pressões e a sujeições nomeadamente no seu quadro de espaços, na cidade e nas suas extensões. Encontra-se então simultaneamente tão separado, isolado e desintegrado como “socializado” e integrado¹¹⁴.

Na primeira situação, esta desintegração reflecte-se naquilo que Jane Jacobs observa ser os indivíduos a serem tratados como meros dígitos de computador ou números da Segurança Social, fomentando o alheamento relativamente ao próximo e a consequente ruptura do tecido elaborado da vida urbana. Estes grandes números encontrados em cidades encriptam um modelo de socialização humana que favorece o anonimato e afirma um intenso individualismo possessivo, que tanto enfraquece as possibilidades de aplicar normas colectivas gerais, como intensifica o afastamento político de colectivas formas de acção¹¹⁵.

Ainda que a acção de uma racionalidade pública não actue isoladamente numa cidade, também uma metápole não representa normalmente um único “actor” ou uma única “organização”¹¹⁶. Mas, se não há unicidade dos agentes, então cada indivíduo deve surgir como actor, planeador e director da sua vida; como “animal político”, inacabado e auto-transformador, sempre envolvido num devir. A sua mente deve assim tornar-se a primeira causa, e a sua personalidade, tal como afirma Ulrich Beck em *Reflexive Modernisierung*, deve causar um impacto directo no processo evolucionário de tomada de decisões, não apenas através de movimentos de indivíduos e pequenos grupos mas por movimentos em massa.

Neste transitar da sua situação social, Georg Simmel acredita serem estes movimentos os indicadores do desenvolvimento cultural, traduzidos no

¹¹² BECK, U. (1986) *Risikogesellschaft - Auf dem Weg in eine andere Moderne*, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag.

¹¹³ LEFEBVRE, H. (1972) *O Pensamento Marxista e a Cidade*, Póvoa de Varzim: Ulisseia.

¹¹⁴ Idem, p. 179.

¹¹⁵ HARVEY, D. (2003) ‘The Right to the City’, *International Journal of Urban and Regional Research*, Vol.27, No.4, p. 939-941.

¹¹⁶ ASCHER, F. (1996) *Metapolis: acerca do futuro da cidade*, Oeiras: Celta.

número de círculos pelos quais o indivíduo se move e lhe permitem ocupar distintas posições quando estes círculos se intersectam. O seu “envolvimento multifacetado numa variedade de círculos contribui sem dúvida para incrementar a autoconsciência, pois conforme o indivíduo se liberta do círculo que o aprisiona, ele adquire uma auto-consciência cada vez maior da sua liberdade”¹¹⁷ e singularidade.

Felizmente, há cidade: o único lugar geográfico onde esses grandes números de indivíduos tangentes a círculos particulares podem proporcionar a “massa crítica” necessária para criar e sustentar associações, meios de comunicação, locais de socialização, organizações religiosas, e outras instituições sociais¹¹⁸. Estas instituições permitem aos indivíduos o contacto com os outros e formar identidades colectivas. Por isso a cidade pode ser concebida como uma “incubadora de relacionamentos” onde se constroem redes entre os diversos grupos activistas e, por sua vez a colectivização dos recursos de grupo¹¹⁹. Também no seu espaço se materializa a acção destes círculos e, por isso, em tom de resumo usando palavras actuais de Lewis Mumford, “se é permitido tomar um clichê da física, o grande problema é transmutar a massa física em energia física”¹²⁰.

A pulverização do espaço pela propriedade privada e a sua segmentação em espaços sociais controlados são antagónicos à habilidade de apropriação do espaço livremente. A defesa violenta de espaços privados e sociais tornam frequentemente a estrutura do espaço urbano relativamente estática e os processos de transformação espacial altamente conflituosos. Dada a intrincada complexidade, a situação da urbanização sob o capitalismo e a peculiar mistura de alienações e oportunidades que surgem da experiência urbana, os objectivos dos movimentos radicais e revolucionários são obrigados a tornarem-se confusos¹²¹.

¹¹⁷ SIMMEL, G. (1903) *Die Großstädte und das Geistesleben*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag.

¹¹⁸ FISCHER, C. (1975) *Toward a Subcultural Theory of Urbanism*. *American Journal of Sociology*, p. 80.

¹¹⁹ NICHOLLS, W. (2008) *The urban question revisited: The importance of cities for social movements*. *International Journal of Urban and Regional Research*, Vol. 32.

¹²⁰ MUMFORD, L. (1982) *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, p. 636.

¹²¹ HARVEY, D. (1989) *From Managerialism to Entrepreneurialism: The Transformation in Urban Governance in Late Capitalism*. Vol. 71, No. 1, Suécia: Wiley, p. 198-199.

2.2. Direito à cidade: direito colectivo construído

44 Primeiramente tema de reflexão pelo sociólogo Henri Lefebvre em finais dos anos 60, a ideia do “direito à cidade” atravessa um renascimento populacional na viragem do milénio, devido aos movimentos sociais urbanos e às lutas para reformar aspectos do quotidiano. Apesar de David Harvey e Edward Soja divergirem na sua concepção de movimentos sociais, estes intersectavam-se, segundo as palavras de Harvey, “à volta do slogan do direito à cidade” na procura de “um maior controlo democrático sobre a produção e o uso dos excedentes” e um “controlo democrático sobre a aplicação desses excedentes na urbanização”.

De acordo com David Harvey, “para reivindicar o direito à cidade é reivindicar algum tipo de poder reformador sobre o processo de urbanização”¹²². Este explica em pormenor como o capital urbaniza, e sugere a

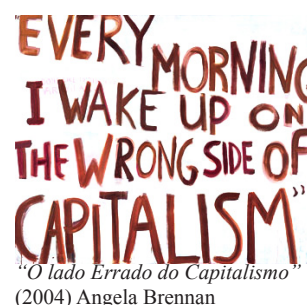
45 compreensão da urbanização do capital como o primeiro passo para qualquer acção significativa pela mudança social: para perceber como se pode partilhar esse poder renovador, é preciso perceber como é que as cidades são feitas e refeitas. Deste modo, o ambiente construído é considerado a chave para as operações de capital na sua discussão do processo político e direitos civis. O direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou como um retorno às cidades tradicionais. Apenas pode ser formulado como um direito transformado e renovado à vida urbana¹²³.

O espaço é tão importante em qualquer forma de vida comunitária como fundamental em qualquer exercício de poder. Como foi descrito anteriormente, uma das manifestações espaciais de poder actualmente

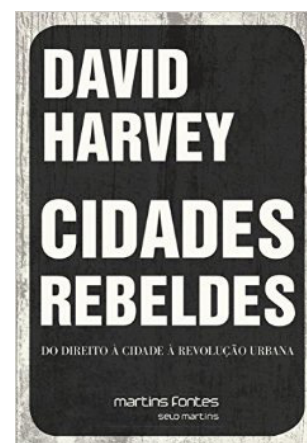
46 evidente é a urbanização. Face às suas forças, David Harvey afirma no seu livro *The Right To The City*, ser preciso um direito colectivo para reformular, ou seja, uma reinvenção da cidade que depende apenas e “inevitavelmente do exercício de um poder colectivo sobre os processos de urbanização”¹²⁴.



O Direito à Cidade (1969)
Henri Lefebvre



“O lado Errado do Capitalismo”
(2004) Angela Brennan



As Cidades Rebeldes (2013)
David Harvey

¹²² HARVEY, D. (2013) *Rebel Cities: From the Right to the City to the Urban Revolution*, 1ª Ed., Londres: Verso.

¹²³ LEFEBVRE, H. (2012) *O Direito à Cidade*, Lisboa: Letra Livre, p. 158.

¹²⁴ HARVEY, D. (2003) “*The Right to the City*”, *International Journal of Urban and Regional Research*, Vol.27, No.4, p. 23.

“Enquanto o valor regente da urbanidade for a competitividade mercantilizada e mercantilizadora”, para o sociólogo Carlos Vainer o direito à cidade continua a ser negado, a urbanidade destruída e o “cidadão não é visto como um colectivo mas como um indivíduo social”¹²⁵. Como um sinal de resistência parece ser o súbito interesse revivalista nas ideias de Henri Lefebvre sobre o assunto, em articulação com o movimento de 1968 em França, ao mesmo tempo que surgem vários movimentos sociais em todo o mundo que reclamam finalmente o direito à cidade como sendo seu objectivo. Mas então, o que é que pode significar o direito à cidade?¹²⁶

“(…) *mais do que a liberdade individual em aceder aos recursos urbanos: é um direito de nos mudarmos a nós mesmos ao mudar a cidade*”¹²⁷.

Numa mudança, a liberdade está simbioticamente relacionada com a igualdade. Na realização destas acções não se deve acreditar nem num igualitarismo que confunde a igualdade de oportunidades de agir com a supressão das diferenças, nem um desigualitarismo que anule a igualdade das oportunidades nas suas dimensões práticas. É necessário substituir um direito à igualdade que se revela impraticável por um direito de dispor de uma oportunidade de agir adaptado à condição de cada cidadão. Isso implica a sensibilidade acrescida em deduzir e retirar correspondências entre as acções de diferentes naturezas, desde individuais a colectivas. No entanto, a par do desprezo de um direito de oportunidade também a liberdade de fazer e refazer as nossas cidades e a nós próprios é um dos mais preciosos, mas também o mais negligenciado dos nossos direitos humanos¹²⁸.

Mark Purcell acrescenta que “o direito de apropriação é ter o direito de definir e produzir espaço urbano para, principalmente, maximizar o seu valor sobre e para além do seu valor de troca”¹²⁹. A actual noção de espaço urbano como propriedade, como uma comodidade geralmente privada a ser trocada no



Censura (1999) Eric Drooker

¹²⁵ ARANTES, O., VAINER, C., e MARICATO, E. (2001) *A Cidade do Pensamento Único*, Rio de Janeiro: Editora Vozes.

¹²⁶ HARVEY, D. (2010) *The Enigma of Capital: And the Crises of Capitalism*, London, Profile Books, p. 17.

¹²⁷ HARVEY, D. (2003) *The Right to the City*, International Journal of Urban and Regional Research, Vol.27, No.4, p. 23.

¹²⁸ Idem, p. 939-941.

¹²⁹ Purcell, M. (2003) *Citizenship and the right to the global city: reimagining the capitalist world order*, International Journal of Urban and Regional Research, p. 564-590.

mercado, além de ser antitética ao direito de apropriação, também se difunde sobre todas as outras noções de direitos. No entanto, existem ocasiões quando o ideal de direitos humanos leva uma viragem colectiva e gera lutas pelos direitos colectivos que têm, no momento, produzido importantes resultados¹³⁰ históricos.

Direito à mudança

A formulação do “direito à cidade” fornece importantes percepções sobre as origens e os marcos das lutas “urbanas”: os movimentos da Primavera Árabe e o movimento 15M em Espanha, que catalizou movimentos de Pro-
 48 Democracia similares como os “Indignados” em Itália, França, Países Baixos, Alemanha e Grécia, assim como o movimento Occupy nos Estados Unidos. Os cidadãos nas cidades densamente populadas acham-no mais fácil para se organizarem a eles próprios. Isto ilustra que quando o estado perde a capacidade de intervir e de estabelecer os direitos civis as pessoas são obrigadas a fazer por elas próprias. Neste momento, o “poder é mais fácil de adquirir, difícil de usar e mais fácil de perder”¹³¹. Em tempo de crise as pessoas juntam-se para encontrar soluções colectivas e o que se adivinha é que “a humanidade deve, e vai, encontrar novas formas de se governar a ela própria”¹³².

49

“O que está a acontecer ao poder no século XXI?”

“Nós sabemos que está a mudar (...)
 de ditadores enraizados para
 pessoas nas ruas, praças da cidade
 e ciberespaço”¹³³.

¹³⁰ HARVEY, D. (2013) *Rebel Cities: From the Right to the City to the Urban Revolution*, 1ª Ed., Londres: Verso.

¹³¹ NAIM, M. (2012) *The End Of Power*, video, TEDx Talks Georgetown, Novembro 9, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=etj4LPP8N60>.

¹³² Idem.

¹³³ Idem.



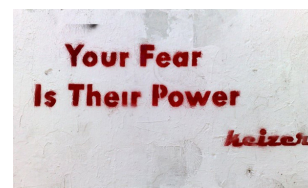
Movimento espanhol 15M em Londres a 15 de Outubro (15O)

48



Movimento espanhol 15M, em Barcelona

48



Graffiti com Slogan escrito por Keizer no âmbito da Primavera Árabe. Cairo, Egipto (2011)

49

Sinal da mudança são igualmente os argumentos que movem as revoltas e se centram mais frequentemente nas questões do espaço urbano: consumo colectivo, particularmente em redor da prestação de valores de uso, é concebido como a primeira fonte de queixas; território, particularmente o bairro, é concebido como a base para criar identidades colectivas comuns, e o estado local é reivindicado para ser o principal alvo de mobilizações colectivas, com o objectivo primeiro de conquistar uma auto-gestão territorialmente baseada e descentralizada. Parece que houve uma mudança nos argumentos que agora se concentram de igual modo numa mudança de comportamento. Sem uma relação directa às acções do Estado mas sobre a postura das pessoas e de como elas próprias mudam o seu comportamento.

2.3. Repercussões e movimentos urbanos sociais

“O espaço urbano tem os seus perigos específicos: *doenças*, como as epidemias de cólera que atingiram a Europa entre 1830 e 1880; mas também a *revolução*, como as revoltas urbanas”¹³⁴. O valor da cidade está tanto no facto de ser um lugar de conflito e discordância como nas suas praças, pois são a representação espacial dessa importância nas cidades: não só para o encontro, mas para a manifestação da diferença e da visualização do conflito.

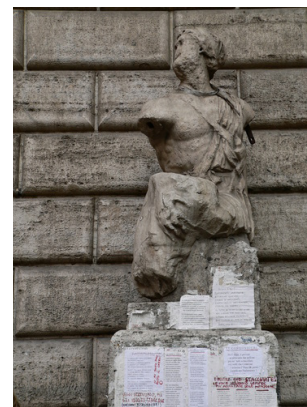
A cidade, epicentro da revolução

Antes de se tornar no motivo e no tema de debate em redor do mundo, já o espaço público se assumia como o local de debate e ocupação por excelência para a concentração popular e das atenções. Esta luta pela cidade é abordada por Manuel Castells¹³⁵ e reflectida na sua definição tripartida conhecida por “movimentos urbanos sociais”. Oposto aos seus objectivos está o exercício parcial do poder em determinadas áreas urbanas e o seu desafio central baseia-se na construção de relações que permitem a mobilização política. Tipo de acção que pretende demover políticas urbanas e se manifesta das mais diferentes formas dependendo da aptidão de cada indivíduo. Se existe essa oportunidade, interessa explorá-la das mais diferentes formas de modo a atingir os mais variados campos da percepção política.

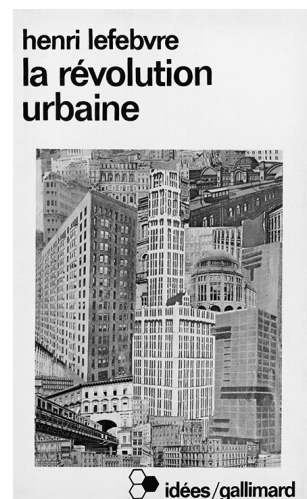
As cidades são o único cosmos onde as condições favoráveis a estas relações são mais frequentemente encontradas. A vida quotidiana nas cidades é uma realidade crítica de “espaço vivido”, para usar a terminologia de Henri Lefebvre, e é compartilhada em torno de experiências urbanas que os movimentos frequentemente mobilizam. Certamente, a resistência proliferou-se principalmente nas experiências vividas no quotidiano em contextos urbanos, mas em ambos os casos dos direitos gays e civis, instantes recorrentes de resistência local deram origem a movimentos nacionais. Mas os movimentos anti-sistémicos bem sucedidos devem adaptar-se e estender

¹³⁴ FOUCAULT, M. (1982) *The Subject and Power*, in *Critical Inquiry*, Vol. 8, N.º 4, Chicago: The University of Chicago Press.

¹³⁵ CASTELLS, M. (1983) *The City and the Grassroots: A Cross-Cultural Theory of Urban Social Movements*. Berkeley and Los Angeles: The University of California Press.



Dois Pasquinos ou “estátuas falantes” usadas para expressar as “vozes” dos cidadãos, através da fixação de escritos anónimos. Roma



A Revolução Urbana (1970)
Henri Lefebvre

50

50

51

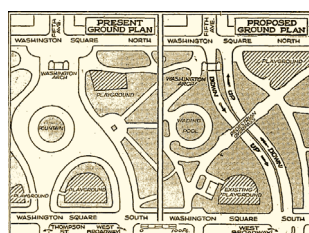
51

as suas relações além de cidades individuais e atender às geografias dos mecanismos que ajudam a construir ou a quebrar relações entre activistas dentro e fora das cidades¹³⁶. Apenas posteriormente a esta análise se iluminam os processos que promovem, assim como mobilizam, os movimentos urbanos sociais.

É a partir dos anos sessenta que surgem os denominados *New Social Movements* que, desta vez segundo Margit Mayer, se distinguem dos anteriores movimentos de uma classe trabalhadora para serem constituídos por grupos sociais como estudantes e mulheres e se distinguem dos motivos anteriormente reclamados para os motivos não-materiais. A propósito, Françoise Choay não duvida que este clima efervescente e “de optimismo fosse o solo fértil adequado para o renascimento da crítica radical e da utopia. Os anos sessenta são a crítica radical dos costumes, da moda e das instituições”¹³⁷.



“Este parque é perigoso sem um semáforo” - Jane Jacobs.



Washington Square Park e proposta de Robert Moses para o prolongamento da 5th Avenue, 1950.

A defesa da cidade

O exemplo de uma das figuras públicas chave no movimento social das cidades é Jane Jacobs. O seu conhecimento privilegiado sobre futuros planos de intervenção na sua área de residência levaram-na a reagir e entrar em acção: a galvanizar a opinião pública para um boicote aos três planos de desenvolvimento urbano em curso e da autoria de Robert Moses. O primeiro consistia na extensão da 5^a Avenida através do Washington Square Park para facilitar ostensivamente o congestionamento das ruas densas de Greenwich Village. O avançar deste plano implicaria a destruição maciça de blocos de edifícios de baixa densidade característicos deste bairro, acabando com o tecido de vida existente e facilmente visível para, em vez disso, dar lugar à construção de dez torres residenciais elevadas a sul e ao longo da sua extensão como prémio aos promotores da construção. Nesta luta, ambos os caminhos de Jacobs e Moses apenas se cruzaram uma vez, em 1958, numa Assembleia Municipal para decidir o futuro de Washington Square Park. Esta seria apenas

¹³⁶ MILLER, B., NICHOLLS, W. (2013) *Social Movements in Urban Society: The City as a Space of Politization*, in *Urban Geography*, Vol. 34, N.º 4, p. 452-473.

¹³⁷ CHOAY, F. (1994) ‘El Regne de L’urbà i la Mort de la Ciutat’, in: “*Visions Urbanes, europeas 1870-1993: la ciutat de l’artista: la ciutat de l’arquitecte*”, Madrid: C.C.C.B., p. 402.

a primeira batalha com Moses, seguiriam-se mais duas: outro projecto de renovação urbana para Greenwich Village e a Lower Manhattan Expressway.

Quase imediatamente após ter entregue o manuscrito de “*A Morte e Vida das Grandes Cidades Americanas*”, catorze blocos de West Village, incluindo a secção de Hudson Street que solenizava no seu livro, foram seleccionados para renovação urbana. A batalha contra este projecto foi baseado na premissa de que o bairro sofria do rótulo de bairro de lata: “começa sempre com um estudo para ver se um bairro é um bairro de lata”, “então eles já poderiam arrasá-lo e entregá-lo nas mãos de promotores imobiliários para fazer imenso dinheiro”. Pela segunda vez, Jacobs liderou a batalha para salvar esta área e provou ser uma oponente infalível sendo inclusivamente comparada pela imprensa a Joana D’Arc e à Madame Defarge, pela liderança do povo nas barricadas.

Durante 34 anos de uma prolífica carreira do exercício de uma filosofia de planeamento, era a primeira vez que uma única pessoa desafiava, descreve Anthony Flint, numa só mão a visão *status quo* de Robert Moses. Se o seu comportamento era tanto de uma personalidade fascinante como a do próprio diabo, para Anthony Flint, Moses foi um segundo Stalin que teria gostado de realocar todos aqueles que pudesse para um gulad em Queens. Num desvaste pelas áreas mais degradadas, Moses deslocou mais frequentemente os pobres no intento de erradicação dos bairros que os críticos descreveram como “remoção dos Negros”, e rejeitou as torres modernistas rodeadas por parques para realojar aqueles que eram realocalizados de “ghettos-para-dentro-de-ghettos”. Flint regista as suas conquistas ímpares: “treze pontes, dois túneis, seiscentas e trinta e sete milhas de autoestradas, seiscentos e cinquenta e oito parques infantis, dez piscinas públicas, dezassete parques públicos estaduais e dezenas de parques novos ou renovados”. A sua crença era que as “cidades eram criadas pelo, e para o tráfego” e, por isso, apenas se focou na realidade vista do automóvel. Na sua admiração pelo movimento dos carros, o seu sonho era a construção de três autoestradas através de Manhattan: a Lower Manhattan Expressway seria a primeira a ser construída.

Simultaneamente um grupo reduzido de residentes de Greenwich Village quis lutar contra o “Golias” da engenharia e do planeamento e, para isso escolheram Jane Jacobs pela sua proximidade para encarnar “David”. A



Vista aérea de unidades residenciais e Washington Square Village, no bairro de Greenwich Village.



Plano de Robert Moses para a autoestrada que atravessava a zona de Lower Manhattan.



"Morte à rua-corredor". Esquisso de Le Corbusier

11 de Dezembro de 1962 o Conselho Municipal rejeitou a Lower Manhattan Expressway a favor do argumento de que para Moses, as autoestradas eram mais importantes do que as próprias pessoas e de que os seus sonhos acabavam, contrariamente, por se tornar pesadelos para a cidade. Jane Jacobs ao invalidar o seu projecto para a Lower Manhattan Expressway, acabou também por desvalorizar a sua carreira. Os "super-projectos" de Robert Moses acabaram assim, por perder valor no meio político de Nova Iorque. Isto deveu-se em parte, à consciencialização gradual de que a novidade de uma certa ideia não implica necessariamente que esta seja boa e a melhor resposta às necessidades.

Para além de Moses, também Ebenezer Howard e Le Corbusier foram alvo de críticas de Jane Jacobs. Ambos considerados por ela tão paternalistas quanto Robert Moses pelas suas teorias, que determinaram antecipadamente o fracasso de uma reforma no planeamento urbano, que estes estavam a tentar impor em toda a América. Jacobs considerava essa prática como um "urbanismo do antagonismo" em "que a renovação urbana era, afinal, um vandalismo oficial baseado em premissas anti-urbanas". Por isso, a criação da Comissão de Preservação de Turismo, a 19 de Abril de 1965, simbolizou mais uma vitória dos seus princípios. Por uma diferença de dois anos não foi a tempo de salvar a Penn Station de ser vítima de outro projecto de Moses, mas salvou outros edifícios, distritos, e bairros que fizeram da cidade de Nova Iorque o lugar que é hoje.

Partilha de escolhas

A partir de então, a profissão de planeamento urbano foi forçada a abandonar o seu foco no "o que a cidade deveria ser" para, subtilmente se focar no "que a cidade era". Este tipo de manifestações são a prova de ser frequentemente mais eficazes do que as decisões democraticamente aprovadas em Assembleias. Por isso, a amplificação destes acontecimentos, pode rapidamente tornar um presidente do município no maior oponente do governo. Razão pela qual os governos britânicos e francês hesitaram durante anos antes de permitirem que Londres e Paris tivessem os seus próprios presidentes. Por detrás desta atitude pode estar um medo desarticulado em que quem quer que

controle a maior cidade também controla o país¹³⁸. Ou, usando as palavras de Seth D. Kaplan embora por motivos distintos, as cidades podem ajudar a salvar países¹³⁹. Apesar de ser improvável que a cidade sozinha, como é o exemplo de Lagos, possa ser o modelo democrático e de crescimento de que a Nigéria necessita para contagiar as autoridades de outras cidades como Ibadan, Kano e Benin para uma melhor governação e consequente período de prosperidade. Nesta visível instabilidade entre as forças controladoras e/ou libertadoras da cidade, tem de se entender o urbano como um ecossistema em constante mutação pela acção humana. Para isso é necessário promover a afirmação dos cidadãos como agentes da mudança. Lefebvre estava certo em insistir que a revolução tinha de ser urbana, no sentido mais amplo do termo, ou então absolutamente nada. Mas então o que é que pode emergir da revolução?

As revoltas significaram “a nova alienação, um novo anseio”¹⁴⁰ por uma experiência urbana menos alienada. Estudantes descontentes da classe-média foram para o local da revolta para reivindicar direitos civis contra o imperialismo Americano para criar um movimento para construir e outro tipo de mundo – incluindo uma diferente forma de experiência urbana. Os sinais de rebelião são generalizados mas nem todos os movimentos sociais são suficientemente fortes e mobilizados: a agitação na Índia e na China é crónica, guerras civis tornam-se raivosas em África, América Latina está em efervescência. Qualquer uma destas revoltas pode tornar-se contagiosa

num século dos social-media como o facebook e o twitter. As revoltas “não nasceram no desespero”. Já existe um grande número de diversos movimentos sociais ligados a questões urbanas – desde a Índia e o Brasil à China, Espanha, Argentina e Estados Unidos. O Brasil e a Turquia ambos experienciaram um extraordinário crescimento económico num período de crise global. Só após a pressão dos movimentos sociais, foi reconhecido o direito colectivo à cidade quando, em 2001, o Estatuto da Cidade foi inserido na Constituição

¹³⁸ NOWAK, W. (2007) ‘Foreword’, em *The Endless City: The Urban Age Project by the London School of Economics and Deutsche Bank’s Alfred Herrhausen Society*, Londres: Phaison Press, p. 6.

¹³⁹ KAPLAN, S. D. (2014) ‘What Makes Lagos a Model City’, em *The International New York Times*, Janeiro 8.

¹⁴⁰ HARVEY, D. (2014) ‘The Crisis of Planetary Urbanization’, em *Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities*, Nova Iorque: The Museum of Modern Art.



“Nail Houses”: reacção contra demolição.



Manifestação e mobilização através dos novos media.



Movimento Passe Livre (2013)
São Paulo

Brasileira¹⁴¹. Também de âmbito urbano, interétnico, revoltas urbanas: China em 1989, Venezuela em 2002, Irão em 2009, Rússia 2011, protestos na Turquia “Gezi Park” e protestos no Brasil “Free Pass”.

Consciencialização popular

No caso da Turquia, o projecto em causa tornou-se o centro de um debate vivo que expôs a arquitectura em discussão pública como nunca tinha acontecido anteriormente. Tal como afirma Margit Mayer, “qualquer «pequeno», aparente conflito local tem o potencial de fazer as pessoas organizarem-se para dar o «scale jumping» como diria Neil Smith. Existe sempre uma necessidade de ir para a próxima escala porque a causa dos problemas está frequentemente localizada numa escala «maior»¹⁴².

Também sob a designação de “projectos de transformação urbana” se baseava a estratégia que o Primeiro Ministro Recep Erdogan, conduzia na Turquia. Esta incluía planos de privatização, o deslocamento de pessoas desfavorecidas de áreas centrais da cidade, destruição de espaços verdes, assim como de locais históricos.

O exemplo do protesto pelo Parque Gezi conduziu a uma unificação sem precedentes, não apenas em resposta à brutalidade política, mas também porque o “imóvel” em questão era um parque público que poderia ser fisicamente ocupado. Além disso, havia uma proposta arquitectónica tangível, que era claramente oportuna e ideologicamente conduzida em vez de intentar o interesse público. Isto apelou para uma redefinição da arquitectura como objecto móvel em vez de fixo, ou seja, de um processo em vez de um produto final. Apenas com o resultado das subseqüentes eleições legislativas se verificou que o movimento de protesto de Gezi não foi suficientemente transversal a todas as classes, devido à sua reeleição.

A história tem mostrado que o espaço público está inerentemente ligado à liberdade própria de expressão, e esta não é certamente a primeira vez na memória recente que uma nação usou o espaço como uma arma contra as autoridades. Quando os que estão no poder não estão interessados no que

¹⁴¹ FERNANDES, E. (2007) ‘Construction the “Right to the City” in Brazil’, *Social and Legal Studies*, vol. 16, n.º 2

¹⁴² MAYER, M. (2012) Experiences of Urban Activism: current state and possibilities, em *International Network for Urban Research and Action*, Tallin.



Protestos na Praça Taksim
Istambul (2013)

se tem para dizer, o espaço público deixa de ser uma prioridade para eles, e esses espaços tornam-se num campo de batalha entre os defensores do Estado e aqueles que sentem que os seus direitos estão a ser violados. Os espaços públicos formais e as propostas arquitectónicas são as ligações cruciais convencionalmente ignoradas pelos analistas, que tendem a focar-se apenas em actores humanos e no capital.

Apesar disso, nem o Parque Gezi nem a contígua Praça Taksim eram espaços públicos agradáveis que permitissem actividades espontâneas, não só devido à sua gestão, mas também devido ao seu desenho. O parque Gezi é bloqueado pelas ruas circundantes congestionadas e a praça Taksim pelas diferenças de cota e pelos edifícios. Apesar de Taksim ser a praça pública para os protestos da cidade por excelência, não é uma praça mas um espaço amplo de uma área pavimentada mal definida que funciona como uma ilha de trânsito à semelhança da praça Tahir no Cairo.

A partir do momento que um espaço público formal é apropriado para manifestar um protesto, é típico dos governos redesenhar esse espaço para prevenir a repetição desses eventos. Subdividindo, vedando e fechando um espaço público indeterminadamente para outras infraestruturas ou “projectos de embelezamento” parecem ser algumas das estratégias espaciais mais comuns. A reacção aos planos de Recep Erdogan tem sido maioritariamente conservadora: preversar as árvores, preservar o parque tal como está, conforme o desenho de 1940 do arquitecto francês Henri Prost.

Esta forma de resistência foi semelhante à que surgiu nos Estados Unidos da América no pós-guerra, em resposta à renovação urbana. O Parque Gezi pode ser comparado ao Washington Park, anteriormente referido, que foi salvo por residentes conduzidos por Jane Jacobs, de ser destruído pelo projecto urbano da autoria de Robert Moses. A preservação de Gezi como um parque, não exclui a possibilidade de um projecto de melhoramento. Questiona-se, no entanto, se haverá alguma necessidade ou procura para esse redesenho. Tanto o parque Gezi como a praça Taksim revelam, pelas suas características, carência na qualidade do espaço, cuja resposta não passa unicamente por questionar sobre quem detém o “direito à cidade”.



Protestos na Praça Tahir (2011) Cairo

Em Istambul, por se dar primazia ao automóvel e ao desenvolvimento de gigantes torres residenciais, de escritórios e aos complexos comerciais de subúrbios, os poderes estabelecidos estão a comprometer os fluxos pedestres e a vida de rua tradicional, que promete um futuro no qual, quase “não existe ali, ali”¹⁴³.

Acção comunicativa do projecto

Como se critica a falta de processo de participação, deve-se também avaliar que ferramentas e métodos estão à disposição nos dias de hoje. O desenho participado tem sido usado no campo da arquitectura desde os anos 60 com o objectivo de incluir os cidadãos no processo de tomada de decisão.

Ao longo do tempo, além da falta de processo de participação também se provou que isso seria manipulado e, por vezes, se tornasse num processo de legitimização, levando Jurgen Habermas a chamar-lhe “reverência pelo banal”¹⁴⁴. A ideia chave derivada da “acção comunicativa” de Habermas é que o que constitui interesse público deve ser definido através do processo de desenho e não à sua posteriori. Contrapropostas podem surgir da experiência de profissionais de desenho mas pode também ser conduzida e formada pelo público geral através do debate. A primeira tarefa de projecto deveria ser necessariamente a de ser um novo modelo, ou novos modelos, de participação.

¹⁴³ STEIN, G. (1937). *Everybody's autobiography*. Nova Iorque: Random House.

¹⁴⁴ HABERMAS, J. (1982) ‘*Modern and Post-Modern Architecture*’, trad. Helen Tsoskounglou, 9H, No. 4, p. 9–14.

2.4. Acção além do desenho urbano

Jane Jacobs acreditava que o futuro estava no pequeno¹⁴⁵. Entre outros, e tal como Christopher Alexander, ambos se colocam lado a lado na defesa da metodologia *bottom-up*. É lógico reconhecer que cada indivíduo tem um impacto diferente na vida da cidade com graus de intensidade distintos, duração, fins e aplicações. Para dominar esta variabilidade e lhe fazer uma leitura sensível é preciso, antes de mais, um conhecimento sobre a produção e apropriação do espaço e às forças que nele actuam, de decadência e de recuperação, para o bem e para o mal¹⁴⁶, em pequena ou grande escala. Se o primeiro capítulo fala de uma produção da cidade causada pelo crescimento populacional sem, contudo, implicar que o bem-estar da sua população seja o seu fim, interessa agora referir as forças que nela devem actuar.

A técnica social do arquitecto

Quando se compara a força da acção do arquitecto com a força da acção amadora: a primeira torna-se bastante redutora e comparativamente minoritária em relação à força dos 98%¹⁴⁷ sem a intervenção de nenhum profissional.

Também a sua relação comparativamente a outros profissionais, é desvalorizada quando se fala em território, comunicação e velocidade. Estas três dimensões, assim como as próprias pessoas, escapam do domínio dos arquitectos. O arquitecto não exerce qualquer poder nem controlo sobre as decisões e as alterações que o cidadão possa querer efectuar em relação ao desenho e à estrutura da sua habitação.

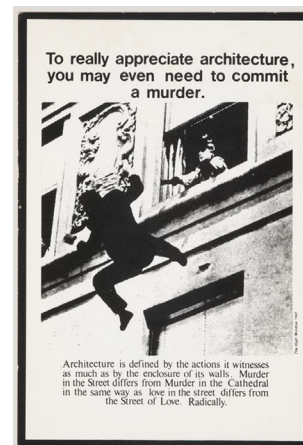
“É preciso colocar o arquitecto numa outra categoria – o que não significa que este não tenha nada a ver com a organização, a implementação do poder e com todas as técnicas através das quais se exerce o poder numa sociedade”¹⁴⁸. Deve-se tomar em consideração tanto o que ele é – a sua

¹⁴⁵ JACOBS, J. (2009) *Morte e vida de grandes cidades*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes.

¹⁴⁶ Idem.

¹⁴⁷ DOXIADIS, C. (1968) *Ekistics: An Introduction to the Science of Human Settlements*. Nova Iorque: Oxford University Press.

¹⁴⁸ FOUCAULT, M. (1982) *Space, Knowledge and Power*, Skyline: The Architecture and Design Review, in ‘Espaço, saber e poder’, “Revista Punkto”.



Advertisements for Architecture (1976-1978) Bernard Tschumi

A arquitectura é tão definida pelas acções que ela testemunha como pelas suas paredes.

mentalidade, a sua atitude – como os seus projectos, de forma a entender um certo número de técnicas de poder que estão investidas na arquitectura.

Outra questão relevante relativamente ao seu tipo de acção, é a existência de contrariedades entre o que este acredita e a sua prática. Tal como reparou Jane Jacobs, ao afirmar que por vezes, os instintos do arquitecto lhe indicam que um determinado espaço tem qualidade, apesar de por vezes os seus dogmas académicos ou herdados da experiência da própria profissão, lhe indicarem o contrário em relação a esse espaço não lhe atribuindo qualidades. Na verdade, há sempre um equívoco que existe na ambiguidade de um determinado desenho ser o reflexo correcto das convicções do arquitecto, restando ainda a dúvida se a arquitectura pode ou não, por si própria, resolver problemas sociais. Michael Foucault acredita que se produzem tanto mais efeitos positivos quanto mais as intenções libertadoras do arquitecto coincidirem com as práticas reais das pessoas no exercício da sua liberdade.

Por isso, para um correcto exercício da arquitectura, esta “consciência do poder do espaço como elemento de domínio e controle, deve servir para repensar os significados e as relações que se propõem sem, por isso, renunciar como técnicos pensar espaços onde se podem gerar conflitos e sejam possíveis outras relações”¹⁴⁹. Como espaços específicos e particularizados, sempre incluídos em processos diversos, específicos, como a geração e autodestruição de diversidade.

Estes processos de desenho são tão cruciais para as cidades como os seus próprios catalizadores. A sua ocorrência não é misteriosa e apenas passível da compreensão por especialistas. Podem ser compreendidos por qualquer comum; acontece que essas pessoas não lhes deram nomes ou levaram em conta que, ao compreender esses esquemas triviais de causa e efeito, podem dar-lhes direcção, se quiserem¹⁵⁰.

¹⁴⁹ FOUCAULT, M. (1982) *Space, Knowledge and Power*, Skyline: The Architecture and Design Review, in ‘Espaço, saber e poder’, “Revista Punkto”.

¹⁵⁰ JACOBS, J. (2009) *Morte e vida de grandes cidades*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, p. 489.

Os processos urbanos, na prática, são complexos demais para serem rotineiros e particularizados demais para serem aplicados como abstrações.

O raciocínio indutivo é importante exactamente para identificar, compreender e usar construtivamente as forças e os processos que são realmente relevantes para as cidades. Um raciocínio indutivo desse tipo, pode ser praticado por cidadãos comuns, interessados, e, mais uma vez, eles têm mais vantagens que os urbanistas e outros profissionais. Estes foram treinados e disciplinados no raciocínio dedutivo. Qualquer cidadão pode ter consciência dos indícios irregulares – ou consciência da sua ausência – tendo uma percepção das quantidades fora do padrão, que apenas realça a sua importância. Posição que se identifica com a demonstração no ensaio *'Accelerating Darwin'* de Adriaan Geuze que advoga não um melhoramento tectónico ou material do ambiente, mas o encorajamento de uma “sensação de cultura espontânea que o habitante da cidade consegue criar”¹⁵¹.

É da sensibilização e aproveitamento desta força que surgem projectos e equipas de cooperação que se envolvem na participação activa dos cidadãos e os ajudam a ganhar representatividade.

No entanto, apesar de ser uma prática crescente na sociedade civil e associado a um sistema *bottom-up*, esta actividade de cooperação na perspectiva de Richard Sennett não se deve afastar do Estado¹⁵². À questão se no Urbanismo se pode efectivamente transferir ideias do sistema *bottom-up* e auto-organizado da cidade, é claro pela sua própria natureza que parece ter de precisar de uma estrutura *top-down*. Por isso Richard Sennet não duvida da viabilidade de ambos: “a cidade não poderia ter uma rede de electricidade através de uma cooperação *bottom-up* – pelo menos ainda não – nem um sistema de saneamento”.

¹⁵¹ GEUZE, A. (1993) *'Accelerating Darwin'*, in Smienk, G, 'Nederlandse Landschapsarchitectuur, tussen traditie en experiment, Amsterdam

¹⁵² SENNET, R. (2015) *On Cooperation: An Interview with Richard Sennet by Rob Wilson*; Uncube Magazine, Commune Revisited, no. 34, Berlin

Então o que queremos que seja a cooperação?

A procura de alternativas, implica uma aceitação pelas diferenças. Entre as quais as mais recorrentes que estão implícitas na experiência profissional de cada um. O que acontece enquanto detentores de conhecimento é que, em nenhuma altura, se abdica da sua própria experiência em prol de uma cooperação. A demonstração de um maior conhecimento perante o próximo cria, à partida, uma relação assimétrica e desigual. Não apenas a nível do conhecimento empírico, mas no poder de decisão. Apesar da cooperação colectiva, a tomada de decisão é individual e muitas vezes não visa o resultado de uma unificação das diferenças; limitação que se associa à objectividade do resultado final: o edifício que, segundo Richard Sennett, este objecto é o limite da cooperação¹⁵³.

Por sua vez, da análise de Manfredo Tafuri conclui-se que, num contexto de luta de classes, o plano e o projecto são menos relevantes do que repensar radicalmente o papel do arquitecto e do urbanista enquanto profissionais intelectuais. Um atributo que não lhes pouparia serem alvo de duras críticas de Jane Jacobs enquanto estiverem ambos associados a “mentes indevidamente fascinadas pelos computadores que se limitam cuidadosamente a perguntar apenas o tipo de questões que os computadores podem responder e são completamente negligentes dos conteúdos ou dos resultados humanos¹⁵⁴. Por outras palavras, enquanto exercerem a sua profissão como especialistas sem saber para quê.

Em resumo, o conceito de cooperação tem de partir essencialmente da cultura herdada do espaço público tão enfatizada nos textos do projecto *The New Babylon* de Manfredo Tafuri: “o fórum nos tempos clássicos, a praça do mercado na idade média e, mais recentemente, a boulevard, foram lugares onde a vida cultural se desenvolveu”¹⁵⁵.

¹⁵³ SENNET, R. (2015) *On Cooperation: An Interview with Richard Sennet by Rob Wilson*; Uncube Magazine, Commune Revisited, no. 34, Berlim

¹⁵⁴ MUMFORD, L (1986) ‘*Home Remedies for Urban Cancer*’, em *The Lewis Mumford Reader*, ed. Donald L. Miller, Nova Iorque: Pantheon. Original pub. “Mother Jacobs’ Home Remedies”, *New Yorker*, 1 Dezembro, 1962.

¹⁵⁵ HEYNEN, H. (1999) *Architecture as Critique of Modernity: New Babylon and The Antinomies of Utopia, Architecture and Modernity: a Critique*. Cambridge: The MIT Press, pp. 148-173.

É por isso necessária uma leitura adequada do seu conteúdo e manifestação informais e mediá-los com os códigos técnicos, formais e legais. Ao traduzir para a forma simplista e visionária de Contant Nieuwenhuis exposta em “*New Urbanism*”, isto significa que a discrepância entre “os padrões aplicados em alocar o espaço urbano” e “as verdadeiras necessidades da comunidade” só serão articuladas quando o modo de vida do homem deixar de ser “determinado pelo lucro mas pelo brincar”¹⁵⁶. Postura que se aproxima assim, da noção incutida por Mikhail Bakhtin, de carnaval associada com a “praça pública” então descrita como sendo a “primeira fase para a natureza colectiva e performativa de todos os acontecimentos carnavalescos”¹⁵⁷.

Enquanto o poder do capitalismo continuar a oprimir e a contribuir para “uma deterioração e dissipação do carnaval e do sentido carnavalesco do mundo”, esta noção perde “aquele sentido autêntico de uma performance comum na praça pública”¹⁵⁸. Por isso, em reacção, é necessária a fusão da arte com a vida quotidiana e os cidadãos devem redescobrir as suas habilidades para controlar as suas próprias vidas¹⁵⁹ de uma forma mais rica, alienada e participada.

Apenas a partir da natureza lúdica e carnavalesca dos protestos urbanos é possível aceitar as diferenças numa tendência para dissipar, colapsar e apagar as distinções entre arte, política e vida quotidiana – estratégia que pode ser encontrada na vanguarda europeia do século vinte. No caso da Internacional Situacionista, a questão activa nas distinções entre arte, política e a vida quotidiana era significativamente informada pelo carácter híbrido do próprio movimento, onde arte e política, criatividade e activismo, se combinaram numa entidade única e indistinguível.

Uma unificação, portanto, além das diferenças técnicas, profissionais e disciplinares.

¹⁵⁶ NIEUWENHUIS, C. (2002) *A Different City for a Different Life, Guy Debord and the Situationist International: Texts and Documents*. Cambridge: MIT Press, p. 95- 102.

¹⁵⁷ Idem.

¹⁵⁸ BAKHTIN, M. (1984) *Problems of Dostoevsky Poetics*, 8ª Ed. e Trad. Caryl Emerson. Minneapolis: University of Minnesota Press

¹⁵⁹ MCCREERY, S. (2001) ‘*The Claremont Road Situation.*’ *The Unknown On: Contesting Architecture and Social Space*. Eds. Iain Borden et al. Cambridge: the MIT Press, p. 228-245

3.1. Combinação de dicotomias

Desde o século XIX até inícios dos anos 90, a prática do Urbanismo tem sido caracterizada por atitudes contraditórias¹⁶⁰. Numa tentativa de as identificar, são criadas aos olhos críticos de Françoise Choay, duas teorias de desenvolvimento integrantes no mesmo período. Embora ideologicamente distintas, ambas estão sustentadas sobre o mesmo pedestal de uma “análise crítica da cidade existente e elaboração oposta de um modelo de cidade construída e reproduzida *ex nihilo*”¹⁶¹. Enquanto uma visa a produção da cidade à luz do progresso e da produtividade, a outra relaciona-se directamente com os interesses dos cidadãos e centra-se em objectivos humanistas. Usando e integrando a terminologia de Choay, a corrente *progressista* e a corrente *culturalista* estão implícitas, respectivamente, ao longo da extensão dos dois primeiros capítulos desta dissertação: *pólis* e *mãos*.

Igualmente transversal às duas ideologias, somente a partir da década de oitenta, se assumiu manifestamente a mudança na articulação dos sistemas para uma dinâmica micro em vez de macro. A contribuição da micro caracterização de Darwin, com a introdução das ideias de células, agentes, processos individuais e morfologias moldadas pela mobilidade, é metaforicamente reafirmada em múltiplas aplicações na cidade que viriam posteriormente a ser praticadas no virar do segundo milénio. Tal proximidade entre urbanismo e biologia, desperta aquilo que Jane Jacobs disse terem em comum: “as tácticas para compreendê-las são similares, no sentido em que ambas dependem de uma visão microscópica ou detalhada, por assim dizer, e não da visão a olho nu, menos detalhada, própria para os problemas de simplicidade elementar, ou visão telescópica, distante, própria para os problemas de complexidade desorganizada”¹⁶².



Reacção aos modelos racionais da cidade colocando o problema no planeamento urbano quando os fragmentos se tornam demasiado descontínuos ou mesmo opostos. A manipulação do mapa intervém na lógica da cidade construindo uma alternativa geográfica e reconfigurando a experiência da cidade.

¹⁶⁰ CHOAY, F. (1994) ‘El Regne de L’urbà i la Mort de la Ciutat’, in: “Visions Urbanes, europea 1870-1993: la ciutat de l’artista: la ciutat de l’arquitecte”, Madrid: C.C.C.B., pp. 24.

¹⁶¹ Idem.

¹⁶² JACOBS, J. (2009) *Morte e vida de grandes cidades*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes

O agir do urbanismo contemporâneo está, sobretudo, sob a conhecida influência de uma produção fordista¹⁶³ dentro de um universo estéril de um individualismo, que faz uma repetição de unidades e fragmentos idênticos, onde o homem não é senão “mais um” na massa inumerável e fragmentada da cidade.

Estas tendências intensificam-se com o domínio da globalização: tanto a cidade fragmentada se torna comum em várias geografias, como os seus fragmentos são objectos que também se multiplicam e repetem entre as diferentes cidades. Esta produção exacerbada de uma cidade sem fim e interminável, extingue a anterior esperança de um planeamento uno e *ex nihilo*, como foi predominantemente até ao século XX, e narra a história de um planeamento baseado em pré-existências e repetições. Esta realidade baseia-se na teoria “universal para a distuição dos tamanhos”, formulada por Nikos A. Salingaros e por Bruce J. West na continuidade das ideias de Alexander Christopher, que indica a existência de mais elementos num sistema complexo quanto menores eles forem. Uma relação entre tamanho e multiplicidade que, num futuro perfeito implica a constante necessidade de formular o próximo plano e de explorar a ideia de transformação¹⁶⁴.

Tais transformações manifestam-se visivelmente em nosso redor, ao remodelar radical e drasticamente “a paisagem especial, social e económica dos centros urbanos em todo o mundo”¹⁶⁵. Sensível a estas mudanças, Álvaro Domingues acredita serem a base para uma paisagem *transgénica*¹⁶⁶; proveniente da transformação do rural para o urbano, processo comumente reconhecido como urbanização. A paisagem é recombinada com intrusões e incongruências para uma ambivalente “mistura de sonhos utópicos e pesadelos apocalípticos”¹⁶⁷. Uma fuga ao banal, pois na paisagem geneticamente manipulada nada é banal, nem complexo nem contraditório, mas recombinado, multidimensional, pluritemporal, simultâneo, em que a ordem natural não é o

¹⁶³ Modelo de produção em massa e em série, instituído pelo norte-americano Henry Ford.

¹⁶⁴ SUDJIC, D. (2013) ‘*Unfinished Cities*’, LSE Cities, Outubro. Disponível em <https://lsecities.net/media/objects/articles/unfinished-cities/en-gb/>

¹⁶⁵ BURDETT, R., VERDIS, S., (2013) *Accelerated City Transformations*, LSE Cities, disponível em <http://lsecities.net/media/objects/articles/accelerated-city-transformations>

¹⁶⁶ DOMINGUES, A. (2012) ‘*Impressões e Projecções, ou aprendendo da Paisagem Transgénica*’, em “Missão Fotográfica. Paisagem Transgénica”, Lisboa: INCM, EAUM, FCG, p.213

¹⁶⁷ Idem.

que salta à vista. “O rural ou o urbano, o industrial ou o agrícola, o futurista ou o arcaico, o denso ou o disperso, eram dicotomias difíceis de contornar antes de a ordem natural das coisas se tornar sintética, manipulada, sob novas combinações mais fluorescentes e vitaminadas”¹⁶⁸.

Nestas combinações, as suas diferenças em relação ao que as rodeia manifestam-se tanto quanto mais elementos distintos são adoptados da cidade. Estes elementos distinguem-se quer pela sua temporalidade quer pela sua especificidade e cultura aliadas a um determinado espaço. Por um lado tudo isto é apenas possível devido à globalização e por outro, aos constantes avanços tecnológicos.

A consolidação da cidade/processo de urbanização e a globalização que coloca o contacto facilitado a outras geografias, culturas, soluções arquitectónicas, começam a padronizar acções cujos resultados se revelam inéditos e as suas consequências geralmente imprevisíveis. As intrusões que se repetem exaustivamente, aproximam-se da noção de cidade ideal de Émile Aillaud¹⁶⁹ onde a confusão aparente seria indicador de esta ser detentora de um passado próprio. Embora defensor de obras planeadas de raiz, não deixa de ser pertinente a sua associação. Pois intrusões repetida e exaustivamente poderiam, hipoteticamente, formar uma espécie de “desordem urbana”¹⁷⁰ que idilicamente apenas seria decodificada por cada habitante e de um modo muito particular. Ao contrário das intervenções *sui generis*, a formalização deste caos codificado que monstruosamente se transforma e se constrói de influências alheias e intertemporais, o procedimento não é feito do zero, mas da transformação de padrões de configurações anteriores.

Enquanto na Biologia estes padrões são encontrados no ADN e nas estruturas que formam as células, a sua adaptabilidade ao meio envolvente e entre si é conseguida através da transformação da sua forma – processo identificado como “morfogénese adaptativa”¹⁷¹.

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ AILLAUD, E. (1976) *Orden Oculto, Desorden Aparente*. Madrid: Biblioteca CIM, D. L.

¹⁷⁰ Idem.

¹⁷¹ ALEXANDER, C. (2002) *The Nature of Order*, Berkeley, CA: Center for Environmental Structure.

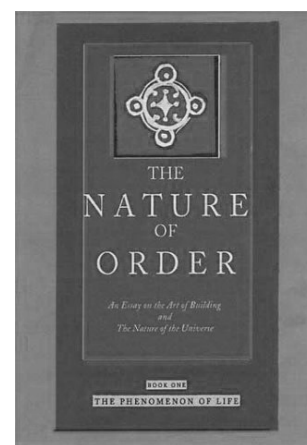
Por sua vez, traduzido para a Arquitectura, os padrões são a ferramenta base para o chamado conceito de “*evidence-based design*”: desenho devidamente adaptado para resolver problemas humanos e para ir de encontro às necessidades humanas.

O desenho não é o produto de um processo linear mecânico, mas emerge de um processo de co-adaptação mútua, procedendo em ciclos evolutivos, com a informação dos sucessos transmitidos numa espécie de mensagem de ADN. Por isso um desenho adaptativo não pode começar de uma suposta condição de *tabula rasa*, mas irá sempre transformar o que já existe. Até mesmo problemas de desenho semelhantes, em contextos diferentes, têm a tarefa de transformar configurações distintas. Em termos matemáticos, cada problema de desenho tem condições iniciais distintas que influenciam fortemente a solução.

3.2. Ordem natural de processos sintéticos

Em busca dos verbos-chave para um entendimento das práticas urbanas, Patrick Geddes sintetiza-as através do bimónio: “*Survey then Plan*”. Este expressa duas fases metodológicas que se traduzem em *planear depois de pesquisar*. Por sua vez, o processo de manipulação associado às transformações urbanas referidas no subcapítulo anterior, é descrito segundo um conjunto de procedimentos sequenciais expressos pelas formas verbais como: *identificar, isolar, alterar, combinar, multiplicar, introduzir, integrar, expressar e transmitir*. Um conjunto que se poderá dividir sinteticamente em três fases, duas das quais coincidentes com o já supracitado método sugerido por Patrick Geddes. A primeira fase está relacionada com o acto de observar o espaço envolvente, reconhecer, procurar e por isso pesquisar para identificar; a segunda está implicada directamente com o acto de experimentação e transformação correspondente ao projecto e ao acto de planear segundo

63 Geddes. Ainda a propósito, também Christopher Alexander subscreeve aquilo que o polímata Herbert Simon (1916-2001) afirmou sobre o desenho ser, no fundo, um tipo de transformação “das condições existentes para outras preferíveis”¹⁷². Por fim, a terceira fase é a da concretização e construção onde se testa e incorpora a ideia no local, enquanto corpo de prova numa fracção da cidade que, poderá influenciar ou não, mais ou menos, o todo e o conjunto. E o ciclo começa novamente com estes novos elementos transformados a servirem de inspiração para outras possíveis transformações, encerrando em si um círculo vicioso que se intersecta em rede, até constituir um padrão de circuitos distorcido pelo tempo e pelos ângulos do espaço.



The Nature of Order (2002-2005)
Christopher Alexander

¹⁷² MEHAFFY, M., SALINGAROS, N., (2013) *Toward Resilient Architectures 5: Agile Design*. [Weblog] MetropolisMag. 20-Dez 2013. Disponível em <http://www.metropolismag.com/Point-of-View/December-2013/Toward-Resilient-Architectures-5-Agile-Design>

Sequência-padrão

Na sequência do conjunto de acções que descrevem o processo de intervenção na cidade, são seleccionados e descritos um conjunto de projectos enquanto casos de estudo. Além de ilustrarem de uma forma literal, o efeito regenerativo de um fragmento em todo o conjunto, são também representativos dos actos de *identificar*, *alterar*, *combinar*, *introduzir*, *integrar* e *expressar*, e das trocas de informação, influência e características entre si. Os projectos organizados cronologicamente são relatos individuais de um processo projectual que, no seu conjunto, correspondem igualmente ao mesmo método. São, portanto, projectos que resultam da combinação/adição/substracção de outros componentes e influências.

3.3. Casos de estudo

A escolha dos casos de estudo seguidamente descritos, baseia-se na característica comum de serem intervenções realizadas em infraestruturas de comunicação, como autoestradas e linhas de caminhos-de-ferro. No seu conjunto, aquilo que define as qualidades gerais dessas vias de comunicação consiste, tanto na intenção de unir duas origens e dois destinos como no resultado segregador ou de limite entre os componentes contíguos. Se por um lado a fragmentação dos elementos que são adjacentes ao longo do seu percurso é um factor que cria reacções, por outro, a sua qualidade de ligação numa escala maior torna-se um importante meio, apesar do seu intenso uso que provoca um desgaste da cidade. Apenas o tempo dos seus efeitos cria a necessidade de mudança de pensamento e atitude.

Os casos de estudo, na sua maioria situados nos Estados Unidos da América, reflectem dois tempos: um cuja máxima é tornar a cidade acessível e a outra pela inutilização e desfuncionalidade de infraestruturas por volta dos anos 60. São exemplo das necessidades geracionais da cidade, originados pelas diferentes mentalidades que gerem, uma multiplicidade de espaços.

No seu conjunto, o marco mais relevante historicamente data aproximadamente de 1976 aquando da primeira intervenção, de demolição propositada, de uma auto-estrada em Portland. A data aproxima-se ao chamado fim do Modernismo¹⁷³ relacionado com a demolição do conjunto habitacional de Pruitt Igoe em 1972. O caso de *Tom McCall Waterfront Park* é escolhido por ter sido pioneiro na mudança do paradigma de organização, até então feito a pensar na circulação automóvel e, por isso responsável por um isolamento. É em sua oposição, de forma a recuperar as energias dispendidas individualmente em trajectos de automóvel, que surge um projecto devotado para o encontro e para a participação. Este projecto acabou por se rever noutras intervenções seleccionadas, como o caso *Embarcadero*, *Rose Fitzgerald Kennedy Greenway* e *Cheonggyecheon*. Por sua vez, o caso da *Promenade Plantée* revelou ser pioneiro na reinterpretação funcional de uma via férrea através do método de combinação propositada de dois elementos e que se revê transmitida no projecto *High Line* de Nova Iorque.



O projecto Pruitt Igoe foi das primeiras demolições de edifícios da arquitectura moderna por isso, a sua destruição foi descrita por Charles Jencks como o “dia em que morreu a arquitectura moderna”.

¹⁷³ JENCKS, Charles (1984) *The Language of Post-Modern Architecture*. Nova Iorque: Rizzoli, p.9.

65



Plano Bartolomeu (1932) Portland

66



Harbor Drive em 1958

Tom McCall Waterfront Park: Portland, EUA

Durante a década de 20, as infraestruturas ferroviárias nos Estados Unidos foram alvo de planos de reformulação constantes devido à sua inutilização gradual provocada pela crescente popularidade e democratização do automóvel entre a maioria da população.

No caso concreto de Portland, a linha marginal de caminho-de-ferro conhecida por Red Electric foi desactivada em 1930 e, em 1933, serviu de base para a construção da Auto-Estrada do Pacífico; altura em que foi elaborado o Plano Bartolomeu de 1932 com a colaboração de Le Corbusier.⁶⁵ Este contemplava a existência de um parque ao longo do rio entre a linha de caminho-de-ferro existente e uma nova auto-estrada de acesso limitado. Também Robert Moses elaborou uma proposta urbana que, como a de Le Corbusier, vigorava a separação física de funções e velocidades entre as diferentes formas de tráfego, em que o trânsito rápido estava separado do trânsito local e de pedestres¹⁷⁴. Ao fim, a linha marginal seria apenas usada para o transporte e auto-estrada, a Harbor Drive, concluída nos inícios dos anos 40.⁶⁶

Posteriormente em 1967, foi colocada sob consideração a possibilidade de expandir a Harbor Drive de quatro para seis vias e torná-la uma via de sentido único. A irrevogabilidade desta futura ampliação foi desde logo demonstrada por Ira Keller, Comissário do Desenvolvimento de Portland; facto que levava as pessoas a formar um grupo chamado “*Riverfront for People*” que se veio a manifestar em Agosto de 1969 a favor da demolição completa da Harbor Drive. Esta manifestação em contesto da auto-estrada pela defesa de um parque, distinguiu-se fundamentalmente dos motins anti-guerra e outros movimentos civis da mesma época.

Apesar disso, o encerramento por eles reclamado era alvo de objecções dos Engenheiros dos Transportes e dito impossível devido às 90 000 viagens diárias que nela se faziam. Por outro lado, Gleen Jackson e Richard Ivey, enquanto Consultor de Planeamento, contrapuseram que avisando o público antecipadamente acerca do encerramento, o tráfego seria distribuído por outras

¹⁷⁴ HANECKOW, D. (2011) *Alder Street Station*. [WEBLOG] Cafe Unknown. 28 Janeiro. Disponível em http://www.cafeunknown.com/2011_01_01_archive.html



67

Harbor Drive



68

Tom McCall Waterfront Park



69

Tom McCall Waterfront Park

alternativas paralelas com capacidade acrescida. Além das razões relacionadas com as limitações financeiras, devido ao seu estado de degradação e elevado custo de manutenção. Estes motivos aliados às convicções populares, levaram o Governador Tom McCall a decidir por uma estratégia que foi pioneira na história do urbanismo americano, de uma orientação centrada no trânsito automóvel para uma orientação focada no trânsito de peões. Esta decisão confirmou o plano para a abolição da Harbor Drive, sendo até então a maior auto-estrada intencionalmente removida.

O seu encerramento parcial aconteceu a 23 de Maio de 1974, após a conclusão da *Fremont Bridge*, que fazia a distribuição do tráfego para ruas paralelas e foi encerrada na sua totalidade em finais de 1974. Deste modo começou o desenvolvimento do parque, tendo sido aberto no ano de 1978 e renomeado em 1984 para Tom McCall Waterfront Park. ⁶⁷

A construção do parque marca a materialização de uma acção na estrutura da cidade. No entanto, é tão importante o que resta de visível e palpável como o consenso que simboliza. Assim se regista o testemunho feliz do dia de encerramento da Harbor Drive:

- *“You must be a mighty proud fellow today.*

*They closed Harbor Drive today and there wasn't a ripple.”*¹⁷⁵

A área foi convertida num parque ao longo da marginal de aproximadamente 14 hectares, que foi sendo expandido ao longo do tempo. ⁶⁸ Durante a década de 1980, desde a *Hawthorne Bridge* até *Montgomery Street* e, por sua vez, durante os anos 90 construiu-se o galardado South Waterfront Park de uma extensão de 3 km ao longo do rio. Esta intervenção contribuiu para um maior redesenvolvimento urbano mais direccionado para a movimentação de pedestres¹⁷⁶. Graças a isso, Portland valeu-se do atributo feito pelo *Wall Street Journal* de “*urban mecca*”, que os arquitectos e urbanistas ⁶⁹ deveriam visitar, enquanto local de referência de projectos que visam reduzir a dependência pelo automóvel.

¹⁷⁵ BONNER, E. (2007) *Removing Freeways - Restoring Cities* [Online] Preservation Institute. Disponível em: <http://www.preservenet.com/freeways/FreewaysHarbor.html>

¹⁷⁶ INTERMEDIATELANDSCAPES (2012) *10 Urban Infrastructure Regeneration Projects*. [Weblog] Master in Urbanism: Regenerating Intermediate Landscapes. 22 Março. Disponível em: <http://intermediate-landscapes.com/2012/03/22/10-urban-infrastructure-regeneration-projects/>

A inutilização das ferrovias tornou-se uma realidade cada vez mais presente nas cidades. No caso particular dos Estados Unidos da América, estes foram tanto precursores na sua inutilização em prol do uso do automóvel, como foram pioneiros no movimento de remoção das mesmas vias rápidas. Isto deveu-se à sua antecipação de cerca de vinte anos relativamente à Europa na construção da rede de auto-estradas¹⁷⁷. Esta situação antecipa aquilo que poderá acontecer noutras regiões do mundo que adoptaram estratégias urbanas semelhantes. Estas ocasiões geraram experiências e as soluções encontradas pelos americanos não deixam de estar no foco das atenções para outros casos posteriores.

Apesar das cidades europeias não terem adoptado uma política de construção exaustiva de auto-estradas como as cidades estadunidenses, depararam-se com o problema da inactividade de outro meio de comunicação, como a linha de caminho-de-ferro. Um problema que implicou consequências semelhantes àquelas provenientes da implantação das autoestradas, embora em menor número.

É em Paris que se pode encontrar aquele que se considera como o primeiro exemplo de regeneração urbana, resultante de uma combinação harmoniosa e consequente alteração de funcionalidade dentro do tema das ferrovias. É na “cidade dos jardins” pelos quais é conhecida actualmente, e não aquela que poderia ser a “cidade-jardim” idealizada por Le Corbusier, que se encontram os diversos e bem sucedidos resultados de uma nova abordagem em relação ao uso do jardim. No entanto, ainda que num plano utópico, a ele se pode dever a transição dos jardins enquanto espaços fechados e áreas isoladas da cidade para passar a ser uma paisagem verde que produz um efeito na imagem da cidade.

O projecto seguinte é o reflexo de que essa paisagem precisa em especial e inevitavelmente de encontrar o seu local “natural” num meio tão artificial como é cada cidade. É tão importante o jardim enquanto elemento isolado quanto a sua localização pelas características que este irá dotar o local onde se insere.

¹⁷⁷ HORN, C. (2014) *Rethinking Urban Expressways*. [Weblog] Urban Planet. 01 Junho. Disponível em <http://urbanplanet.info/urbanism/expressway/>



70 Viaduct des Arcs na Avenida Daumesnil, em 1967



71 Promenade Plantée: Viaduct des Arcs após intervenção.



72 Promenade Plantée: arcadas de Viaduct des Arcs

Promenade Plantée: Paris, FR

Semelhante a um *ready-made urbano*¹⁷⁸ em que a palavra-chave é ser “além do limite”, a Promenade Plantée ou Coulée Verte René-Dumont acaba por ser considerada um *objet trouvé*, precursor na regeneração de fragmentos da cidade. A sua reinterpretação baseou-se nas pré-existências de um bairro consolidado como o XII *arrondissement* de Paris, considerado um dos mais antigos bairros da classe trabalhadora, e na utilização de outro elemento como os espaços verdes usado como elo de ligação entre geografias da cidade isoladas entre si. A Promenade Plantée pressupõe uma política de uma única peça como parque contínuo que cria novos espaços públicos exteriores através do uso de velhas infraestruturas e lugares industriais¹⁷⁹. 70

A linha férrea foi construída em inícios de 1800 entre a Estação de Paris-Bastille e Verneuil l’Etang, uma cidade localizada a 45 quilómetros a este de Vincennes. O *Viaduct des Arcs* foi apenas construído em 1859 para suportar parte do troço. A linha acabou por ser desactivada a 14 de Dezembro de 1969, permanecendo com as suas estruturas inutilizadas até ao ano de 1987.

Nesta data o terreno passou da concessão da SNCF para a cidade de Paris, cujo governo aprovou o redesenvolvimento da linha de caminho-de-ferro Bastille-Vincennes para o uso de uma via urbana verde que se veio a chamar Promenade Plantée. Em 1988, o arquitecto Philippe Mathieux e o arquitecto paisagista Jacques Vergely foram seleccionados para o desenho do projecto e, nesse mesmo ano, foi igualmente iniciada a sua construção. Desde então foi sendo aberta em vários segmentos até 1991. Finalmente, em 1993, foi concluída e inaugurada sob o patrocínio do Departamento de Parques, Jardins e Espaço Público da Cidade de Paris. 71

O projecto estende-se ao longo de 4.7 km na antiga linha ferroviária de Vincennes na parte oriental de Paris deste a Praça de Bastille até Bois de Vincennes na periferia da cidade.

As 71 arcadas debaixo do viaduto ao longo da Rua de Lyon eram 72

¹⁷⁸ MIESEN, L. (2015) *Das Urbane Ready-made: Die Promenade Plantée*. [Weblog] GardenKunstParis. 20 Abril. Disponível em <http://gartenkunstparis.com/author/lindamiesen/>

¹⁷⁹ CLEMENS, Marilyn (2000) “Three Green Miles: A Planted Promenade Provides a Linear Greenspace for Eastern Paris” *Landscape Architecture* V. 90, N. 2, 58-65.

73



Promenade Plantée

74



Promenade Plantée

antes usadas como armazéns de apoio à linha, mais tarde convertidas em lojas, galerias, ateliers workshop, restaurantes e cafés. O uso dos componentes ferroviários, forneceu uma excelente ligação entre os novos e os antigos bairros no XII *arrondissement*, e a área estava em necessidade extrema de um espaço verde que conduziria pedestres e ciclistas a uma parte raramente explorada.

A Promenade Plantée foi um projecto ambicioso do final do milénio e um caso de estudo isolado para outras áreas urbanas que procuraram ⁷³ criar parques elevados, particularmente aqueles que usaram infraestruturas ferroviárias inactivas. Outros projectos que têm a Promenade como modelo é o High Line no bairro de Chelsea em Manhattan e o Bloomingdale em Chicago.

De grande importância é a forma como a Promenade Plantée revitalizou uma secção da cidade que tinha sido considerada um sítio difícil para se viver e pouco convidativo. Através da incorporação de jardins, lojas, caminhos e ligações com os bairros e com as ruas, o parque provou ser uma atracção ⁷⁴ para turistas e para os parisienses. Actualmente a área é considerada segura, agradável e cuidada e, por isso tornou-se, um vital precedente da arquitectura verde e regenerativa. Esta foi uma ideia sem precedentes que serviu de base a outras variantes e tipos de infraestruturas.



75

Embarcadero, vista aérea 1981



76

Embarcadero, vista aérea



77

Embarcadero, demolição

Embarcadero: São Francisco, EUA

No processo regenerativo, é tão válido proceder a uma alteração recorrendo ao método da adicção ou combinação, como através da remoção de elementos. No caso particular do Embarcadero, o acto de remover começou por ser involuntário e acidental. Atendendo ao carácter aleatório no decorrer de uma experiência, é tão importante a imprevisibilidade das suas consequências como das suas causas na origem de novas possibilidades, pensamentos e formas de observação: é o caso do viaduto Embarcadero em São Francisco. 75

Este foi construído em 1959 como ligação entre Broadway e Oakland Bay Bridge, revelando ser um assunto de controvérsia. Na sua inauguração assistiu-se à mobilização de civis contra a construção de mais auto-estradas e, mais tarde, em 1964 a um alargado protesto ao som do mítico “*Little Boxes*” de Malvina Reynolds sobre os ecos da expansão e congestão urbanas. 76



Graffiti de apelo à demolição. 76

Desde então até 1980 surgiram propostas para a demolição do Embarcadero levadas apenas a votação em 1987. No entanto, em 1989, o terramoto Loma Prieta provocou danos irreparáveis na sua estrutura, tendo sido encerranda ao trânsito. Nesse momento questionou-se a “sobrevivência” de Portland após a destruição da sua principal artéria de acesso. No entanto, o desastre revelou ser, curiosamente, uma mais valia por não ter condicionado significativamente a vida da cidade.

Após meses de negociação, o Embarcadero começou por ser demolido a 27 de Fevereiro de 1991. Em 2002, iniciou-se o projecto para uma boulevard multi-usos que deu lugar a uma promenade ao longo da marginal e a uma praça pública. Todo o projecto de demolição e melhoramento foi apenas concluído em 2013. Actualmente, a demolição da auto-estrada e o redesenvolvimento do Embarcadero é uma referência para urbanistas de jurisdições em todo o mundo que estudam projectos de remoção, incluindo Seattle¹⁸⁰, Massachussets¹⁸¹, e Toronto. 77

¹⁸⁰ SEATTLE. SEATTLE URBAN MOBILITY PLAN (2008) *Case Studies in Urban Freeway Removal*. Seattle.

¹⁸¹ ADELMAN, M. (2014) *Looking for the future of the Gardiner Expressway*. [Weblog] CBC News. 22 Fevereiro. Disponível em <http://www.cbc.ca/news/canada/toronto/looking-for-the-future-of-the-gardiner-expressway-1.2546865>

78



Embarcadero, antes e depois da intervenção

Em retrospectiva a um período de aproximadamente 30 anos, as consequências da presença das auto-estradas dentro das cidades são, em parte, definidas pelo paradoxo de Braess. Um paradoxo sobre o fluxo rodoviário, descrito pela primeira vez em 1968 pelo matemático alemão Dietrich Braess. A sua conclusão refere que quando uma rua é adicionada a uma simples rede de quatro ruas, todos os veículos demoram mais para as poder atravessar. Uma asserção que, apesar de ter como variável o automóvel, se assemelha à asserção feita por Jan Gehl sobre o fluxo pedestre: quanto mais espaço público existe destinado aos peões, mais pessoas o utilizam¹⁸². Ainda que com princípios similares, estar direccionado para o automóvel ou para os peões são posições bastantes distintas e, uma vez optando por uma, esta funcionará em detrimento da outra.

Uma decisão consciente dependerá de um amadurecimento e do processo natural que advém da própria experiência. Apenas alguns são visionários e apenas uma quota parte são suficientemente imunes às auto-estradas urbanas – inspirados por Jane Jacobs e a sua conquista pelo impedimento da Lower Manhattan Expressway de Robert Moses – para serem pioneiros na lógica do próximo passo: reinventar e desmantelar as auto-estradas desorganizadas que foram construídas e dividem o centro da cidade¹⁸³.

¹⁸² GEHL, J. (1996) *Life Between Buildings - Using Public Space*. 3ª Edição. Copenhaga: Arkitektens Forlag

¹⁸³ FLINT, A. (2012) *A Contagious of Good Ideas*. [Online] Boston Society of Architects. Disponível em <http://www.architects.org/category/ab-monthseason/winter-0?page=1>



79

Construção em 1956 da Artéria Central de Boston, também designada *Fitzgerald Expressway*



80

Artéria Central de Boston, em 1964



81

Artéria Central de Boston

Big Dig / Rose Fitzgerald Kennedy Greenway: Boston, EUA

O plano para uma auto-estrada elevada na cidade de Boston, designada por Artéria Central, surgiu em 1930 e teve como gênese um antigo plano abandonado de uma ligação de caminho-de-ferro elevada entre North e South Station. Em 1940, começou a sua readaptação para criar aquela que seria a “*Highway in the Skies*” indo assim ao encontro das necessidades do trânsito do pós-guerra, sendo apenas lançada em 1948 no Masterplan da nova autoestrada para a área metropolitana de Boston¹⁸⁴.

Apesar dos esforços da maioria da população para impedir a sua construção, já saturada da presença de “autoestradas que rasgam as grandes cidades”¹⁸⁵, estes não foram suficientemente fortes para a evitar. A construção da Artéria Central¹⁸⁶ ocorreu entre 1951 e 1959, tendo sido erguido o seu viaduto de aço quinze metros acima das ruas de Boston. A construção deste segundo *Green Monster* de Boston provocou um sentimento de desespero social assim que o Estado começou a condenar propriedades em 1950¹⁸⁷. A voz atroz de “*não se poder parar o progresso!*” do seu intrínseco movimento dramático de construir, apressar e fazer, foi sendo posteriormente convertida para uma força contra-reaccionária.

Apenas três meses depois da sua abertura, registou-se o seu primeiro congestionamento e durante 1960 – apenas um ano após a sua conclusão – a média diária de 90,000 veículos já tinha excedido a capacidade para a qual tinha sido desenhada. O centro da cidade de Boston esteve, assim, durante meio século a responder social e arquitectonicamente à autoestrada. Essa resposta consistiu frequentemente em maneiras activas de a evitar, ao criar enquadramentos melhores, ou abandonando completamente a zona para outra com um ambiente menos poluído e congestionado. Tornou-se rapidamente evidente que a autoestrada criava uma barreira física entre o centro histórico,

¹⁸⁴ RO, E. S. (2013) *From Busy Freeway to a Brand New Greenway*. [Online] Boston University. News Service. Disponível em <http://bunewsservice.com/from-freeway-to-greenway/>

¹⁸⁵ JACOBS, J. (2009) *Morte e vida de grandes cidades*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes.

¹⁸⁶ FLINT, A. (2012) *A Contagious of Good Ideas*. [Online] Boston Society of Architects. Disponível em <http://www.architects.org/category/ab-monthseason/winter-0?page=1>

¹⁸⁷ LAU, W. (2015) *Janet Echelman Knits Together Boston's Urban Fabric*. [Online] Architect Magazine. Disponível em http://www.architectmagazine.com/design/culture/janet-echelman-knits-together-bostons-urban-fabric_o



82

Artéria Central de Boston



83

Parque Rose Fitzgerald Kennedy



84

Parque Rose Fitzgerald Kennedy

North End e a frente marítima, que impedia os residentes dessas zonas de se envolverem numa comunidade maior dentro de Boston¹⁸⁸.

Sob a determinação de não repetir os erros feitos ao longo da secção elevada, o Departamento de Obras Públicas de Massachusetts (MassDPW) decidiu substituí-la pela construção de um túnel. Em 1991, após quase uma década de planeamento, começou a construção daquele que foi mais comumente conhecido como Big Dig e reconhecido como um dos maiores projectos rodoviários, mais complexo e tecnologicamente exigente na história de infraestruturas dos Estados Unidos. Através do seu exemplo, provou-se também, que pode haver sabedoria no acto de desfazer¹⁸⁹. Com a autoestrada elevada agora a funcionar no subsolo, a comunidade e o Estado tiveram a oportunidade para dotar a vida cidadina de Boston com parques e jardins permitindo a ligação entre alguns dos mais antigos, diversos e energéticos bairros de Boston. Este sistema de parques ficou conhecido como o Rose Fitzgerald Kennedy Greenway. O parque tem uma extensão de 2,4 km e contém uma variedade de diferentes espaços públicos. A sua inauguração foi em Outubro de 2008 e localizou-se onde antes existiu a rodovia elevada John F. Fitzgerald (Artéria Central), parte integrante do Big Dig¹⁹⁰.

No entanto, foi igualmente um exemplo de que removendo uma variável do sistema (neste caso a própria autoestrada) pode não se remover os seus efeitos. Apesar de se situar no coração da cidade, o Rose Kennedy Greenway não restabeleceu o movimento à escala humana, por não haver uma preocupação sobre os efeitos secundários do Big Dig entre os sistemas e sobre o tecido urbano envolvente. O parque linear representa um bem-paisagístico, mas serve como o que Kevin Lynch descreveu como “*edge*” (embora não da mesma maneira que a auto-estrada anterior)¹⁹¹. Um atributo espacial que justifica a reacção e a admiração inicial dos residentes em relação à extensão de 6 hectares de espaço verde oferecido que, ao longo dos anos, não fez o seu uso pleno.

¹⁸⁸ RO, E. S. (2013) *From Busy Freeway to a Brand New Greenway*. [Online] Boston University. News Service. Disponível em <http://bunewsservice.com/from-freeway-to-greenway/>

¹⁸⁹ LOTH, R. (2012) *Unbuilt*. [Online] Boston Society of Architects. Disponível em <http://www.architects.org/category/ab-monthseason/winter-0?page=1>

¹⁹⁰ MASSACHUSETTS DEPARTMENT OF TRANSPORTATION (2006) *The Central Artery/Tunnel Project – The Big Dig*. Disponível em <http://www.massdot.state.ma.us/highway/TheBigDig.aspx>

¹⁹¹ LYNCH, K. (1999) *A Imagem da Cidade*. Trad. Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70.

85



Cheonggyecheon com águas residuais

86



Início da cobertura do leito do rio (primeira intervenção)

87



Cheonggyecheon: Seul, CS

Cheonggyecheon é o rio à volta do qual a cidade de Seul se desenvolveu e se dividiu, simultaneamente, na parte Norte e na parte Sul separando respectivamente as classes sociais mais desfavorecidas das classes superiores. Durante o crescimento da cidade desde o século XV, o rio foi utilizado como única hidrovia para as águas residuais da cidade. Ironicamente, o seu nome designa “leito de água limpa”, no entanto, o rio degenerou num esgoto poluente, sujeito a cheias provocadas pela desflorestação para uma futura urbanização. Esta foi uma situação que permaneceu assim até inícios de 1925, ainda sob a ocupação japónica. ⁸⁵

Durante o período de colonização, por volta de 1937, a maioria dos seus afluentes foi coberta, integrando assim o rio num sistema subterrâneo de esgotos de Seul. A sua situação agravou-se, no período de liberalização em 1945 e na Guerra da Coreia entre 1950-53, devido à falta de condições nos bairros de refugiados fixados nas margens do rio. Devido ao acentuar dessas razões, o rio começou a ser finalmente coberto na sua totalidade em 1955. ⁸⁶

Uma vez concluída esta primeira fase do processo, foi durante a governação de Pak Chung Hee que se adoptou uma política de redesenvolvimento e se decidiu erguer, sobre a cobertura de betão, uma autoestrada elevada dezasseis metros do chão, como um símbolo da modernização da Coreia, da sua recente industrialização no período pós-guerra ou, simplesmente, do “progresso-a-todo-o-custo”¹⁹². A sua construção decorreu entre os anos de 1967 e 1971, resultando numa autoestrada com quatro vias ao longo de 5,9 km de comprimento, que circulava acima de uma rua convencional existente. ⁸⁷

No entanto, durante as quatro décadas que se seguiram, assistiu-se a uma degradação considerável no ecossistema urbano na área de Cheonggyecheon, provocada pela rápida industrialização e urbanização, deixando de ser considerado pelos habitantes locais, aquele que era anteriormente o seu motivo de orgulho. Por sua vez, quando Lee Myung-Bak foi eleito governante de Seul em 2001, uma das promessas eleitorais

¹⁹² ONISHI, N. (2007) The Evolution of a Man Called ‘Bulldozer’. *The New York Times*, 20 de Dezembro. Disponível em: http://www.nytimes.com/2007/12/20/world/asia/20lee.html?_r=0.

88



Autoestrada de quatro vias rápidas e dez vias adjacentes de trânsito lento

89



Cheonggyecheon após a demolição da autoestrada e plano de regeneração

era remover a autoestrada e restabelecer o curso natural do rio. Apesar do comércio local se opor à demolição, o projecto foi apoiado por cerca de 80% da população de Seul. Depois de ser tema para muitas discussões, em vez de se optar pela reparação da autoestrada, cujas infraestruturas apresentavam sinais de desgaste, o Governo da Área Metropolitana de Seul decidiu recuperar o rio que estava “amaldiçoado por confins de vácuo”¹⁹³ como diria Jane Jacobs acerca da autoestrada. 88

O plano para a recuperação ficou completo em Fevereiro de 2003 e a demolição da autoestrada ocorreu de Junho a Setembro. Entretanto, a recuperação do leito do rio começou a 1 de Julho de 2003 mas demorou até 30 de Setembro de 2005 a ser concluída; altura do fim do mandato de Lee Myung-Bak. Esta construção foi assistida pela implementação de um sistema de transporte público (Bus Rapid Transit) entre Março e Junho de 2003, altura em que a autoestrada foi encerrada. Foi o suficiente para fazer alterar o comportamento das pessoas e a forma como estas acediam e se deslocavam na cidade.

A recuperação do rio Cheonggyecheon já quase inexistente, estendeu-se ao longo de 5,7 km e foi dividida em três zonas temáticas que marcaram a transição de uma paisagem urbana para um ambiente natural. Este projecto tornou-se novamente um motivo de orgulho para Seul, enquanto capital da Coreia do Sul, e permitiu recuperar 600 anos da sua história, onde a era moderna se combinou com a tradição. Devido às características que proporcionou ao lugar, o projecto é um possível modelo a ser aplicado, no futuro, no resto da Ásia. O facto da China ser o país que, a seguir aos Estados Unidos, baseou parte do seu desenvolvimento na construção de autoestradas, fá-la-á atravessar a mesma situação pois, apesar do automóvel ser um símbolo de progresso e modernização não significa por isso que seja um símbolo de desenvolvimento. 89

¹⁹³ JACOBS, J. (2009) *Morte e vida de grandes cidades*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes.

90



Construção da estrutura elevada da linha férrea High Line.

91



High Line aquando da sua conclusão, em 1934.

92



Fotografia de Joel Sternfeld no período de abandono, antes da transformação.

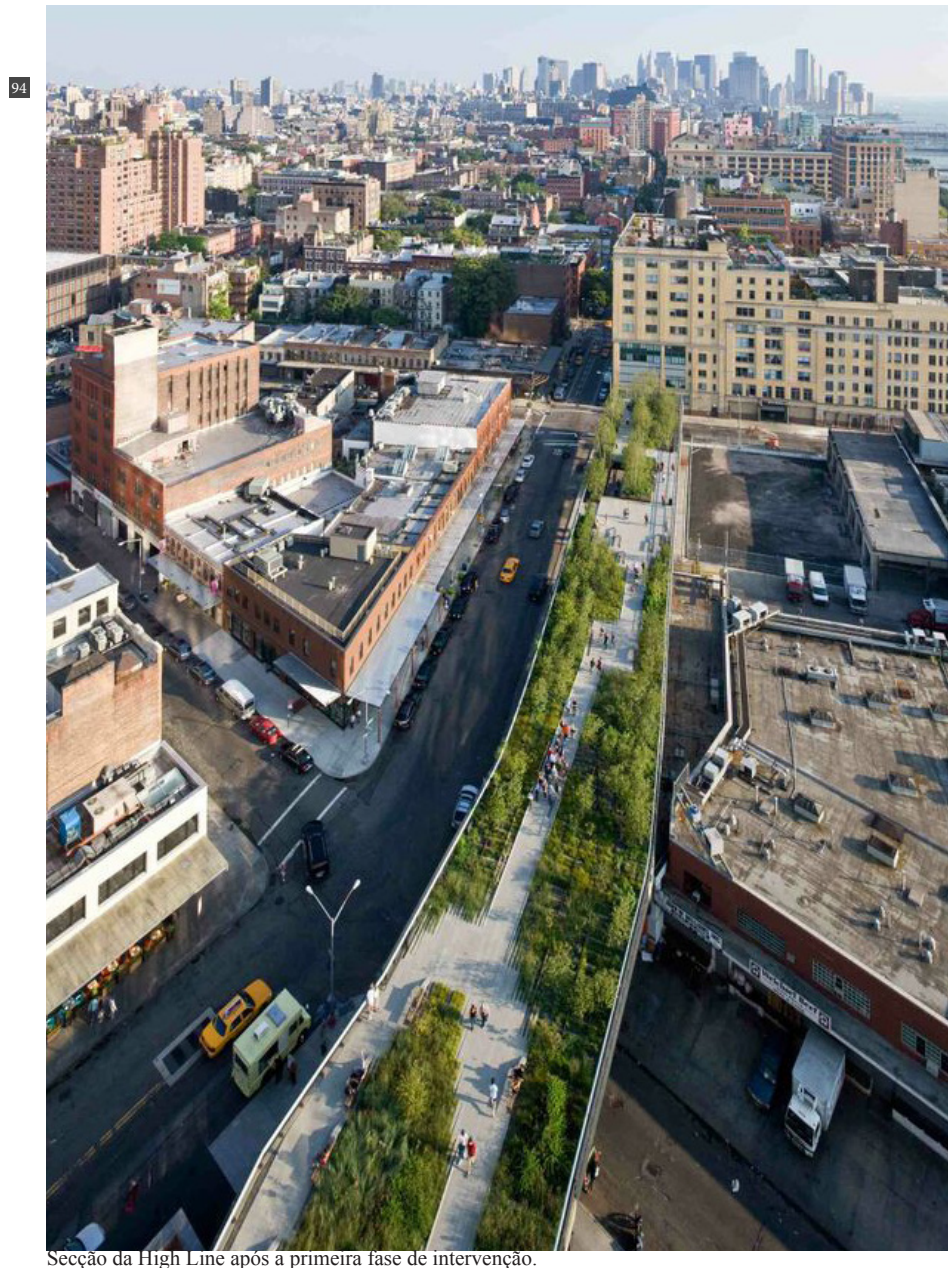
High Line: Nova Iorque, EUA

Localizada no lado ocidental de *Lower Manhattan*, a High Line foi uma linha férrea elevada, cuja implantação foi feita paralelamente à 10th Avenue, atravessando os quarteirões da zona residencial de Chelsea. Esta foi construída em 1929 no âmbito do *West Side Improvement Project* e concluída no ano de 1934. Devido ao seu uso reduzido a partir da década de 60, foi posteriormente desactivada em 1980.

O prolongamento do seu abandono até à década de 90, veio confirmar aquelas que eram as convicções por parte da maioria dos residentes e das próprias autoridades da cidade, de que a demolição seria a sua única solução. Estes acreditavam que ao remover este resquício de um diferente tipo de cidade, o bairro de Chelsea atingiria o seu máximo potencial.

No entanto, foram surgindo gradualmente iniciativas da parte de cidadãos para desafiar as certezas maioritariamente instaladas. Primeiramente sob a vontade de um residente, activista e entusiasta por ferrovias chamado Peter Obletz, que decidiu após vinte e cinco anos de inutilização da High Line comprar esta estrutura elevada por dez dólares, com a intenção de a recuperar. A sua luta pelo direito à propriedade durou cinco anos, sem sucesso. Apesar disso, os seus esforços pela preservação foram continuados pelo fotógrafo Joel Sternfeld que, sensível à apropriação da Natureza nesta estrutura industrial, fez disso um tema dos seus registos fotográficos para, assim, mostrar a sua semelhança a um parque. A sua reprodução e divulgação foram instrumentos essenciais na conversão da opinião pública. Contudo, a iniciativa que mudou o destino da High Line deveu-se a outros dois residentes que procuraram um movimento cívico que lutasse, em primeiro lugar, pela sua preservação e depois, pela sua reutilização como um espaço público ao ar livre.

Em 1999, Joshua David e Robert Hammond, formaram o *Friends of High Line* e, entre 2002 e 2003, procederam ao estudo da viabilidade económica que concluiu, ao contrário das alegações da administração de Rudolph Giuliani, que o projecto na transformação num parque era racional e um factor de desenvolvimento para a zona. Além disso, também o sucesso reconhecido do projecto de transformação da *Promenade Plantée* em Paris se tornou motivo de credibilidade e um forte precedente para as suas ideias.



Deste modo, foi anunciada a abertura de um Concurso de Ideias, chamado *Designing the High Line*, cujo processo de selecção das propostas seria conduzido no ano seguinte, pela própria associação juntamente com o governo de Nova Iorque. A equipa seleccionada para o desenho do projecto foi o atelier de arquitectura paisagista James Corner Field Operations, em parceria com os arquitectos Diller Scofidio + Renfro e o paisagista Piet Oudolf.

Em Novembro de 2005, a administração da cidade aceitou a concessão da High Line e, em 2006, iniciou-se a sua construção. O troço da High Line estende-se ao longo de 1,6 km, desde a Gansevoort Street até à 34th Street, e o seu processo de intervenção foi dividido em três fases. Cada uma delas correspondeu a mais de dois anos de construção em cada segmento, que implicaram não só o planeamento, mas a participação da comunidade e o trabalho minucioso dos profissionais de desenho. A primeira secção foi aberta ao público a 9 de Junho de 2009, desde Gansevoort Street em direcção a Norte até West 20th Street. Por sua vez, a 8 de Junho de 2011 foi aberta a Secção 2, desde West 20th Street a West 30th Street. Por fim, a terceira fase de construção da secção mais a norte do parque, teve a sua aprovação em 2012 pela Comissão de Planeamento da cidade de Nova Iorque para a extensão da intervenção na High Line até ao Rail Yard (correspondente à estação de triagem), sendo finalmente aberta ao público a 21 de Setembro de 2014.

Apesar do parque pertencer à cidade de Nova Iorque, este continua a ser gerido pela associação sem fins-lucrativos *Friends of the High Line* juntamente com o Departamento de Parques e Recreação para supervisionar a sua manutenção, operações e eventos públicos. O seu objectivo é conseguir encontrar meios para aumentar os fundos privados, de modo a financiar mais de 90% do orçamento anual.

A realização deste projecto teve um grande impacto na economia local do bairro de Chelsea, efeitos positivos nos valores do mercado imobiliário e na vivência do espaço da cidade.

Assim se finda ao fim de três actos, a experiência levada a cabo para dissecar as dinâmicas da urbanidade. Manifestadas sob diferentes poderes e interesses são, também elas, a causa-efeito das experimentações ocorridas na cidade, essencialmente a partir do século XIX. Estas dimensões formam um sistema tripartido onde as suas diferenças determinam intensidades desiguais e tipos de intervenção distintos. À semelhança da trilogia já consolidada de *Pólis* (política), *Civitas* (cidadania) e *Urbis* (estrutura) é possível definir e re-identificar a dimensão de *pólis* (política), *mãos* (manifesto) e *acção* (regeneração), respectivamente.

Durante o primeiro acto, o estado de desenvolvimento no qual se encontra a *pólis* demonstra ser tão vital quanto patológico. Se por um lado é o local por excelência da organização de cidadãos e onde se regista um histórico de descobertas que revolucionaram a vida em comunidade para estarem ao seu serviço, por outro lado, sofre as consequências da aplicação de diferentes soluções, tão contraditórias quanto complementares, para responder à crescente movimentação de pessoas. Este círculo vicioso de desenvolvimento torna a *pólis* a sua causa final e concentra exclusivamente nela própria a capacidade de solucionar os seus problemas, “tal como um giroscópio volta sempre ao ponto de equilíbrio por muito bruscamente que o desloquem nesta, ou naquela direcção”¹⁹⁴. A rotatividade social e o girar em torno de si própria formam, gradualmente, à medida que estabelece ligações externas com outros centros urbanos, derivações no seu território teoricamente designadas como *metrópolis*, *megapólis*, *megalópolis* e, por fim, a *metápolis*. Da sua observação num segmento de dois séculos, conclui-se que cada uma designa diferentes sintomas e fases de crescimento às quais as teorias arquitectónicas da cidade têm continuamente reajustado o significado desses termos em resposta às mudanças verificadas no território geopolítico.

A *metrópolis* é o primeiro estado de profusão entre a primeira e segunda era de Modernização delineadas por François Ascher e marca um crescimento que rompe os limites em direcção ao campo e continuado agora

¹⁹⁴ ORWELL, G. (2003) *1984*. Porto: Colecção Mil Folhas, p. 209.

como uma *megapólis*. Seguimento para uma escala mais ampla, de subúrbios em expansão. Este crescimento por coalescência cria a *megalópolis*, que se apresenta como um contínuo urbanizado e representa o último estado de crescimento antes daquilo que será o fim da cidade declarado por Lewis Mumford. Por sua vez, e resultado da terceira era da Modernidade, é repensado o entendimento da cidade como uma *metápolis*. Que não é senão o resultado da combinação de todos os espaços anteriores em que tudo adquire a qualidade de urbano. Esta diversidade e multiplicidade de combinações cada vez mais complexas, intrincadas e por vezes contraditórias, invalidam a aplicação de teorias urbanas únicas por se mostrarem insuficientemente abrangentes para se aplicarem a todos os espaços que foram entretanto criados. Faz sentido que deixe assim de existir uma conduta teórica que entenda e aponte uma única solução para os problemas da cidade.

Além disso, o que se verifica ao longo deste processo, é que da unicidade de cada cidade houve uma presente partilha de tipologias que as uniformiza mas que, devido ao seu contexto, as distingue e torna diferentes das demais nas suas consequências e efeitos. De três tempos sobrepostos, a cidade é um tempo diferente - onde o passado permanece e condiciona o futuro. Uma propriedade que faz dela um processo de transformação vivo semelhante ao de um organismo, que transporta informações do seu passado e evolui da sua conformação a condições externas.

No segundo acto é feito o reconhecimento de uma outra componente e condicionante do Urbanismo, como é a sociedade. Também ela se assume com uma realidade própria, complexa e independente regida pelas suas próprias regras. Graças a ela se deve tanta importância à *pólis* e, ironicamente, lhe é concebida tão escassa capacidade de a entender e transformar. A individualização e a sobre-organização alienaram a acção do indivíduo na esfera urbana; limitação que alimenta sucessivamente uma produção social de riscos em lugar de riqueza. Enquanto a cidade for de alguém não é de todos, sendo assim um espaço de conflito e agónico. Apenas a partir de 1960 se luta pela emancipação da condição sisifiana do cidadão e se faz sentir a rebelião de movimentos sociais urbanos que reivindicam o direito à cidade, de escolha e de participação. O facto do exemplo ímpar da afronta de Jane Jacobs

aos planos urbanísticos de Robert Moses ser um próprio motivo de alento e precedentes para arquitectos, revela-se tão irónico quanto prometedo. Uma revelação que rompe os limites da tecnocracia e demonstra a urgência da sua união com os cidadãos não como reacção, mas em acção. Ou seja, numa procura conjunta dos seus interesses através de uma lógica de debate *à priori* e não *à posteriori*. Para uma conversão daquela que é sua única forma de manifestação monossilábica da sua vontade para um processo de interacção activo, através do qual se transporta a sua informação do domínio informal para o meio formal e legal. Ou seja, uma transformação da sua massa física em energia física para que haja mais *mãos* activas na rua.

Por fim, no terceiro acto, o estudo do ambiente urbano como reflexo de uma *acção* construída. Desde o momento de *introdução* na malha urbana de infraestruturas ligadas ao progresso, à sua *remoção* ou *combinação* com outros elementos, até à *integração* deste novo resultado com vista a alterar os seus efeitos na cidade. Uma *acção* que representa um processo de manipulação criativa no código da cidade, nomeadamente nas redes de infraestruturas enquanto parte integrante do seu ADN. Da observação iniciada no projecto de demolição da Harbor Drive na cidade de Portland, este é *expresso* primeiro como precedente para comportamentos semelhantes a uma escala nacional, em São Francisco e Boston e, posteriormente, a uma escala mundial, em Seul. Por sua vez, regista-se também uma *transmissão* internacional entre a Promenade Plantée de Paris e o High Line de Nova Iorque. Das suas premissas comuns, ora o excesso de imposição das autoestradas ora o defeito da inutilização das vias férreas, é aferida a introdução de um elemento como o parque para alterar o curso da evolução nefasta desses locais, de modo a atribuir novas propriedades e características à cidade. São criadas assim, oportunidades para novas identidades, em que num processo evolutivo se introduzem e integram elementos pertencentes a outras linhas geográficas de evolução. Dos exemplos se conclui que, se na cidade globalizada se reproduz um erro, também se reproduz uma solução. No entanto, apenas em cada um dos seus contextos se poderá ditar as consequências destas acções. Apesar das semelhanças que possam ter entre os procedimentos conceptuais de Boston e Portland ou Seul, os seus efeitos demonstraram ser completamente distintos na vida da cidade.

Por isso, tal como afirma Ernesto Nathan Rogers, a acção deve ser vista caso a caso.

A existência das três dimensões separadamente é inócua, uma vez reduzindo-se a uma manifestação imposta e partidária de uma sobre as restantes. A sua co-existência tem de sobreviver de escolhas partilháveis entre si através do debate e da consolidação de tempos próprios de *acção* para cada uma. A *pólis* enquanto lugar de tensão entre tempo, políticas e teorias de organização, necessita de uma medida exacta de *mãos* e de socialização que reclame o interesse colectivo por uma cidade adaptada à cultura e às necessidades das suas gerações.

É, por isso, uma questão de uma combinatória de mobilização plena de recursos entre *mãos*, *pólis* e *acção* que se traduz conceptualmente no termo *mani-polis-acção*.

ALEXANDER, Christopher (1965) *A City is not a Tree*, *Design After Modernism: Beyond the Object*, Londres: Thames and Hudson, p. 64-84.

ALEXANDER, Christopher (1987) *A New Theory of Urban Design*, Oxford: Oxford University Press.

ALEXANDER, Christopher (2002) *The Nature of Order*, Berkeley, CA: Center for Environmental Structure.

ASCHER, François (2010) *Novos Princípios do Urbanismo e Novos Compromissos Urbanos: um léxico*, Lisboa: Livros Horizonte.

ASCHER, François (1996) *Metapolis: acerca do futuro da cidade*, Oeiras: Celta.

BANERJEE-GUHA, Swapna (2010) *Accumulation by Dispossession: Transformative Cities in The New Global Order*. Nova Deli: Publicações SAGE, India.

BECK, Ulrich (1986) *Risikogesellschaft - Auf dem Weg in eine andere Moderne*, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag.

BETTENCOURT, Luís M. A. (2007) *Growth, innovation, scaling, and the pace of life in cities*, PNAS, Vol. 104.

BURDETT, Ricky e SUDJIC, Deyan (2007) *The Endless City: The Urban Age Project by the London School of Economics and Deutsche Bank's Alfred Herrhausen Society*, Londres: Phaison Press.

BURDETT, Ricky, CRUZ, Teddy, HARVEY, David e GADANHO, Pedro (2014) *Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities*, Nova Iorque: The Museum of Modern Art.

CASTELLS, Manuel (1983) *The City and the Grassroots: A Cross-Cultural Theory of Urban Social Movements*. Berkeley and Los Angeles: The University of California Press.

CHOAY, Françoise (1994) *El Regne de L'urbà i la Mort de la Ciutat, Visions Urbanes, europea 1870-1993: la ciutat de l'artista: la ciutat de l'arquitecte*, Madrid: C.C.C.B., p. 23-32.

DAVIS, Mike (2006) *Planet of Slums*, Londres e Nova Iorque: Verso.

DAWKINS, Richard (1989) *The Selfish Gene*. 2ª Ed. Oxford: Oxford University Press.

DELEUZE, G. (1994) *Difference and Repetition*, trad. P. Patton, Londres: The Athlone Press.

- DELEUZE, G. (1986) *Foucault*, Paris: Les Éditions de Minuit.
- DOMINGUES, Álvaro (2010) *Rua da Estrada*, Porto: Dafne
- DOMINGUES, Álvaro (2011) Da cidade ao urbano em PORTAS, Nuno, DOMINGUES, Álvaro e CABRAL, João, *Políticas Urbanas II - Transformações, Regulação e Projectos*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 18-67
- DOXIADIS, Constantinos A. (1963) *Architecture in Transition*, Oxford: Oxford University Press.
- DOXIADIS, Constantinos A. (1968) *Ekistics: An Introduction to the Science of Human Settlements*. Oxford: Oxford University Press.
- FERNANDES, Edésio (2007) Construction the “Right to the City” in Brazil, em *Social and Legal Studies*, vol. 16, n.º 2, p. 201-219
- FISHER, Ronald Aylmer (1930) ‘The Nature of Inheritance’, em *The Genetical Theory of Natural Selection*, Oxford: Oxford University Press.
- FOUCAULT, M. (1982) *The Subject and Power*, in *Critical Inquiry*, Vol. 8, N.º 4, Chicago: The University of Chicago Press.
- FOUCAULT, Michel (2015) ‘Espaço, saber e poder’ [Online] Revista Punkto. Disponível em: http://www.revistapunkto.com/2015/04/espaco-saber-e-poder-michel-foucault_88.html. [Abril, 2015]
- FRIEDMANN, John (2002) *The prospect of cities*, Minneapolis: UMP.
- GAUSA, Manuel, GUALLART, Vicente e MÜLLER, Willy et al (2000) *Diccionario Metápolis de arquitectura avanzada: ciudad y tecnología en la sociedad de la información*, Barcelona: Actar.
- GAUSA, Manuel (2010) *OPEN – Espacio Tempo Información – Arquitectura, Vivienda e Ciudad Contemporánea – Teoría e Historia de un cambio*, Barcelona: Actar, p. 195.
- GOTTMANN, Jean (1989) *Since Megalopolis, The Urban Writings of Jean Gottmann*. Baltimore e Londres: The Johns Hopkins University Press.
- GUALLART, Vicente, DÍAZ, María Díaz, RODRÍGUEZ, Ma Jesús (2011) *Sociópolis: Una oportunidad para la innovación urbana*. [Online] Issole. Disponível em: <http://issole.blogspot.pt/2011/05/sociopolis-una-oportunidad-para-la.html>. [Maio, 2015]
- HALL, Peter, WARD, Colin (1998) *Sociable Cities: The Legacy of Ebenezer Howard*, Chichester e Londres: John Wiley.
- HALL, Peter (1990) *Cities of Tomorrow: An Intellectual History of Urban Planning and Design in the Twentieth Century*, Nova Iorque: Basil Blackwell.

HAYDEN, David (1996) *The Power of Place: Urban Landscape as Public History*, 2ª Ed., Cambridge: The MIT Press.

HARVEY, David (2003) 'The Right to the City', *International Journal of Urban and Regional Research*, Vol.27, No.4, p. 939-941.

HARVEY, David (2013) *Rebel Cities: From the Right to the City to the Urban Revolution*, 1ª Ed., Londres: Verso.

HARVEY, David (2014) *The Crisis of Planetary Urbanization*. [Online] Post MoMA. Disponível em: http://post.at.moma.org/content_items/520-the-crisis-of-planetary-urbanization [Novembro 2014]

INNERARITY, Daniel (2002) *La Transformación de la Política*, Barcelona: Península y Ayuntamiento de Bilbao.

JACOBS, Jane (2009) *Morte e Vida de Grandes Cidades*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes.

KAPLAN, Seth D. (2014) 'What Makes Lagos a Model City', *The New York Times Magazine*, 7 de Janeiro. Disponível em: <http://www.nytimes.com> [Janeiro]

KELLY, Kevin (1994) *Out of Control: The New Biology of Machines, Social Systems, and the Economic World*. Reading, MA, USA: Addison-Wesley.

KOOLHAAS, Rem (2001) *Delirious New York: un manifesto retroattivo per Manhattan*, Milano: Electa.

KOOLHAAS, Rem (2000) *Mutations*, Barcelona: Actar.

LEFEBVRE, Henri (1972) *O Pensamento Marxista e a Cidade*, Póvoa de Varzim: Ulisseia.

LEFEBVRE, Henri (2003) *The Urban Revolution*, Minneapolis: University of Minnesota Press.

LEFEBVRE, Henri (2012) *O Direito à Cidade*, Lisboa: Letra Livre.

LEHRER, Jonah (2010) 'A Physicist Solves the City', *The New York Times Magazine*, Sunday Magazine, p. 46.

MEADOWS, Donella H. (1974) *The Limits to growth: A report for the Club of Rome's Project on the Predicament of Mankind*, 2ª Ed., Nova Iorque: Universe Books.

MILLER, James Grier (1978) *Living Systems*, 1ª Ed., Nova Iorque: McGrawHill.

MONTANER, Josep Maria (2011) *Arquitectura y política: ensayos para mundos alternativos*, Barcelona: Gustavo Gili.

MUMFORD, L. (1962) *Mother Jacobs' Home Remedies for Urban Cancer*, The New Yorker, 1 Dezembro, p. 148.

MUMFORD, Lewis (1982) *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes.

PARK, Robert E. (1967) *On Social Control and Collective Behavior*, Chicago: Chicago University Press, p. 3

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João (2003) *Políticas Urbanas: Tendências, Estratégias, Oportunidades*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

PORTAS, Nuno, DOMINGUES, Álvaro e CABRAL, João (2011) *Políticas Urbanas II: Transformações, Regulação e Projectos*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SASSEN, Sassen (1998) *Globalization and its Discontents*, Nova Iorque: New York Press.

SASSEN, S. (2001) *The Global City: New York, London, Tokyo*. Nova Jersey: Princeton University Press, p. 5.

SASSEN, Saskia (2006) 'Why cities matter', em *Cities, Architecture and Society*, Vol.1, ed. La Biennale di Venezia, Veneza: Marsilio Editori, p. 8-47.

SENNET, Richard (2015) *On Cooperation: An Interview with Richard Sennet* por Rob Wilson [Online] Uncube Magazine, No. 34. Disponível em: <http://www.uncubemagazine.com/magazine-34-15547541.html#!/page18> [Junho, 2015]

SERAGELDIN, Ismail (1997) *The Architecture of Empowerment: People, Shelter and Livable Cities*, 1ª Ed., Londres: Academic.

SERT, Josep Lluís (1942) *Biology of Cities*, Time Magazine, 30 Novembro. Disponível em: <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,766697,00.html> [Maio 2014]

SOJA, Edward (2002) *Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions*, Oxford: Blackwell.

STARR, Chaimcey e RITTERBUSH, Philip C. (1980) *Science, Technology and the Human Prospect: Proceedings of the Edison Centennial Symposium*, Nova Iorque: Pergamon Press.

TAFURI, Manfredo (1973) *Architecture and Utopia: Design and Capitalist Development*, trad. Barbara Luigia La Penta, Cambridge: MIT Press.

TURAN, Belgin (2004) 'Architecture and technê: the impossible project of Tendenza', *Architronic* 7(1) [Online] Disponível em <http://architronic.saed.kent.edu/v7n1/v7n104a.html>

VELTZ, Pierre (1996) *Mondialisation, villes et territoires : l'économie d'archipel*, Paris: Presse Universitaires de France.

VEREGGE, Nina (1997) *Traditional Environments and the New Urbanism: A Regional and Historical Critique*, *Traditional Dwellings and Settlement Review*, p. 49-62.

VIDLER, Anthony (1976) 'The Third Typology,' em *Architectural Theory: An Anthology from 1871-2005*, Volume II, p. 417.

WOODS, Jonathan D. (2013) *Timelapse: Landsat Satellite of Climate Change* [Online] Google Earth Engine. Disponível em <http://world.time.com/timelapse>

SITES CONSULTADOS:

http://www.architectmagazine.com/design/culture/janet-echelman-knits-together-bostons-urban-fabric_o
<http://www.architects.org/category/ab-monthseason/winter-0?page=1>
<http://bunewsservice.com/from-freeway-to-greenway/>
http://www.cafeunknown.com/2011_01_01_archive.html
<http://www.cbc.ca/news/canada/toronto/looking-for-the-future-of-the-gardiner-expressway-1.2546865>
<http://gartenkunstparis.com/author/lindamiesen/>
<http://intermediatelandscapes.com/2012/03/22/10-urban-infrastructure-regeneration-projects/>
<http://www.massdot.state.ma.us/highway/TheBigDig.aspx>
<http://ngm.nationalgeographic.com/2011/04/ny-high-line/goldberger-text/1>
<http://www.preservenet.com/freeways/FreewaysCheonggye.html>
<http://www.preservenet.com/freeways/FreewaysHarbor.html>
<http://www.priberam.pt>
<http://www.thehighline.org/about>
<http://urbanplanet.info/urbanism/expressway/>

VÍDEOS:

TEDx TALKS (2012) *The End Of Power: Moises Naim*. [Online Video] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=etj4LPP8N60> [Dezembro 2014]

TEDx TALKS (2011) *Geoffrey West: The Surprising Math of Cities and Corporations* [Online Video] Disponível em http://www.ted.com/talks/geoffrey_west_the_surprising_math_of_cities_and_corporations. [Março 2015]

- 1 <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/7b/WhiteDot.svg/1000px-WhiteDot.svg.png> [Maio 2014]
- 2 KOOLHAAS, Rem (2000) *Mutations*, Barcelona: Actar. p 2-3. [Junho 2014]
BURDETT, Ricky e SUDJIC, Deyan (2007) *The Endless City: The Urban Age Project by the London School of Economics and Deutsche Bank's Alfred Herrhausen Society*, Londres: Phaison Press. [Junho 2014]
BURDETT, Ricky e SUDJIC, Deyan (2011) *Living in the Endless City*, Londres: Phaidon Press. [Junho 2014]
- 3 <https://funnelme.wordpress.com/2012/01/03/doxiadis-04-ecumenopolis> [Julho 2013]
- 4 http://www.monografica.org/prova/wp-content/uploads/2011/10/limits_to_growth.jpeg
- 5 <http://www.buckyfullernow.com/sec-3-bio-of-buckminster-fuller-1927---1947.html>
- 6 <http://evc-cit.info/cit041j/rollover/blackdot.png> [Maio 2014]
- 7 https://prosthetic aesthetics.files.wordpress.com/2012/10/04_londongrowthedit_o1.jpg
- 8 [http://www.doctormacro.com/Images/Chaplin,%20Charlie/Annex/Annex%20-%20Chaplin,%20Charlie%20\(Modern%20Times\)_04.jpg](http://www.doctormacro.com/Images/Chaplin,%20Charlie/Annex/Annex%20-%20Chaplin,%20Charlie%20(Modern%20Times)_04.jpg) [Agosto 2015]
<https://escritorluiznazario.files.wordpress.com/2013/08/a-mc3a1quina-m-transformada-em-moloch-em-metropolis.jpg> [Julho 2015]
- 9 JENCKS, Charles (2006) *Movimentos Modernos em Arquitectura*, Lisboa: Edições 70, p. 228. [Novembro 2013]
- 10 http://archiobjects.org/wp-content/uploads/2014/04/Delirious_NY_skyscraper_19091.jpg [Janeiro 2014]
- 11 <http://www.ephemerasociety.org/blog/?p=210> [Fevereiro 2014]
http://designobserver.com/media/images/03.23.14.05_525.jpg [Fevereiro 2014]
- 12 https://prosthetic aesthetics.files.wordpress.com/2012/10/04_londongrowthedit_o1.jpg
- 13 https://40.media.tumblr.com/16e44b633e06ae4c2a384ca3b29b5ad5/tumblr_n39q5dWh1y1t2x1jlo1_400.jpg [Janeiro 2015]
- 14 [http://images.adsttc.com/media/images/51fa/dffb/e8e4/4ea2/b000/0010/medium_jpg/ville_radieuse_\(1\).jpg?1375395768](http://images.adsttc.com/media/images/51fa/dffb/e8e4/4ea2/b000/0010/medium_jpg/ville_radieuse_(1).jpg?1375395768) [Janeiro 2015]
- 15 http://ecx.images-amazon.com/images/I/611PG183izL._SY344_BO1,204,203,200_.jpg [Janeiro 2015]
- 16 http://ecx.images-amazon.com/images/I/31xwy8wEeVL._SY344_BO1,204,203,200_.jpg [Janeiro 2015]
- 17 <http://www2.kokugakuin.ac.jp/hisgeo/zentralort.JPG> [Março 2015]
[http://3.bp.blogspot.com/_zzl_dcZrSAw/TGnf_XliSdI/AAAAAAAAABFs/KIWKUHhisEc/s1600/christaller\(small\).jpg](http://3.bp.blogspot.com/_zzl_dcZrSAw/TGnf_XliSdI/AAAAAAAAABFs/KIWKUHhisEc/s1600/christaller(small).jpg) [Março 2015]
- 18 http://farm7.static.flickr.com/6135/6208380488_8947b0b7c7_b.jpg
- 19 <https://covers.openlibrary.org/b/id/5648615-M.jpg> [Dezembro 2013]
- 20 <https://covers.openlibrary.org/b/id/6515727-M.jpg> [Junho 2015]
- 21 <http://users.hol.gr/~bio/HTML/PUBS/VOL2/graphs/p219.gif> [Junho 2015]
- 22 <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/00/fb/7d/00fb7de577f6483d5c9d108aa877f2ad.jpg> [Junho 2015]
- 23 JACOBS, Jane (2009) *Morte e Vida de Grandes Cidades*, 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes.

- 24 http://www.environment.ucla.edu/media/files/Geoffrey-West_UCLA_2-minus-copyright-slides-ud-p2n.pdf [Março 2015]
- 25 TEDx TALKS (2011) *Geoffrey West: The Surprising Math of Cities and Corporations* [Online Video] Disponível em http://www.ted.com/talks/geoffrey_west_the_surprising_math_of_cities_and_corporations. [PrintScreen] [Março 2015]
- 26 <https://encrypted-tbn3.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQYNTX4PDpBH2d5ndlEwysFD6HOt2kJUhE6Ay20eWvI2mCYrSrY> [Março 2015]
- 27 TEDx TALKS (2011) *Geoffrey West: The Surprising Math of Cities and Corporations* [Online Video] Disponível em http://www.ted.com/talks/geoffrey_west_the_surprising_math_of_cities_and_corporations. [PrintScreen] [Março 2015]
- 28 Idem.
- 29 <http://cw.routledge.com/textbooks/9780415803984/images/gallery/Figure-10-1.jpg>
<https://scodpub.files.wordpress.com/2011/03/city-group.png> [Janeiro 2015]
http://25.media.tumblr.com/tumblr_m2x4m5SEAL1rrtfifo1_500.jpg [Janeiro 2015]
- 30 <http://f.tqn.com/y/architecture/1/S/I/3/1/1950s-Cape-Cod-Houses.jpg> [Abril 2015]
http://userdisk.webry.biglobe.ne.jp/003/623/25/N000/000/000/daly_city_california_small.jpg [Abril 2015]
http://imagem.band.com.br/f_300911.jpg [Abril 2015]
- 31 <http://benking.de/trans-form-panorama.jpg> [Agosto 2015]
 Idem. [Agosto 2015]
- 32 https://parisianfields.files.wordpress.com/2011/12/baron_haussmann.jpg
- 33 https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/25/Paris_Avenue_des_Champs-%C3%89lys%C3%A9es_um_1900.jpg [Março 2015]
- 34 https://societyandspace.files.wordpress.com/2014/01/09_boulevard-de-sc3a9bastopol.jpg [Março 2015]
- 35 http://www.newyorker.com/wp-content/uploads/2007/02/070205_r15909_p646-320.jpg [Março 2015]
- 36 http://cdn.lrb.co.uk/assets/edillus/turn02_3603_01.jpg [Junho 2015]
- 37 <https://glenwalls.files.wordpress.com/2014/03/le-corbusier.jpg> [Setembro 2015]
- 38 <http://galessandrini.blogspot.pt/2012/09/world-trade-center-views-1994-1998.html>
- 39 <http://www.jfkl.org.my/wp-content/uploads/2013/08/5.jpg> [Maio 2015]
http://tablet.todayonline.com/sites/default/files/styles/ipad_article_highlight/public/23392243.JPG?itok=wFuA4dvG [Maio 2015]
<https://relocatingtomumbai.files.wordpress.com/2013/07/ashok-towers-sale.jpg>
- 40 <http://3.bp.blogspot.com/-FW0oeYJ2W00/UixJzigSMFI/AAAAAAAAABOI/OvfNlnW-C0/s1600/hubspoke.jpg> [Setembro 2015]
- 41 JENCKS, Charles (2006) *Movimentos Modernos em Arquitectura*, Lisboa: Edições 70, p. 334. [Julho 2015]
- 42 <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/d4/45/a6/d445a6551735cc029f57a00f7e142587.jpg> [Julho 2015]
- 43 <http://www.suhrkamp.de/cover/640/11365.jpg> [Julho 2015]
- 44 http://ecx.images-amazon.com/images/I/516P2QSuzjL._SY300_.jpg
- 45 <http://adm.monash.edu/records-archives/archives/memo-archive/2004-2007/assets/images/20060621/angela-brennan.jpg>
- 46 <http://statics.livrariacultura.net.br/products/capas/902/42690902.jpg>
- 47 http://www.newyorker.com/wp-content/uploads/2013/08/Censorship_1500.jpg

- 48 <http://iberosphere.com/2011/10/news-from-spain-greatest-export-protest-and-outrage/3845> [Março 2015]
http://www.aljazeera.com/mritems/Images/2011/5/27/201152723364601734_20.jpg
- 49 http://www.anotherafrica.net/wp/wp-content/uploads/2011/10/YandR_Top.jpg
- 50 <http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/12514694.jpg> [Abril 2015]
http://mirror-us-ga1.gallery.hd.org/_exhibits/places-and-sights/_more1998/_more03/Italy-Rome-talking-statue-mono-ATE.jpg [Abril 2015]
- 51 http://www.gallimard.fr/var/storage/images/product/069/product_9782070352166_195x320.jpg
- 52 <http://eastcentralcc.org/wp-content/uploads/2011/11/jane-jacobs.jpg> [Abril 2014]
- 53 <https://ephemeralnewyork.wordpress.com/2014/04/12/the-1950s-plan-for-a-washington-square-highway/>
- 54 <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/thumb/9/96/Wsv3.jpg/535px-Wsv3.jpg>
<http://i1.wp.com/99percentinvisible.org/wp-content/uploads/2013/11/robert-moses-highway-plan.jpg?resize=530%2C407> [Abril 2014]
- 55 http://www.af-z.ch/files/image/bild_bsa_strasse_lebt.jpg [Abril 2014]
- 56 <http://www.hugchina.com/photos/gallery/5200376-nail-house-04-800x533.jpg>
<http://lh4.ggpht.com/-gudI5GIrn18/UMolWAWl6nI/AAAAAAAAAhq8/YPdZwEOHT48/toughest-nail-houses-147.jpg?imgmax=800> [Abril 2015]
- 57 <http://www.occupy.com/sites/default/files/revolution.jpg> [Maio 2015]
http://40.media.tumblr.com/36f0327bb0538ba08cd00fdb80e84680/tumblr_mnx4f9AIH51q127lzo1_1280.jpg [Maio 2015]
- 58 http://cdn.papodehomem.com.br/wp-content/uploads/2013/06/protesto-paulista-passage-confronto20130607-0001-size-598_2.jpg
- 59 <http://static.guim.co.uk/sys-images/Guardian/Pix/pictures/2015/1/16/1421422119615/c0236a14-6583-4b3e-987c-4159bb4ccb1c-2060x1236.jpeg>
- 60 http://i.telegraph.co.uk/multimedia/archive/02066/friday-prayers_2066808i.jpg
- 61 <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/74/8d/dd/748ddd9bc8f6c46d8bb1f556cb93f190.jpg>
- 62 <http://www.notbored.org/naked-city.gif> [Agosto 2015]
- 63 <http://www.natureoforder.com/nobk1.jpg> [Maio 2015]
- 64 <https://designerlythinking.files.wordpress.com/2011/04/pruitt-igoe.jpg>
- 65 <http://www.portlandonline.com/shared/cfm/image.cfm?id=24742> [Julho 2015]
- 66 http://imgick.oregonlive.com/home/olive-media/width620/img/portland_impact/hoto/14512157-mmmain.jpg [Agosto 2015]
- 67 <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1689531> [Agosto 2015]
- 68 <http://cdn.c.photoshelter.com/img-get/I0000DjIivBbHBMA/s/800/800/Portland-Waterfront-3-21-13-5D-001.jpg> [Julho 2015]
- 69 <http://portland.heathmanhotel.com/resourcefiles/MainImages/portland-oregon-tommccall-waterfront-park-top.jpg73> [Julho 2015]
- 70 <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/48/10/a4/4810a4a14d02bc3b2d76fc72d448fb65.jpg75> [Abril 2015]
- 71 http://www.megliocrudo.it/wp-content/uploads/2014/05/122899917_paris_389181c.jpg [Abril 2015]
- 72 <http://europeantrips.org/wp-content/uploads/2012/04/Promenade-Plant%C3%A9e-History.jpg> [Agosto 2015]

- 73 <http://sobreurbana.com/blog/wp-content/uploads/2013/07/la-promenade-plantee1.jpg>
- 74 <http://www.giardini-mondo.it/pics/imgBig/fr-001.-paris-la-promenade-plantee.jpg>
- 75 http://farm1.static.flickr.com/56/191119592_f5fe50bb32.jpg [Maio 2015]
- 76 http://images.adsttc.com/media/images/5390/609f/c07a/805c/ea00/0327/large_jpg/1398188617_embarcadero_freeway_en_los_a_os_60___telstar_logistics_flickr.jpg?1401970834 [Julho 2015]
- <http://www.streetfilms.org/wp-content/uploads/sites/8/2007/02/embarcadero-1.jpg>
- 77 http://imgs.sfgate.com/inline/c/pxs/2004/10/17/mn_embarefwy-teardown_vm.jpg
- 78 http://media.bizj.us/view/img/4024951/embarcaderooverviewslidertease*1200xx1761-991-0-163.jpg [Maio 2015]
- 79 http://www.machado-silvetti.com/PERSPECTIVES/150803_DeweySquare/img4.jpg
- 80 http://affordablehousinginstitute.org/blogs/us/wp-content/uploads/central_artery_1964_june_10_joined.jpg [Agosto 2015]
- 81 http://www.yelp.com/biz_photos/rose-fitzgerald-kennedy-greenway-boston?select=ivNfApJO5a1GVVO1cpPvzQ [Julho 2015]
- 82 <http://www.archnewsnow.com/features/Feature229.htm> [Maio 2015]
- 83 http://www.celsobarrigraphography.com/2014/Spring-2014/Memorial-Day-2014/i-Ctb6s25/3/XL/20140524_Boston_Memorial_Day_11625-XL.jpg [Agosto 2015]
- 84 <https://grassroots.groupon.com/files/2012/04/rose-f-kennedy-greenway-conservancy-v2.jpg> [Agosto 2015]
- 85 <http://4.bp.blogspot.com/-HTpxFnBBKt0/TjIiC4nCRvI/AAAAAAAAAio/ytDjk57mDhE/s1600/1965%25EC%25B2%25AD%25EA%25B3%2584%25EC%25B2%259C2.jpg>
- 86 <http://4.bp.blogspot.com/-4AxREwCMs6c/TfJjakYR5FI/AAAAAAAAAi0/dyvafoQV DzI/s1600/60%25EB%2585%2584%25EB%258C%258012.jpg> [Julho 2015]
- 87 http://farm9.staticflickr.com/8281/7756590992_b483478271_c.jpg [Julho 2015]
- 88 http://www.urbanist-magazin.de/wp-content/uploads/2015/04/05-SEOUL-Cheonggyecheon-Expressway-%C2%A9-Seoul-Metropolitan-Government_0.jpg?6bb999
- 89 http://2.bp.blogspot.com/_-CWa36bt7UA/SwVZXkgYtI/AAAAAAAAAlw/TPCrNAe0T4Q/s1600/cheonggyecheon-aerial.gif [Agosto 2015]
- 90 <http://www.gwarlingo.com/wp-content/uploads/2011/12/Construction-of-High-Line.jpg>
- 91 http://www.barrarchitects.net/wp-content/uploads/2013/06/lopate-high-line-2_525.jpg
- 92 <http://www.gwarlingo.com/wp-content/uploads/2011/12/Joel-Sternfeld-Save-the-Tracks-High-Line-550x436.jpg> [Julho 2015]
- 93 http://art.thehighline.org/wp-content/uploads/2013/07/2_Sternfeld_Joel_PhotoBillOrcutt_04.jpg [Julho 2015]
- 94 <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/ee/bf/e9/eebfe99de6af2689464bc55593800e96.jpg> [Setembro 2015]

